



**TÉCNICO**  
LISBOA



**Modelação do impacte do prolongamento do molhe norte  
da embocadura do rio Mondego nas praias adjacentes a  
sul**

**João Nuno Correia Oliveira**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em

**Engenharia Civil**

Orientadores: Professor Doutor António Alexandre Trigo Teixeira,

Doutora Filipa Simões de Brito Ferreira de Oliveira

**Júri**

Presidente: Professor Doutor Luís Manuel Coelho Guerreiro  
Orientador: Professor Doutor António Alexandre Trigo Teixeira  
Vogal: Professor Doutor Carlos Daniel Borges Coelho

**Setembro de 2016**



## Dedicatória

*Aos meus pais.*



## Resumo

A necessidade de proteger as povoações costeiras e mitigar o efeito erosivo observado na costa oeste portuguesa, resultante da carência sedimentar, levou a que a extensão de 30 km de linha de costa (LC) a sul da Figueira da Foz tenha sido fortemente intervencionada através da construção de esporões e defesas longitudinais aderentes. Este estudo caracteriza a agitação marítima e o transporte sedimentar potencial por ela induzido a sul da embocadura do rio Mondego, no período de 1952 a 2010. Com base na análise estatística de uma série temporal de parâmetros de onda (*hindcast*), identificou-se um regime com grande variabilidade interanual e sazonal e bastante energético, com 40% de ocorrência de Hs superior a 2 m e direção média 299.5°N. Do cálculo do transporte longitudinal potencial (*LITDRIFT*) destacam-se valores anuais bastante variáveis, entre 580-1500 x10<sup>3</sup>m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>, com deriva para sul de média 385 x10<sup>3</sup>m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup> em 78% dos anos, identificando-se também a distribuição transversal do transporte longitudinal na zona ativa, com extensão variável (~2000 m). Entre 2008 e 2010 foi prolongado o molhe norte da embocadura do rio Mondego em cerca de 400 m, motivando o principal objetivo do presente estudo: avaliar o impacto desse prolongamento nas praias a sul, recorrendo a modelação numérica (*LITLINE*). O modelo de evolução de LC foi calibrado (1996-2001) e verificado (2001-2008) com base em LC observadas e dados de agitação marítima sinóticos. A previsão da evolução nos 12 anos subsequentes ao prolongamento evidencia um recuo generalizado da LC, acentuado a sotamar dos esporões existentes.

**Palavras-chave:** Modelação numérica, Agitação marítima, Transporte sedimentar longitudinal, Evolução da linha de costa, Erosão, Figueira da Foz.



## Abstract

The need to protect coastal populations and mitigate the shortage of sediments and the consequent erosive effect observed in the Portuguese west coast, led to the massive construction of groynes and revetments along the study area, a coastline extension of 30 km south of Figueira da Foz. This study characterizes the wave climate and the induced potential sediment transport south of the Mondego river inlet, from 1952 to 2010. Based on the statistical analysis of a wave parameters' time series (hindcast), a wave climate with high interannual and seasonal variations and highly energetic, with 40% of  $H_s$  occurrence greater than 2 m and a mean wave direction of  $299.5^\circ\text{N}$ , was identified. The calculated potential longshore sediment transport (*LITDRIFT*) revealed highly variable annual figures, ranging between  $580\text{-}1500 \times 10^3\text{m}^3\cdot\text{year}^{-1}$ , with south directed drift averaged  $385 \times 10^3\text{m}^3\cdot\text{year}^{-1}$  during 78% of the study period. The cross-shore distribution of the longshore transport was identified in the active zone, with variable length ( $\sim 2000$  m). Between 2008 and 2010 the north jetty of the Mondego river's inlet was extended about 400 m, motivating the main goal of this study: to evaluate the impact of this extension on the southern beaches, using numerical modelling (*LITLINE*). The coastline evolution model was calibrated for the period 1996-2001 and validated for the period 2001-2008, based on measured coastlines and synoptic wave climate data. The predictions for the 12 subsequent years to the extension point out a widespread retreat of the coastline, enhanced downdrift of the existing groynes.

**Keywords:** Numerical modelling, Wave climate, Longshore sediment transport, Coastline evolution, Erosion, Figueira da Foz.



## Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora no LNEC, Doutora Filipa Simões de Brito Ferreira de Oliveira, por todo o acompanhamento, dedicação, apoio e incentivo durante a realização desta dissertação, e também pela sua orientação e apoio nas participações em eventos científicos que este trabalho possibilitou. Pela constante partilha de conhecimento científico, do espírito de investigação e todo o feedback que, como dizem, é o pequeno-almoço dos campeões. Agradeço ainda a sua paciência e compreensão ao longo deste processo, e o facto de se dedicar de corpo e alma a todos os projetos em que se envolve, com enorme rigor científico e, no entanto, uma humildade inigualável. Este trabalho não teria sido possível sem a sua orientação e contribuição.

Agradeço ao meu orientador no IST, Professor Doutor António Alexandre Trigo Teixeira, pela oportunidade que me proporcionou ao confiar-me a realização desta dissertação, com toda a investigação que a acompanhava. Agradeço o seu apoio, disponibilidade e contribuição científica ao longo da realização deste trabalho e as aprendizagens que me proporcionou.

Agradeço ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil pelos recursos disponibilizados para a realização desta dissertação e todo o apoio e disponibilidade demonstrada pelos seus colaboradores. Agradeço à DGT, ao DHI e às restantes pessoas envolvidas neste trabalho, direta ou indiretamente.

Agradeço aos meus pais por todo o seu apoio, amor incondicional e por serem o meu modelo de coragem. Pelos seus sacrifícios, por sempre acreditarem em mim e por me dizerem as palavras certas nos momentos mais indicados, mesmo sem saberem. A eles devo tudo o que sou e tenho, e a eles dedico esta dissertação. Agradeço ao meu irmão, aos meus avós e restante família pela força, apoio e por acreditarem no meu potencial. Um simples obrigado não é suficiente.

Agradeço à Ana Margarida Alegre, sem dúvida a pessoa que mais de perto acompanhou o meu percurso de vida, pessoal e académico, na última década. Pela motivação, por ter sido o meu pilar e pela forma como sempre trouxe o meu mundo “de volta à realidade”. Ao que passámos nos 9 anos que crescemos juntos devo quem sou hoje e sempre a guardarei no coração.

Agradeço a todos os meus amigos, primos e colegas de casa. Pelo divertimento entre os períodos de estudo, pela companhia nas noites infundáveis de trabalho, por todas as experiências e bons momentos que passámos juntos, e por serem a minha família longe de casa. Àqueles que se mantiveram grandes amigos mesmo quando o tempo e distância aumentavam na confusão da vida do dia-a-dia.

Thanks to all the friends I made along the last years of this journey, for the support, working company and good times. Even though our paths may no longer be the same, you were an important part of my journey. You made my heart much bigger.

Por fim, agradeço a todos os professores que cruzaram o meu caminho ao longo do percurso académico que culmina com esta dissertação, por todos os caminhos que me mostraram e todas as portas que me abriram.

Agradeço especialmente a todos aqueles que me estenderam a mão e me trouxeram luz quando a vida não fazia sentido. Obrigado por manterem acesa a chama do meu coração.



# Índice

|  |      |
|--|------|
| Dedicatória .....  | i    |
| Resumo .....   | iii  |
| Abstract .....   | v    |
| Agradecimentos.....  | vii  |
| Índice.....  | ix   |
| Índice de figuras .....  | xiii |
| Índice de quadros .....  | xvii |
| Simbologia.....  | xix  |
| 1. Introdução.....   | 1    |
| 1.1. Motivação, objetivo e metodologia .....                                       | 1    |
| 1.2. Organização da dissertação .....  | 3    |
| 2. Dinâmica litoral da zona de estudo: enquadramento e revisão da literatura ..... | 5    |
| 2.1. Enquadramento.....  | 5    |
| 2.2. Evolução da costa: do Cabo Mondego à embocadura do rio Lis.....               | 8    |
| 3. Hidrodinâmica .....   | 13   |
| 3.1. Agitação Marítima.....  | 13   |
| 3.1.1. Dados e método.....   | 13   |
| 3.1.2. Regime geral .....  | 14   |
| 3.1.3. Sazonalidade.....   | 19   |
| 3.1.4. Comparação com outros estudos.....  | 25   |
| 3.2. Nível do mar .....  | 33   |
| 4. Topo-hidrografia e sedimentologia.....  | 35   |
| 4.1. Perfil de praia e sedimentos.....   | 35   |
| 4.1.1. Dados e método.....   | 35   |
| 4.1.2. Resultados.....   | 39   |
| 4.2. Linhas de costa .....   | 39   |
| 5. Modelação do transporte sedimentar longitudinal potencial .....                 | 41   |
| 5.1. Análise de sensibilidade .....  | 41   |
| 5.1.1. Altura de onda .....  | 42   |
| 5.1.2. Direção de onda.....  | 43   |

|        |  |        |
|--------|--|--------|
| 5.1.3. | Período de onda .....  | 43     |
| 5.1.4. | Rugosidade de fundo .....  | 44     |
| 5.1.5. | Diâmetro mediano dos sedimentos .....  | 44     |
| 5.1.6. | Morfologia – perfil transversal.....   | 45     |
| 5.2.   | Transporte sedimentar potencial.....   | 46     |
| 5.2.1. | Variabilidade interanual.....  | 47     |
| 5.2.2. | Ano de transporte potencial total médio.....   | 50     |
| 5.2.3. | Anos de Qs Sul e Qs Norte médios e máximos .....                                       | 53     |
| 6.     | Modelação da evolução da linha de costa .....  | 57     |
| 6.1.   | Introdução .....   | 57     |
| 6.2.   | Modelo conceptual.....   | 57     |
| 6.2.1. | Condições de fronteira .....   | 58     |
| 6.2.2. | Parametrização do modelo <i>LITLINE</i> .....  | 59     |
| 6.3.   | Calibração e validação.....  | 61     |
| 6.4.   | Previsão do impacte do prolongamento do molhe norte .....                              | 69     |
| 6.4.1. | Evolução pós-prolongamento do molhe.....   | 69     |
| 6.4.2. | Impacte do prolongamento do molhe norte.....   | 72     |
| 6.5.   | Clima de agitação marítima alternativo .....   | 76     |
| 7.     | Considerações finais e recomendações.....  | 79     |
|        | Referências bibliográficas .....   | 81     |
| A.     | <i>LITPACK</i> – Sistema de modelos integrados para processos de dinâmica litoral..... | A.i    |
| A.1.   | <i>LITSTP – Sediment Transport Module</i> .....  | A.i    |
| A.1.1. | Formulação científica .....  | A.ii   |
| A.2.   | <i>LITDRIFT – The Longshore Current and Littoral Drift Module</i> .....                | A.iv   |
| A.2.1. | Formulação científica .....  | A.v    |
| A.2.2. | <i>Input e output</i> .....  | A.v    |
| A.3.   | <i>LITLINE – The Coastline Evolution Module</i> .....                                  | A.vii  |
| A.3.1. | Formulação científica .....  | A.viii |
| A.3.2. | <i>Input e output</i> .....  | A.ix   |
| A.4.   | Conversão dos principais dados coligidos em ficheiros de <i>input</i> .....            | A.ix   |
| A.4.1. | <i>Cross-shore Profile</i> .....   | A.ix   |

|        |                                  |     |
|--------|----------------------------------|-----|
| A.4.2. | <i>Annual Wave Climate</i> ..... | A.x |
| B.     | Elementos adicionais .....       | B.i |



## Índice de figuras

|  |    |
|--|----|
| Figura 2.1 – Localização da zona de estudo, pormenor das principais estruturas e centros urbanos adjacentes e coordenadas do ponto de obtenção da série de dados de agitação marítima (AM). (Fonte: Google Maps, dezembro de 2014). .....              | 6  |
| Figura 3.1 – Histogramas de Hs e Tp relativos ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.....  | 15 |
| Figura 3.2 – Histograma polar de Dir em classes de 5°, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....   | 15 |
| Figura 3.3 – Histograma conjunto Dir-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....  | 17 |
| Figura 3.4 – Histograma conjunto Tp-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....   | 18 |
| Figura 3.5 – Histograma conjunto Dir-Tp, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....  | 19 |
| Figura 3.6 – Histograma duplo (inverno e verão marítimos) de Hs. ....  | 21 |
| Figura 3.7 – Histograma duplo (inverno e verão marítimos) de Tp. ....  | 21 |
| Figura 3.8 – Histograma duplo (inverno e verão marítimos) e histograma polar de Dir, com referência à orientação média da linha de costa (LC), 19.5°N. ....  | 21 |
| Figura 3.9 – Histogramas polares de Dir em classes de 5°, relativos ao inverno e verão marítimos. ..   | 22 |
| Figura 3.10 – Média e quartis (escala da esquerda), e desvio-padrão (escala da direita) mensais relativos a Hs (a), Tp (b) e Dir (c), para o regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.....                                  | 24 |
| Figura 3.11 – Histograma duplo, comparativo de Hs no período total. ....   | 28 |
| Figura 3.12 – Histograma duplo, comparativo de Dir no período total. ....  | 28 |
| Figura 3.13 – Histograma duplo, comparativo de Hs no inverno marítimo.....   | 30 |
| Figura 3.14 – Histograma duplo, comparativo de Dir no inverno marítimo.....  | 30 |
| Figura 3.15 – Histograma duplo, comparativo de Hs no verão marítimo.....   | 31 |
| Figura 3.16 – Histograma duplo, comparativo de Dir no verão marítimo. ....   | 31 |
| Figura 4.1 – Parte do modelo digital do terreno da zona costeira delimitada pelas embocaduras dos rios Lis e Mondego, zona de estudo, adaptado de Oliveira (2014). ....  | 35 |
| Figura 4.2 – Localização dos perfis transversais de praia, P1 a P18, na zona costeira delimitada pelas embocaduras dos rios Lis e Mondego, zona de estudo, adaptado de Oliveira (2014). ....   | 36 |
| Figura 4.3 – Esquema representativo das zonas em que normalmente se divide a praia. Imagem adaptada de <a href="http://www.aprh.pt/rgci/glossario/praias.html">http://www.aprh.pt/rgci/glossario/praias.html</a> (consultado em outubro de 2015). .... | 36 |
| Figura 4.4 – Perfil de praia P7 e perfil de equilíbrio para $d_{50}=0.3$ mm, adaptado de Oliveira (2014). ..   | 39 |
| Figura 5.1 – Convenção de sinais adotada para o sentido do transporte longitudinal:.....   | 41 |
| Figura 5.2 – Relação entre Qs e $H_{rms}$ resultante da análise de sensibilidade à altura de onda. ....  | 42 |
| Figura 5.3 – Relação entre Qs e $\alpha_0$ resultante da análise de sensibilidade à direção média incidente. ....  | 43 |
| Figura 5.4 – Relação entre Qs e $T_z$ resultante da análise de sensibilidade ao período de onda.....   | 43 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 5.5 – Relação entre Qs e k resultante da análise de sensibilidade à rugosidade de fundo.....  | 44 |
| Figura 5.6 – Relação entre Qs e $d_{50}$ resultante da análise de sensibilidade ao diâmetro mediano dos sedimentos. ....   | 45 |
| Figura 5.7 – Perfil transversal P7 e respetiva curva de Qs para análise de sensibilidade à morfologia. ....  | 45 |
| Figura 5.8 – Perfis transversais P4, P10, P13 e P17 e respetivas curvas de Qs para análise de sensibilidade à morfologia.....  | 46 |
| Figura 5.9 – Transporte sedimentar potencial anual para o período de 1952 a 2010.....  | 49 |
| Figura 5.10 – Transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo e diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir, para 1994.....   | 51 |
| Figura 5.11 – Série temporal de $H_{rms}$ e Dir para 1994. ....  | 51 |
| Figura 5.12 – Série temporal de Qs normalizado e acumulado para 1994. ....   | 52 |
| Figura 5.13 – Qs Norte, Sul, Resultante e Total para o verão marítimo de 1994 e inverno marítimo de 1994-1995. ....  | 53 |
| Figura 5.14 – Transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo e diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir, para 1986.....   | 54 |
| Figura 5.15 – Diagramas: a) de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir para 1956; e b) de frequência de ocorrência discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir para 1986. ....  | 54 |
| Figura 5.16 – Transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo e diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir, para 1978.....   | 56 |
| Figura 5.17 – Diagramas: a) de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir para 1974; e b) de frequência de ocorrência discretizado por classes dos parâmetros $H_{rms}$ e Dir para 1978. ....  | 56 |
| Figura 6.1 – Modelo conceptual adotado para modelação da evolução da linha de costa. ....  | 58 |
| Figura 6.2 – Sub-trechos da zona de estudo, com a linha de costa medida em julho de 2008.....  | 60 |
| Figura 6.3 – Parametrização da zona ativa do perfil transversal utilizada pelo modelo <i>LITLINE</i> , adaptado de DHI (2014b).....  | 60 |
| Figura 6.4 – Resultados da calibração: linhas de costa medidas em 1996 e 2001, e linhas de costa numéricas referentes a 2001 para os valores de k testados. ....   | 65 |
| Figura 6.5 – Resultados da validação: linhas de costa medidas em 2001 e 2008, linha de costa numérica referente a 2008 (1 julho), linhas de costa representativas de máximos Qs Sul e Qs Norte e linhas de avanços e recuos extremos no primeiro semestre de 2008..... | 68 |
| Figura 6.6 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2010, 2014, 2018 e 2022 (1 julho), obtidas para o cenário de prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego. ....                               | 70 |
| Figura 6.7 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2016 e 2022 (1 julho), obtidas para os cenários com e sem prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego. ....                                  | 75 |

|  |        |
|--|--------|
| Figura 6.8 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2010, 2014, 2018 e 2022 (1 julho), obtidas para o cenário de prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego e clima de agitação marítima alternativo..... | 78     |
| Figura A.1 – Representação do algoritmo do módulo computacional <i>LITDRIFT</i> .....  | A.vii  |
| Figura A.2 – Definição da conservação de volume sedimentar para evolução da linha de costa numa secção de controlo, retirado de: a) Horikowa (1988), b) Taborda e Ribeiro (2016). ....   | A.viii |
| Figura A.3 – Representação do algoritmo do módulo computacional <i>LITLINE</i> . ....  | A.ix   |
| Figura B.1 – Histogramas mensais de Hs relativos ao clima de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....   | B.i    |
| Figura B.2 – Histogramas mensais de Tp relativos ao clima de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....   | B.ii   |
| Figura B.3 – Histogramas polares de Dir, em classes de 5°, relativos ao clima de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....   | B.iii  |
| Figura B.4 – Histograma conjunto Dir-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, do regime observado ao largo na Figueira da Foz (Capitão <i>et al.</i> , 1997) no período de 1984 a 1996. ....   | B.v    |
| Figura B.5 – Histograma conjunto Dir-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime de agitação marítima do presente estudo no período de 1984 a 1996. ....   | B.vi   |
| Figura B.6 – Declive da face de praia dos perfis P1 a P18, localizados na zona costeira delimitada pelas embocaduras dos rios Lis e Mondego, zona de estudo, adaptado de Oliveira (2014). ....   | B.vii  |
| Figura B.7 – Perfis de praia representativos de cada sub-trecho da zona de estudo e perfis de equilíbrio para vários $d_{50}$ , adaptado de Oliveira (2014). ....  | B.vii  |
| Figura B.8 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2016 e 2022 (1 julho), obtidas para os cenários de clima de agitação marítima de referência e alternativo. ....  | B.ix   |



## Índice de quadros

|   |        |
|---|--------|
| Quadro 3.1 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Tp e Dir no regime geral. ....   | 14     |
| Quadro 3.2 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Tp e Dir, no período de inverno marítimo. ....   | 19     |
| Quadro 3.3 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Tp e Dir, no período de verão marítimo. ....   | 20     |
| Quadro 3.4 – Parâmetros estatísticos mensais relativos a Hs, Tp e Dir, para o regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010. ....                                 | 23     |
| Quadro 3.5 – Clima de agitação marítima ao largo do porto da Figueira da Foz de 1954 a 1960 (7 anos). ....  | 26     |
| Quadro 3.6 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Dir e Tp do regime geral (1984-1996), do presente estudo. ....   | 28     |
| Quadro 3.7 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Dir e Tp no inverno marítimo (1984-1996), do presente estudo. ....   | 29     |
| Quadro 3.8 - Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Dir e Tp no verão marítimo (1984-1996), do presente estudo. ....   | 31     |
| Quadro 3.9 – Valores médios de Hs e Dir nos períodos 1995-96 e 1989-98. ....  | 32     |
| Quadro 3.10 – Previsões do nível do mar obtidas através do <i>WXTide</i> e do IH. ....  | 34     |
| Quadro 4.1 – Relação entre $d_{50}$ e o parâmetro $A$ da Equação 4.1 do perfil de equilíbrio. ....  | 37     |
| Quadro 5.1 – Parâmetros de caracterização do caso de referência para análise de sensibilidade ao transporte sedimentar. ....  | 42     |
| Quadro 5.2 – Estatísticas relativas ao transporte sedimentar potencial para o período de 1952 a 2010. ....  | 47     |
| Quadro 5.3 – Transporte sedimentar potencial anual para o período de 1952 a 2010. ....  | 48     |
| Quadro 5.4 – Componentes de $Q_s$ para anos de transporte médio e máximo. ....  | 50     |
| Quadro 6.1 – Parametrização da zona ativa do perfil transversal de praia. ....  | 61     |
| Quadro 6.2 – Classificação de desempenho de modelos morfodinâmicos pelo método Brier Skill Score. ....  | 62     |
| Quadro 6.3 – Evolução média relativa da linha de costa devida ao prolongamento, entre 1 de julho de cada ano do período em análise, na zona de estudo e nos sub-trechos indicados. .... | 73     |
| Quadro B.1 – Parâmetros de caracterização dos casos em estudo para análise de sensibilidade ao transporte sedimentar induzido por eventos com duração de 6h. ....                       | B.viii |



## Simbologia

|                          | <b>Definição</b>   | <b>Dimensão</b> |
|--------------------------|--|-----------------|
| <i>A</i>                 | Parâmetro de declividade na formulação de Dean (1987)  | $L^{1-m}$       |
| <i>C</i>                 | Concentração de sedimentos em suspensão  | $ML^{-3}$       |
| <i>C<sub>b</sub></i>     | Concentração de sedimentos em suspensão na base da camada limite                             | $ML^{-3}$       |
| <i>D</i>                 | Profundidade   | L               |
| <i>d<sub>c</sub></i>     | Profundidade de fecho  | L               |
| <i>d<sub>i</sub></i>     | Diâmetro representativo $d_i$ na formulação de Rubey (1933)                                  | L               |
| <i>d<sub>y</sub></i>     | Diâmetro relativamente ao qual <i>y</i> % das partículas, em peso, têm diâmetro inferior     | L               |
| <i>E</i>                 | Coefficiente de transferência de momento   | -               |
| <i>g</i>                 | Aceleração da gravidade  | $LT^{-2}$       |
| <i>h<sub>act</sub></i>   | Altura ativa do perfil transversal de praia  | L               |
| <i>H<sub>0</sub></i>     | Altura de onda ao largo  | L               |
| <i>H<sub>e</sub></i>     | Altura de onda excedida 12h/ano  | L               |
| <i>H<sub>rms</sub></i>   | Altura de onda média quadrática  | L               |
| <i>H<sub>s</sub></i>     | Altura de onda significativa   | L               |
| <i>k</i>                 | Rugosidade de fundo  | L               |
| <i>m</i>                 | Expoente adimensional na formulação de Dean (1987)   | -               |
| <i>q<sub>b,x</sub></i>   | Taxa volumétrica de transporte de fundo segundo a direção x                                  | $L^3T^{-1}$     |
| <i>q<sub>b,y</sub></i>   | Taxa volumétrica de transporte de fundo segundo a direção y                                  | $L^3T^{-1}$     |
| <i>Q<sub>net</sub></i>   | Saldo de caudal sólido que atravessa uma secção transversal num determinado período de tempo | $L^3T^{-1}$     |
| <i>q<sub>s</sub></i>     | Caudal sólido representativo do transporte médio de sedimentos em suspensão                  | $L^3T^{-1}$     |
| <i>Q<sub>s</sub></i>     | Transporte sedimentar longitudinal potencial anual   | $L^3T^{-1}$     |
| <i>Q<sub>sou</sub></i>   | Volume de sedimentos referente a fontes/sumidouros por metro de largura de praia             | $L^3T^{-1}$     |
| <i>Q<sub>gross</sub></i> | Caudal sólido total que atravessa uma secção transversal num determinado período de tempo    | $L^3T^{-1}$     |
| <i>s</i>                 | Densidade relativa dos sedimentos  | $M^0L^0T^0$     |
| <i>S<sub>xy</sub></i>    | Componente tangencial das tensões de radiação  | $L^3T^{-2}$     |
| <i>T</i>                 | Período de onda  | T               |
| <i>T<sub>e</sub></i>     | Período de onda associado a <i>H<sub>e</sub></i>   | T               |
| <i>T<sub>p</sub></i>     | Período de pico  | T               |
| <i>T<sub>z</sub></i>     | Período de zero ascendente   | T               |
| <i>U</i>                 | Velocidade média do escoamento   | $LT^{-1}$       |
| <i>u(t)</i>              | Velocidade instantânea do escoamento combinado no interior da camada limite                  | $LT^{-1}$       |
| <i>u<sub>bm</sub></i>    | Velocidade orbital máxima fora da camada limite  | $LT^{-1}$       |

|                          |  |              |
|--------------------------|--|--------------|
| $u_{\infty}$             | Velocidade instantânea do escoamento oscilatório puro                            | $LT^{-1}$    |
| $U_f$                    | Velocidade de arrastamento   | $LT^{-1}$    |
| $y_c$                    | Distância da linha de base à linha de costa                                      | L            |
| $w_s$                    | Velocidade de queda dos sedimentos   | $LT^{-1}$    |
| $z$                      | Nível em relação ao fundo marinho  | L            |
| <b>Caracteres gregos</b> |  |              |
| $\alpha_0$               | Obliquidade em relação à normal à orientação média da linha de costa             | $M^0L^0T^0$  |
| $\gamma$                 | Ângulo entre a direção instantânea das ondas e a direção da corrente permanente  | $M^0L^0T^0$  |
| $\delta_{wc}$            | Espessura da camada limite ao longo do período da onda                           | L            |
| $\varepsilon_s$          | Coefficiente de difusão turbulenta dos sedimentos                                | -            |
| $\theta'$                | Parâmetro de Shields em função da tensão de corte efetiva máxima                 | -            |
| $\theta_c$               | Parâmetro de Shields crítico   | -            |
| $\nu$                    | Viscosidade cinemática da água   | $L^2T^{-1}$  |
| $\rho$                   | Massa volúmica da água   | $ML^{-3}$    |
| $\rho_s$                 | Massa volúmica dos sedimentos  | $ML^{-3}$    |
| $\tau_b$                 | Tensão de arrastamento devida às correntes longitudinais                         | $ML^{-1}T^2$ |
| $\tau'_b$                | Tensão de corte efetiva junto ao fundo   | $ML^{-1}T^2$ |
| $\tau'_{bm}$             | Tensão de corte efetiva máxima junto ao fundo                                    | $ML^{-1}T^2$ |
| $\tau_{cur}$             | Tensão de corte instantânea associada às correntes                               | $ML^{-1}T^2$ |
| $\tau_w$                 | Tensão de corte associada ao vento   | $ML^{-1}T^2$ |
| $\tau_{wc}$              | Tensão de corte instantânea associada à corrente fora da camada limite           | $ML^{-1}T^2$ |
| $\Phi_b$                 | Taxa de transporte de fundo adimensional   | $M^0L^0T^0$  |
| $\Phi_{b,x}$             | Taxa de transporte de fundo adimensional na direção x                            | $M^0L^0T^0$  |
| $\Phi_{b,y}$             | Taxa de transporte de fundo adimensional na direção y                            | $M^0L^0T^0$  |
| $\phi$                   | Ângulo entre o escoamento instantâneo dentro da camada limite e a corrente média | $M^0L^0T^0$  |
| $\phi_m$                 | Ângulo de atrito interno   | $M^0L^0T^0$  |
| $\omega$                 | Frequência angular   | $T^{-1}$     |
| $\Omega$                 | Velocidade de queda adimensional   | $M^0L^0T^0$  |

# 1. Introdução

## 1.1. Motivação, objetivo e metodologia

Portugal possui uma linha de costa com uma extensão total de cerca de 987 km. A importância demográfica e económica da faixa litoral é bastante significativa uma vez que cativa cerca de ¼ da população e produz 85% da riqueza do país. A aplicação de políticas públicas que associem a gestão de riscos ambientais com os tipos de ordenamento do território e a ocupação urbana é essencial para que as zonas costeiras se mantenham sustentáveis. A fundamentação destas políticas assenta no recurso a instrumentos de apoio à gestão costeira, que permitem estabelecer cenários de previsão de evolução da linha de costa, com vista a salvaguardar território e preservar ou melhorar o bem-estar e segurança das populações, garantindo também a sustentabilidade do desenvolvimento económico local (Santos *et al.*, 2014).

Existem “graves problemas de erosão costeira quando existe intensa ocupação humana” (Dias *et al.* 1994), sendo nestes locais de maior densidade populacional imprescindível recorrer à implantação de estruturas de proteção costeira adequadas para salvaguardar propriedades edificações ou património em risco e populações aí existentes, juntamente com a adoção de medidas de mitigação ao longo de toda a costa para salvaguardar o património suscetível de ser afetado. A erosão costeira é um processo natural de longo prazo resultante da interação entre os sedimentos existentes ao longo da costa e a massa de água costeira, verificando-se sempre que a taxa de remoção de sedimentos excede a de deposição. Este balanço negativo de sedimentos resulta na migração da linha de costa na direção do continente, com o estreitamento da faixa de praia.

A artificialização do litoral com as estruturas de proteção referidas tem outras consequências diretas, destacando-se a perda de apetências turístico-balneares da faixa costeira, nomeadamente a sotamar das grandes obras de proteção costeira construídas transversalmente à costa. Estas constituem um obstáculo ao transporte sedimentar quando implementadas (até à sua saturação), e no caso de longos molhes, a perturbação da deriva litoral induz grande acumulação de areias a barlar, o que resulta num significativo estreitamento da faixa de praia a sotamar (intensa erosão) provocado pela falta de abastecimento sedimentar.

A abordagem aos problemas de erosão costeira deve ter em conta o tipo e intensidade da ocupação litoral e as causas próximas e remotas da erosão. A sua análise deve ser feita em função dos recuos da linha de costa aí registados, fundamentais no diagnóstico da erosão e na determinação das tendências evolutivas do litoral, permitindo uma avaliação dos fatores que perturbam a dinâmica sedimentar costeira.

Este estudo é motivado pelo facto do molhe norte da embocadura do rio Mondego ter sido prolongado recentemente (2008-2010) e existirem indícios de intensificação da erosão no trecho costeiro a sul (André e Cordeiro, 2013). O seu objetivo é avaliar o impacto do prolongamento nas praias arenosas adjacentes a sul, entre as embocaduras dos rios Mondego e Lis, através da aplicação do sistema de

modelos integrados para processos de dinâmica litoral *LITPACK*, nomeadamente o modelo numérico de evolução de linha de costa *LITLINE*, para previsão da evolução do trecho em estudo. Para este fim, também é fundamental o conhecimento das características e fenómenos inerentes à dinâmica litoral nas fronteiras e na própria zona de estudo (ZE), nomeadamente do transporte sedimentar longitudinal. Este conhecimento permite uma análise crítica aos resultados obtidos da aplicação do modelo numérico.

O troço da costa oeste portuguesa que se analisa nesta dissertação foi tema de vários estudos anteriores baseados em modelação numérica (e.g. Teixeira, 2006; Henriques, 2007). O que este estudo traz de novo é: uma análise mais detalhada e extensa, em termos espaciais (trecho em estudo com 30 km de extensão) e temporais (59 anos de dados de agitação marítima e nível do mar), e mais aprofundada, relativamente aos processos costeiros considerados (o sistema *LITPACK* tem por base um modelo intra-onda, que descreve os processos de transporte não-estacionários ao longo do ciclo da onda) e, conseqüentemente, aos parâmetros de dinâmica sedimentar caracterizados; e a consideração de dados de morfologia e de hidrodinâmica sinóticos.

Sumariamente, a metodologia adotada nesta dissertação estruturou-se em quatro fases principais: revisão da literatura sobre a dinâmica litoral da ZE e coleta de dados topo-hidrográficos; caracterização da hidrodinâmica e geomorfologia; modelação do transporte sedimentar longitudinal; e modelação da evolução da linha de costa.

A primeira fase foi dedicada à compreensão da dinâmica litoral da ZE e baseou-se na análise crítica e reflexiva de estudos anteriores. Foi fundamental para contextualizar dados/resultados nas três fases seguintes, nomeadamente, para estabelecer o modelo conceptual de dinâmica sedimentar adotado na modelação da evolução da linha de costa. Esta fase também contemplou a coleta e processamento de dados de topo-hidrografia necessários para a modelação numérica da última fase da metodologia.

A segunda fase teve em vista caracterizar a hidrodinâmica, topo-hidrografia e sedimentologia da ZE e processar os dados necessários para a modelação. Com base na análise estatística de uma extensa série temporal de dados de agitação marítima (de 1952 a 2010), procedeu-se à caracterização do regime geral de agitação ao largo da ZE e da sua sazonalidade (por estação marítima e por mês). Compararam-se estes resultados com resultados de estudos anteriores. Determinou-se a série sinótica de nível do mar, tendo em consideração as marés astronómica e meteorológica. Tratando-se de um trecho costeiro com extensão aproximada de 30 km, foi necessário estabelecer parâmetros de caracterização da topo-hidrografia e sedimentologia representativos de toda a ZE. Assim, definiram-se um perfil transversal de praia e três diâmetros característicos do grão de sedimento representativos da ZE com recurso a diversos estudos anteriores.

Na terceira fase caracterizou-se o transporte sedimentar potencial para as condições de agitação marítima e geomorfologia obtidas na fase anterior. Com recurso ao módulo computacional *LITDRIFT*, obteve-se a série temporal do transporte longitudinal potencial (de 1952 a 2010) ao longo do perfil de praia. Estes resultados permitiram: determinar a variabilidade interanual do transporte longitudinal

potencial no período em apreço; analisar a distribuição do transporte longitudinal potencial no perfil transversal em anos de particular interesse e, assim, identificar a extensão da zona ativa da praia; e determinar o balanço sedimentar discretizado por classes de altura e direção de onda. A aplicação do modelo que se acabou de descrever foi precedida de uma análise de sensibilidade aos principais parâmetros de hidrodinâmica e geomorfologia com influência no transporte sedimentar que permitiu realizar uma melhor caracterização do transporte para as condições hidro sedimentares da ZE e adquirir conhecimento sobre os parâmetros de calibração do modelo de evolução de linha de costa.

A quarta e última fase foi iniciada com a elaboração do modelo conceptual de dinâmica sedimentar da ZE e sua parametrização, procedimentos necessários para modelar a evolução da linha de costa (objetivo desta dissertação) que tiveram por base a conjugação de conhecimento adquirido no âmbito das três fases anteriores. Após calibração e validação do modelo de evolução da linha de costa *LITLINE*, procedeu-se à modelação de 15 anos de evolução (2008-2022) para os cenários que permitiram avaliar o efeito do prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego. A análise das previsões fez-se de forma qualitativa (através da comparação das linhas de costa numéricas) e quantitativa (recorrendo a parâmetros de avaliação do desempenho do modelo e taxas de avanço/recuo por trechos da ZE), mantendo um olhar crítico sobre os resultados obtidos. Por último, testou-se o efeito da variabilidade do clima de agitação marítima (fenómeno aleatório) na modelação da evolução da linha de costa, através da repetição de um ciclo anual alternativo constituído por duas estações marítimas completas.

## 1.2. Organização da dissertação

Por imposição dos modelos utilizados e consistência entre figuras e texto desta dissertação, adotou-se o ponto, em vez de vírgula, como separador decimal.

A presente dissertação encontra-se organizada em sete capítulos, no início dos quais são sumariamente descritos os conteúdos das secções neles compreendidas, e dois anexos.

No Capítulo 2 faz-se o enquadramento geográfico da ZE e apresenta-se a revisão da literatura relativamente à sua dinâmica litoral.

No Capítulo 3 é analisada a hidrodinâmica da ZE. Descrevem-se os dados e método utilizados na análise da agitação marítima no período 1952-2010 e caracteriza-se o regime geral e a sazonalidade do clima de agitação. Os resultados são comparados com resultados de estudos anteriores. Descreve-se também a metodologia utilizada para obtenção da variação do nível do mar no mesmo período.

No Capítulo 4 tratam-se a topo-hidrografia e a sedimentologia. Descrevem-se as metodologias aplicadas para obtenção de dados e caracterizam-se o perfil de praia representativo da ZE e respetivos parâmetros sedimentológicos, bem como as linhas de costa utilizadas na modelação da evolução do troço costeiro em estudo.

No Capítulo 5 trata-se a modelação do transporte sedimentar potencial na ZE. É feita uma análise prévia de sensibilidade à influência de alguns parâmetros no transporte sedimentar: altura, direção e período de onda, rugosidade de fundo, diâmetro mediano dos sedimentos e morfologia do perfil transversal. Calcula-se a série temporal de transporte sedimentar potencial no período 1952-2010 e analisa-se a variabilidade interanual desta grandeza. Analisa-se detalhadamente a sua distribuição transversal na zona ativa da praia, assim como a sua discretização por classes de altura e direção de onda incidente, para o ano de transporte potencial total médio e os anos de transporte potencial resultante nas direções sul e norte médio e máximo.

No Capítulo 6 trata-se a modelação da evolução da linha de costa do trecho litoral entre a embocadura do rio Mondego e a foz do rio Lis. Define-se o modelo conceptual de dinâmica sedimentar da ZE, descrevem-se os processos de calibração e validação do modelo e procede-se à previsão da evolução da linha de costa para avaliação do impacte do prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego. Analisa-se ainda o efeito de uma série temporal de agitação marítima alternativa nas previsões efetuadas.

No Capítulo 7 apresentam-se as considerações finais relativas ao trabalho desenvolvido e recomendações para trabalho futuro baseadas na experiência adquirida no âmbito desta dissertação.

No Anexo A descreve-se brevemente (apenas os aspetos considerados essenciais) o sistema de modelos *LITPACK*, utilizado na modelação dos processos de dinâmica litoral da ZE, nomeadamente no estudo da distribuição transversal do transporte sedimentar longitudinal (*LITDRIFT*) e da evolução da linha de costa (*LITLINE*).

No Anexo B apresentam-se resultados adicionais que completam e enriquecem os conteúdos apresentados nos capítulos acima descritos.

Finalmente, salienta-se que, na sequência do trabalho desenvolvido nesta dissertação, foram elaborados três artigos de conferência, apresentados publicamente na “3ª Conferência sobre morfodinâmica estuarina e costeira”, na Universidade do Algarve, em maio de 2015 (Oliveira *et al.*, 2015), e nas “4ªs Jornadas de Engenharia Hidrográfica”, no Instituto Hidrográfico em Lisboa, em junho de 2016 (Oliveira *et al.*, 2016a e Oliveira *et al.*, 2016b).

## 2. Dinâmica litoral da zona de estudo: enquadramento e revisão da literatura

### 2.1. Enquadramento

O trecho litoral sobre o qual incide este estudo situa-se na zona centro-ocidental de Portugal (Figura 2.1). Trata-se da unidade fisiográfica delimitada a norte pela embocadura do rio Mondego, com os seus dois molhes (40°8'45" N e 8°52'42" W), e a sul pela embocadura do rio Lis, regularizada com dois pequenos esporões (39°52'50" N e 8°58'18" W). Caracteriza-se pela existência de praia natural em toda a sua extensão, interrompida por um afloramento rochoso em Pedrógão.

As obras costeiras que conferiram à embocadura do rio Mondego o seu aspeto atual iniciaram-se em 1929, de acordo com Dias *et al.* (1994), como parte integrante de um Plano Portuário adotado a nível nacional. Entre outras intervenções, destacam-se a construção do molhe norte com 900 m de comprimento, posteriormente prolongado em 400 m, convergente com o molhe a sul com 950 m de comprimento, resultando numa largura da embocadura de 325 m, com a cabeça dos molhes localizada na batimétrica -8 m ZH. Para conferir ao porto a operacionalidade necessária, dragagens regulares tornaram-se necessárias na zona da barra, no anteporto e no canal anterior, devido ao assoreamento de sedimentos com principal proveniência marinha. Segundo Abecasis *et al.* (1970), o molhe norte ficou concluído em 1965 e, a partir de 1960, verificou-se a norte da embocadura um acentuado avanço da linha de costa (LC), com taxas de acumulação de aproximadamente 30 m/ano junto ao molhe (Duarte e Reis, 1992). Em contrapartida, os efeitos de erosão a sul da foz foram imediatos com um agravamento no recuo da LC que chegou a atingir, junto à Cova, 30 m/ano em 1976 (Duarte e Reis, 1992).

Na Figura 2.1 destacam-se as diversas estruturas de estabilização da LC e proteção dos aglomerados populacionais existentes na zona de estudo (ZE): Gala-Cova, Costa de Lavos, Leirosa, Pedrógão e Vieira de Leiria. Este trecho foi fortemente influenciado pelas intervenções antrópicas efetuadas desde meados do século passado: a construção dos molhes da embocadura (1961-1965); a extração de areia na praia da Figueira da Foz (1973-1996); dragagens da embocadura para acesso ao porto; intervenções de regularização fluvial e portuária; a alimentação artificial pontual 50 m a sul do enraizamento do molhe sul (1973-1975); a construção das defesas longitudinais aderentes da Gala-Cova, Lavos, Leirosa e Pedrógão (1975-1979); a construção do esporão da Leirosa (1978), do esporão da Costa de Lavos (1979) e do campo de cinco esporões da Gala-Cova (1979); e, por último, o prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego (2008-2010).

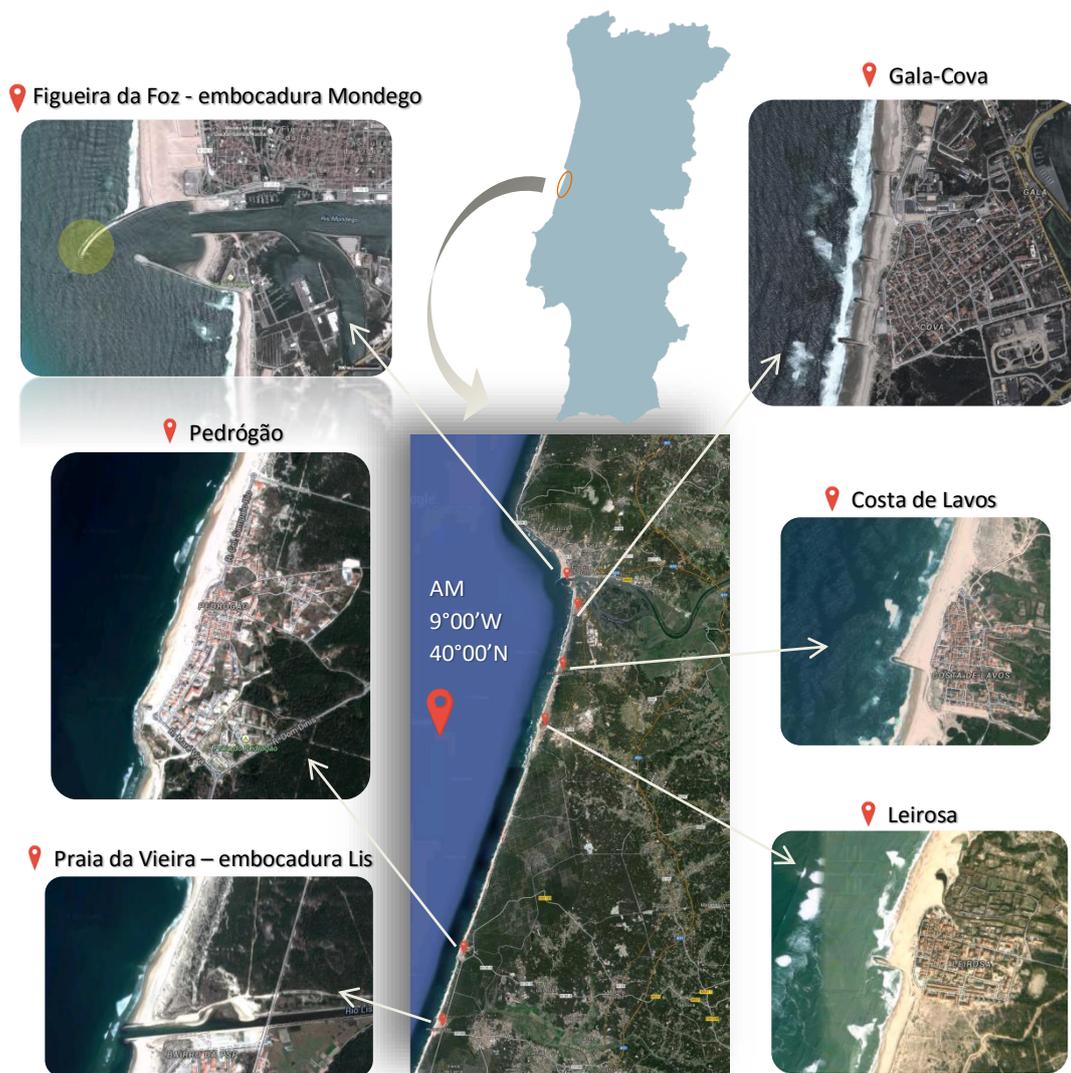


Figura 2.1 – Localização da zona de estudo, pormenor das principais estruturas e centros urbanos adjacentes e coordenadas do ponto de obtenção da série de dados de agitação marítima (AM). (Fonte: Google Maps, dezembro de 2014).

A dinâmica marinha na costa portuguesa é condicionada pela circulação atmosférica a oeste, no Atlântico, sendo a ondulação mais frequente de direção NW, com o anticiclone próximo dos Açores. A ondulação de W e SW não ocorre tão frequentemente e está associada a focos depressionários e à passagem das respetivas superfícies frontais. A costa ocidental encontra-se sujeita à atuação de temporais com alguma frequência, sendo a agitação marítima por eles gerada responsável pela mobilização de uma grande quantidade de sedimentos existentes na praia emersa em direção ao largo, que posteriormente podem, ou não, ser repostos na face de praia. Cunha (1999) destaca que temporais com ondas de altura significativa máxima de 9.5-10.0 m têm um período de retorno de 5 anos e que com um período de retorno de 50 anos se estimam alturas máximas de 11.5-13.6 m. O mesmo autor refere que “as situações de tempestade que resultam de baixas pressões ligadas à passagem de perturbações atmosféricas são acompanhadas de significativa sobrelevação

meteorológica do nível do mar, permitindo que a ondulação possa atingir áreas mais interiores”, o que se torna mais relevante quando coincide com a preia-mar de águas vivas.

Relativamente ao regime de marés da zona da Figueira da Foz, Cunha e Dinis (1998) procedem à sua caracterização: regime mesomareal, de tipo semidiurno e com uma ligeira desigualdade entre as duas marés diárias; de amplitude média de 2,2 m (desvio padrão de 0,62) e moda de 2,4 m (com base na tabela de marés previstas para o Porto da Figueira da Foz durante o ano de 1996), verificando-se uma amplitude mínima de 0,9 m (maré morta) e a máxima de 3,6 m (maré viva equinocial), correspondendo o nível médio de maré (NMM) aos +2 m do nível de zero hidrográfico (ZH).

O severo regime de agitação marítima a que está sujeita a extensa costa arenosa em estudo resulta num equilíbrio dinâmico precário (Cunha e Dinis, 1998). A orla costeira da Figueira da Foz, segundo os autores, está sujeita a uma agitação marítima em que a ondulação tem altura mais frequente da ordem de 1 a 2 m (41.9%) e rumo predominante WNW, com 44.7% das ocorrências no verão, 28.9% nos períodos de transição e 22.6% no inverno. Estes e outros resultados de diversos estudos anteriores relativos à caracterização da agitação marítima em frente à ZE serão comparados, na Secção 3.1.4, com os resultados obtidos no âmbito da análise da série cronológica de dados de agitação de 1952 a 2010, utilizada para a caracterização detalhada do regime em questão na Secção 3.1 da presente dissertação.

A ZE é abastecida por uma deriva litoral que tem sul como direção resultante, devido à ondulação predominante de WNW. Segundo Cunha (1999), os primeiros dados da deriva litoral de areias que transpõe para sul o Cabo Mondego, a principal fonte sedimentar da ZE, foram obtidos no âmbito de um estudo de Carvalho e Cordeiro (1961), desenvolvido com recurso à marcação de areias da praia, com prata radioativa. Os resultados indicaram um caudal sólido com um volume anual de areia calculado em  $0.40-0.55 \times 10^6 \text{ m}^3 \cdot \text{ano}^{-1}$  e os autores concluíram que para ondulação com um azimute superior a  $283^\circ\text{N}$ , é verificado o movimento de areias sobre o estrão do Cabo Mondego com o sentido norte-sul, sendo que, para rumos mais rodados a sul, a deriva sedimentar não transpõe o cabo. Uma posterior avaliação com base na comparação de levantamentos topo-hidrográficos realizados entre 1961 e 1966 (Oliveira, 1970) estimou um caudal médio anual de  $0.90 \times 10^6 \text{ m}^3 \cdot \text{ano}^{-1}$  que, tomando em conta alguns fatores posteriores à avaliação, resultou mais próximo de  $10^6 \text{ m}^3 \cdot \text{ano}^{-1}$  (Abecasis *et al.*, 1962, e Carvalho, 1971). Tendo em conta estes estudos e com base também na estabilidade das praias dos sectores a norte do cabo, Cunha e Dinis (1998) admitiram o valor médio de  $1.5 \times 10^6 \text{ m}^3 \cdot \text{ano}^{-1}$  para a deriva litoral de areia que alimenta a Figueira da Foz, a partir do Cabo Mondego. Os volumes anuais de transporte sedimentar longitudinal potencial obtidos na presente dissertação são bastante variáveis e apresentam-se na Secção 5.2, onde se procede à caracterização da série temporal no período 1952 a 2010.

Era usual verificar-se extração de areias na zona de acumulação de sedimentos enquanto na zona de erosão eram construídas estruturas de defesa litoral para obviar à sua ocorrência. Segundo Cunha e Dinis (1998), em abril de 1993 foi imposto um limite ao volume de extração permitido na praia da

Figueira da Foz, pois tratando-se de um ano com agitação marítima próxima da média, a sobreescavação excessiva e consequentes danos urbanos causados só poderiam ser justificados pelas extrações efetuadas. Mais tarde, a 6 de março de 1998, foi suspensa a extração de areia na praia junto ao molhe norte, registando-se assim paragem no recuo da LC e até lenta acreção no areal do molhe a Buarcos. Como referem Cunha e Dinis (1998), “para além da movimentação longitudinal e transversal de areia no litoral ser muito variável de ano para ano, a retirada de volumes arenosos em qualquer ponto do circuito da LC, já frequentemente deficitário, aumentará a tendência erosiva nas praias adjacentes, em particular nas que se situam a sotamar da deriva dominante.”

## 2.2. Evolução da costa: do Cabo Mondego à embocadura do rio Lis

Tem-se verificado na faixa litoral ocidental portuguesa, a larga escala no tempo e no espaço, a propagação de uma tendência erosiva de norte para sul, originada predominantemente por carência sedimentar. Em geral, as obras de proteção costeira têm cumprido o objetivo de proteger populações e património em frentes marítimas ameaçadas por erosão. No entanto, estas intervenções pontuais não visam suprimir a carência sedimentar verificada e por isso a propagação desta “onda de erosão” continua a observar-se (Dias *et al.*, 1994). Cunha e Dinis (1998) destacam que esta propagação generalizada terá como consequência a reorientação da LC a sotamar das estruturas costeiras (naturais e construídas).

A faixa de praia imediatamente a norte da embocadura do rio Mondego, de orientação média WNW-ESE e delimitada pelo Cabo Mondego, engloba-se na fronteira norte da ZE e trata-se de um trecho costeiro bastante estudado (praias da Figueira da Foz e Buarcos). O perfil refletivo da praia predomina sobre o dissipativo, que ocorre apenas em condições de forte agitação (Cunha, 1999), sendo os sedimentos adjacentes ao cabo fundamentalmente areias muito grosseiras e areão, ocorrendo também bolsadas de cascalho, enquanto a sul as areias são grosseiras a médias, ricas em quartzo e bioclastos. A praia submersa apresenta areia fina a muito fina, micácea, bem calibrada e unimodal. Os movimentos de areia perpendicularmente à costa, associados à variação sazonal das características da agitação, são significativos mas não se encontram quantificados (Cunha e Dinis, 1998). Com o afastamento do Cabo Mondego, a LC tem uma inflexão para sudeste, rodando progressivamente para sul em Buarcos até se alinhar com a direção SSW a cerca de 4 km a sul da embocadura, mantendo um traçado retilíneo constante com essa orientação até à foz do rio Lis. Nesta dissertação, admite-se a orientação média de 19.5°N (ângulo medido a partir do Norte geográfico, no sentido dos ponteiros do relógio) para o estudo do transporte sedimentar, com base no estudo de caracterização morfológica levado a cabo por Oliveira (2014) que se apresenta na Secção 4.1.

Segundo Cunha (1999), as batimétricas de profundidades superiores a 25 m mantêm o traçado geral da costa frente à Figueira da Foz, não apresentando irregularidade na zona do Cabo Mondego. Na zona da embocadura do rio, as batimétricas acima de -5 m ZH são de tal forma influenciadas pelos molhes exteriores do porto que existe um desfasamento para leste da batimétrica do ZH em aproximadamente 600 m a sul da embocadura. O autor refere ainda que ao largo, antes do

prolongamento do molhe norte, a barra submersa exterior geralmente tinha cerca de 300 m de largura e 4 m de altura, contornando o molhe norte na embocadura e apresentando um adelgaçamento junto à cabeça do molhe sul, acrescentando ser “provável que uma parte significativa do transporte litoral se faça ao longo desta barra, numa faixa situada aproximadamente aos -3 m de profundidade”.

O avanço, iniciado em 1962, que se registou na LC do Cabo Mondego ao molhe norte do porto da Figueira da Foz é justificado por Cunha e Dinis (1998) com a construção dos molhes exteriores do porto que, ao formar um obstáculo à deriva litoral predominante, interromperam o seu normal fluxo com conseqüente acumulação arenosa a norte do molhe até que, em 1982, a sua capacidade de retenção atingiu a saturação. De facto, como referido pelos mesmos autores, para o sector a norte dos molhes, entre 1958 e 1977, o avanço da linha de praia foi notório aquando da construção dos molhes. O ritmo médio da acreção registada chegou a atingir algumas dezenas de metros por ano, segundo Dias *et al.* (1994). No período seguinte de 1977-1982, por análise de fotografia aérea vertical, constataram um lento avanço da praia que, de 1982 a 1990, se traduziu numa estabilização generalizada, com exceção da zona adjacente ao molhe norte em que se verificou uma inversão da tendência geral, com recuos justificados pela extração de areias na praia, iniciada em 1977, atingindo um máximo em 1980, moldando o perfil topográfico de praia. Quando a extração excedia o afluxo sedimentar ou durante temporais de intensa ondulação com rumos de SW, essa depressão topográfica era propagada para norte, generalizando a berma erosiva.

Desde o início da década de 60 que a zona situada a sotamar dos molhes do porto da Figueira da Foz tem sofrido um forte recuo erosivo, ao ponto de, nos anos 70, se ter verificando profundo corte na duna primária adjacente ao molhe sul. A costa das povoações de Gala-Cova, Lavos, Leirosa e Pedrógão foi artificializada com o intuito de sustentar a intensa erosão costeira e impedir os recuos do areal, conseqüência direta da ação dos molhes e das variadas intervenções efetuadas nos troços fluvial e estuarino do rio Mondego, entre as quais se destacam as obras de regularização da bacia hidrográfica e as extrações de areia no rio, na praia e na barra e as frequentes dragagens portuárias de grandes volumes (Cunha *et al.*, 1998).

Do estudo de evolução da morfologia costeira a sul da embocadura do rio Mondego levado a cabo por Oliveira e Brito (2015), por comparação de três levantamentos topo-hidrográficos (1975, 1978 e 2011) incluindo a parte submersa da praia, os autores retiraram importantes conclusões acerca da evolução das frentes marítimas dos núcleos populacionais da Gala-Cova, Costa de Lavos e Leirosa. Na Gala-Cova, as obras de proteção costeira em conjunto com a alimentação artificial limitaram a progressão do surto erosivo verificado no período 1975-1978 e promoveram a recuperação da praia durante o período 1978-2011, registando-se em 2011 um avanço de 25 m da LC em relação a 1975. Em oposição, a sotamar do último esporão do campo de esporões da Gala-Cova, o surto erosivo já verificado no período 1975-1978 foi fortemente intensificado no período 1978-2011. Relativamente à frente marítima da Costa de Lavos, cuja evolução morfológica foi semelhante à da frente marítima da Leirosa, registou-se um notável assoreamento a barlar do esporão, protegendo o núcleo populacional contra a ação das ondas, e concluiu-se que a sua construção foi determinante na presença da propagação da erosão observada entre 1975 e 2011. Já a sotamar do esporão da Costa

de Lavos ECL, como do esporão de Lavos, o forte processo erosivo teve associado um notável recuo da LC e um notável rebaixamento da duna frontal.

De acordo com Cunha e Dinis (1998), teve início na década de 90 uma pequena tendência erosiva no sector Mira - Quiaios (Bettencourt e Ângelo, 1992), que atingiu com maior intensidade a zona Cabo Mondego - Figueira da Foz, zona mais vulnerável à erosão devido à sua orientação NW-SE que a torna mais exposta à agitação de tempestade (de SW e W) e ao facto de se situar a sotamar do grande esporão natural do Cabo Mondego que constitui um obstáculo à deriva litoral mais persistente. As praias imediatamente a norte do Cabo, Murtinheira e Quiaios, apresentaram-se sem problemas de erosão, segundo Cunha (1999).

Segundo Cunha (1999), de meados de dezembro de 1995 até ao final de janeiro de 1996, a ondulação proveniente de W, resultante da intensa agitação marítima observada, foi a causa de significativa erosão nas praias da Figueira da Foz e Buarcos. É durante os períodos de temporal que ocorre a remoção de grandes quantidades de areia da zona de rebentação e espraiamento para maiores profundidades, devido à maior intensidade das correntes de retorno geradas pelas ondas incidentes também mais energéticas. A reposição desta areia ocorre geralmente quando as condições de agitação são mais fracas, nos subsequentes períodos de bom tempo, no entanto, devido a contextos climatéricos fora do normal no verão seguinte e até 1998, essa reposição foi negativamente influenciada: mesmo com o retorno das condições meteorológicas habituais e a atenuação ou inversão da tendência erosiva, é improvável a reposição na totalidade do prisma arenoso original tendo em conta a generalização do défice sedimentar na costa ocidental Portuguesa. Cunha (1999) observou que nos anos de 1997 e 1998 a evolução erosiva se propagou a todo o troço arenoso de Buarcos até ao molhe norte do porto da Figueira da Foz, sugerindo alimentações artificiais realizadas pontualmente para a recuperação destas praias erodidas devido a episódios de condições meteorológicas peculiares.

Com base no trabalho de execução de seis perfis de praia desde dezembro de 1995 a setembro de 1996, apresentado por Almeida e Amaral (1996) e Almeida (1997), Cunha e Dinis (1998) concluíram que a norte do Cabo Mondego não foi registado recuo da LC neste período. Apenas se verificou erosão durante o temporal de janeiro de 1996, explicada pela predominância de uma ondulação média mais próxima de W, enquanto a sul do Cabo se verificou recuo do areal na praia de Buarcos. A sul da embocadura do rio Mondego, a ondulação de W originou deriva litoral para norte, verificando-se retenção de areias junto ao molhe e acreção na praia do Cabedelo, enquanto a zona do Hospital sofreu erosão. Os autores concluíram também que uma ondulação mais frequente de SW, em detrimento de NW, contribui para o quadro de carência de alimentação nas praias a sul do cabo.

De acordo com a análise efetuada por André e Cordeiro (2013) devido ao esporão natural que é o promontório calcário a sul da praia do Pedrógão, o balanço sedimentar anual nesta praia não atingiu um défice tão elevado como a sul, onde o cordão dunar frontal já foi erodido. Note-se que, segundo Cunha (1999), um abastecimento sedimentar inferior à capacidade de transporte litoral causa, além da erosão mencionada, uma debilitação das barras arenosas submersas, implicando uma redução na

ação de dissipação da energia das ondas incidentes. André e Cordeiro (2013) identificaram também erosão nas praias de Vieira de Leiria e de S. Pedro de Moel, sendo que, na primeira, o avanço do mar apenas foi impedido pelo frágil paredão e pelo reforço em enrocamento.

No período compreendido entre outubro de 2001 e março de 2012, André e Cordeiro (2013) justificaram, por análise de perfis topográficos transversais de praia, a maior acreção registada nas praias da Figueira da Foz com a predominância da ondulação de rumos próximos do Norte, devido ao aumento de sedimentos que transpuseram o Cabo Mondego, e quantificaram em 40 m/ano o aumento médio dessa acreção devido ao prolongamento do molhe norte.

No caso da Figueira da Foz, Dias *et al.* (1994) afirmam que é evidente que a erosão costeira a sotamar dos molhes se deve à retenção da deriva litoral pelo molhe norte ainda antes do seu prolongamento, mas também à progressiva diminuição do caudal sólido debitado pelo rio Mondego. Com base em levantamentos topográficos, André e Cordeiro (2013) concluíram que todo o troço costeiro a sul da embocadura do rio Mondego até à praia da Vieira, com exceção da praia da Cova e Gala, sofreu erosão diretamente relacionada com o prolongamento do molhe norte do porto da Figueira da Foz, destacando-se a erosão no troço que se localiza entre 6000 m a 16000 m da embocadura (Costa de Lavos, Leirosa e Osso da Baleia). Os sedimentos dragados do canal de navegação, da barra e do sector marinho envolvente à foz do Mondego e depositados ao largo do campo de esporões da Gala-Cova, não são suficientes, de acordo com os mesmos autores, para mitigar a interrupção que o prolongamento do molhe norte da Figueira da Foz causou na deriva litoral.

Todos os autores convergem para a mesma recomendação, como enfatizado por Cunha (1999), a monitorização das praias é da mais elevada importância para que, posteriormente, se disponha de dados para a compreensão da sua evolução e se possa prever comportamentos futuros bem fundamentados.



### 3. Hidrodinâmica

Neste capítulo, caracteriza-se a agitação marítima na zona em estudo com base na análise estatística do regime geral e da sua variabilidade, por estação marítima e por mês, partindo da série temporal do clima de agitação marítima ao largo na costa da Figueira da Foz, obtida por Dodet *et al.* (2010). Apresenta-se ainda a metodologia aplicada na obtenção da série temporal da variação do nível do mar.

#### 3.1. Agitação Marítima

##### 3.1.1. Dados e método

Com base na aplicação de um modelo espectral de geração e propagação de ondas marítimas ao nordeste do Oceano Atlântico por Dodet *et al.* (2010), com uma resolução espacial de  $0.5^\circ$  e um passo temporal de 6 horas, obteve-se a série temporal dos parâmetros altura significativa (Hs), período de pico (Tp) e direção média de incidência ou rumo (Dir), no ponto de coordenadas geográficas  $40^\circ 00' N$  e  $9^\circ 00' W$ , equivalente a  $(-74027.72 \text{ m}; 37193.75 \text{ m})$  no sistema de coordenadas ETRS89 (indicado na Figura 2.1 da Secção 2.1), a  $-37 \text{ m ZH}$ , centrado em frente ao trecho de estudo. O modelo foi validado pelos autores com observações das boias-ondógrafo de Bilbao-Vizcaya, Cabo Sillero, Leixões, Figueira da Foz, Sines e da *Ocean Weather Station "Juliett"*, destacando-se a validação pela boia da Figueira da Foz (período 1993-1995), para a qual se obtiveram os parâmetros estatísticos erro quadrático médio e viés (inferior a zero se a média é subestimada pelo modelo) de  $0.45$  e  $-0.14 \text{ m}$  para Hs,  $1.60$  e  $-0.38 \text{ s}$  para Tp e  $14.98$  e  $0.93^\circ$  para Dir. A série cronológica compreende 59 anos de dados, de 1952 a 2010, resultando num total de 86200 trios de valores para os parâmetros Hs, Tp e Dir, indissociáveis na caracterização do regime de agitação marítima, sobre os quais se estimam as frequências relativas por classes de intervalos semiabertos no limite superior e com amplitudes  $0.50 \text{ m}$ ,  $2 \text{ s}$  e  $10^\circ$ , respetivamente, sendo consideradas para as direções escalões de  $5^\circ$  quando se justifica maior pormenor. São analisados os parâmetros estatísticos média, desvio-padrão, mínimo e máximo, e  $1^\circ$ ,  $2^\circ$  e  $3^\circ$  quartis das séries temporais destes três parâmetros, correspondentes aos regimes geral e sazonais. A sazonalidade considerada tem por base o inverno marítimo, de outubro a março, e o verão marítimo, de abril a setembro, e a mensalidade, na qual a análise incide sobre cada mês individualmente e na inter-mensalidade. É ainda analisada a variabilidade interanual na Secção 5.2, com base nos valores de caudal sólido longitudinal potencial obtidos com recurso ao módulo computacional *LITDRIFT*.

Na elaboração dos diagramas conjuntos não foram consideradas as classes de Dir superiores a  $19.6^\circ N$  (orientação média da linha de costa da zona de estudo) e inferiores a  $199.6^\circ N$  por se tratarem de direções provenientes de terra. No entanto, avaliou-se o impacte da exclusão dos trios de Hs, Tp e Dir na distribuição estatística dos mesmos parâmetros. Salienta-se que uma única ocorrência representa, num universo de 86 200 observações, aproximadamente  $0.00116009\%$ . Concluiu-se, da referida análise, que os trios excluídos não têm dimensão relevante para as conclusões da análise em curso, pois representam apenas  $0.35\%$  dos eventos.

### 3.1.2. Regime geral

Nesta secção, faz-se a caracterização do regime de agitação marítima para os 59 anos do período em análise, denominado regime geral, na zona de estudo. Baseia-se na análise dos parâmetros estatísticos média, desvio-padrão, mínimo e máximo, e 1º, 2º e 3º quartis, dos parâmetros de agitação marítima Hs, Tp e Dir (Quadro 3.1), nos histogramas de frequência relativa de Hs, Tp e Dir (Figuras 3.1 e 3.2), e nos histogramas conjuntos Dir-Hs, Tp-Hs e Dir-Tp (Figuras 3.3, 3.4 e 3.5, respetivamente), que permitem uma análise mais aprofundada relativamente à relação direta entre a distribuição estatística dos parâmetros de agitação marítima.

Quadro 3.1 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Tp e Dir no regime geral.

|          | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|----------|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| Hs [m]   | 2.15  | 1.23          | 1.31       | 1.78    | 2.64       | 0.33   | 13.13  |
| Tp [s]   | 11.5  | 2.6           | 9.5        | 11.4    | 13.4       | 3.0    | 25.5   |
| Dir [°N] | 299.5 | 25.1          | 289.4      | 301.2   | 312.9      | 0.1    | 360.0  |

No ponto de referência, a agitação marítima é caracterizada por uma altura significativa média de 2.15 m e um desvio-padrão de 1.23 m, predominando a classe Hs 1.00-1.50 m (25.64%); um período de pico médio de 11.5 s e um desvio-padrão de 2.6 s, predominando a classe Tp 10-12 s (27.24%); e um valor médio da direção média incidente de 299.5°N e um desvio-padrão de 25.1°, sendo Dir 300-305°N (NW) a classe predominante (11.60%). A análise do parâmetro desvio-padrão é relevante quando comparando a mesma grandeza em diferentes períodos, como apresentado na análise da sazonalidade.

O 1º quartil, a mediana e o 3º quartil dividem a distribuição em quatro partes iguais, acumulando até si, respetivamente, 25%, 50% e 75% dos dados. O âmbito entre o 1º e 3º quartis compreende 50% das observações totais, não incluindo as 25% ocorrências mais reduzidas nem as 25% mais elevadas. Em termos de Hs, 50% das ocorrências verificam-se entre 1.31 e 2.64 m e têm mediana 1.78 m. Para Tp e Dir, respetivamente, 50% das ocorrências verificam-se nos intervalos 9.5-13.4 s e 289.4-312.9°N, e têm medianas 11.4 s e 301.2°N.

Da análise dos histogramas apresentados nas Figuras 3.1 e 3.2, conclui-se o seguinte:

- As classes de Hs mais frequentes são 1.00-1.50 m (25.64%), 1.50-2.00 m (23.32%), 2.00-2.50 m (13.50%) e 0.50-1.00 m (9.58%).
- Alturas significativas menores que 2.00 m têm uma frequência relativa de 58.75% e menores que 4.00 m perfazem 91.55% das ocorrências, ascendendo a 99.05% para Hs até 6.50 m. Apenas 3.69% das ocorrências têm Hs superior a 5.00 m.
- As classes de Tp mais frequentes são 10-12 s (27.24%), 12-14 s (26.97%) e 8-10 s (20.80%).
- Períodos de pico menores que 6 s têm uma frequência relativa de 0.52% e Tp menores que 12 s perfazem 56.31% das ocorrências, ascendendo a 98.91% para Tp até 18 s. Apenas 5.50% das ocorrências têm Tp superior a 16 s.
- As classes de Dir mais frequentes são 300-310°N (22.61%), 290-300°N (21.03%), 310-320°N (16.21%), 280-290°N (13.77%) e 320-330°N (9.36%).

- Na classe de direções 300-305°N verifica-se o maior número de ocorrências (11.60%), sendo que o clima de agitação apresenta maioritariamente rumos no intervalo 270-330°N (90%): 20% de ocorrências com obliquidade para sul e 70% para norte comparativamente à direção perpendicular à linha de costa (289.5°N).

As classes de calma, considerando Hs inferior a 1.00 m, representam 9.79% das ocorrências. As situações de temporal com Hs superior a 5.00 m representam 3.69% das ocorrências.

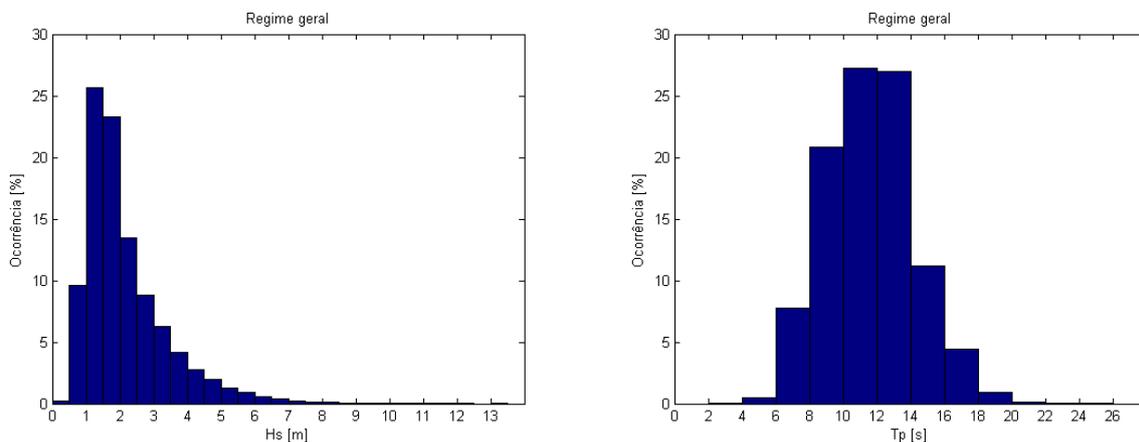


Figura 3.1 – Histogramas de Hs e Tp relativos ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

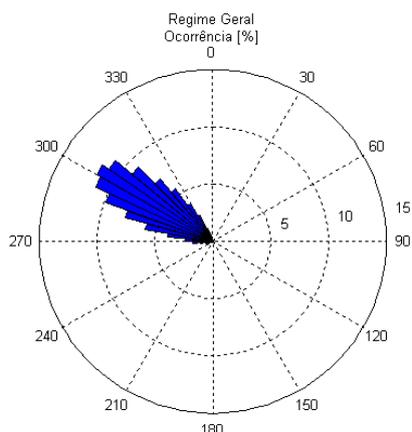


Figura 3.2 – Histograma polar de Dir em classes de 5°, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

Os histogramas conjuntos consistem na atribuição de pares do trinómio de parâmetros de agitação marítima às respetivas classes, resultando uma grelha em que cada célula representa o número de ocorrências verificadas para essa combinação de classes. As células não preenchidas representam intervalos em que não foram medidas ocorrências simultâneas nas duas classes.

Com base no histograma conjunto Dir-Hs (Figura 3.3), observa-se que cerca de 53% das ocorrências se enquadram no intervalo definido pelas classes Dir 280-330°N e Hs 1.00-2.50 m, e 90% em Dir 260-340°N e Hs 0.50-4.50 m.

Pelo histograma conjunto Tp-Hs (Figura 3.4), 52% das ocorrências enquadram-se nas classes Tp 8-14 s e Hs 1.00-2.50 m, e 90% em Tp 6-16 s e Hs 0.50-4.50 m.

A análise conjunta de Dir-Tp (Figura 3.5) revela que que cerca de 56% das ocorrências se enquadram nas classes Dir 280-320°N e Tp 8-16 s, e 92% em Dir 270-340°N e Tp 6-18 s.

Interligando a informação dos vários histogramas conjuntos, verifica-se o seguinte:

- Hs mais elevada ocorre essencialmente no intervalo de direções W-WNW, sendo a ocorrência de Hs  $\geq 9.50$  m exclusiva às classes de Dir entre 270-290°N e Tp entre 16-22 s.
- Predomina Dir na classe 300-310°N, com aproximadamente 23% das ocorrências, maioritariamente associada a Hs entre 1.00-1.50 m, classe com 6.08% das ocorrências, e Tp entre 10-12 s, com 6.52%.
- Predomina Hs na classe 1.00-1.50 m, com aproximadamente 26% das ocorrências, maioritariamente associada a Tp entre 8-10 s, classe com 9.74% das ocorrências, e Dir entre 300-310°N, com 6.08%.
- Predomina Tp na classe 10-12 s, com aproximadamente 27% das ocorrências, maioritariamente associado a Hs entre 1.50- 2.00 m, classe com 8.88% das ocorrências, e Dir entre 300-310°N, com 6.52%.

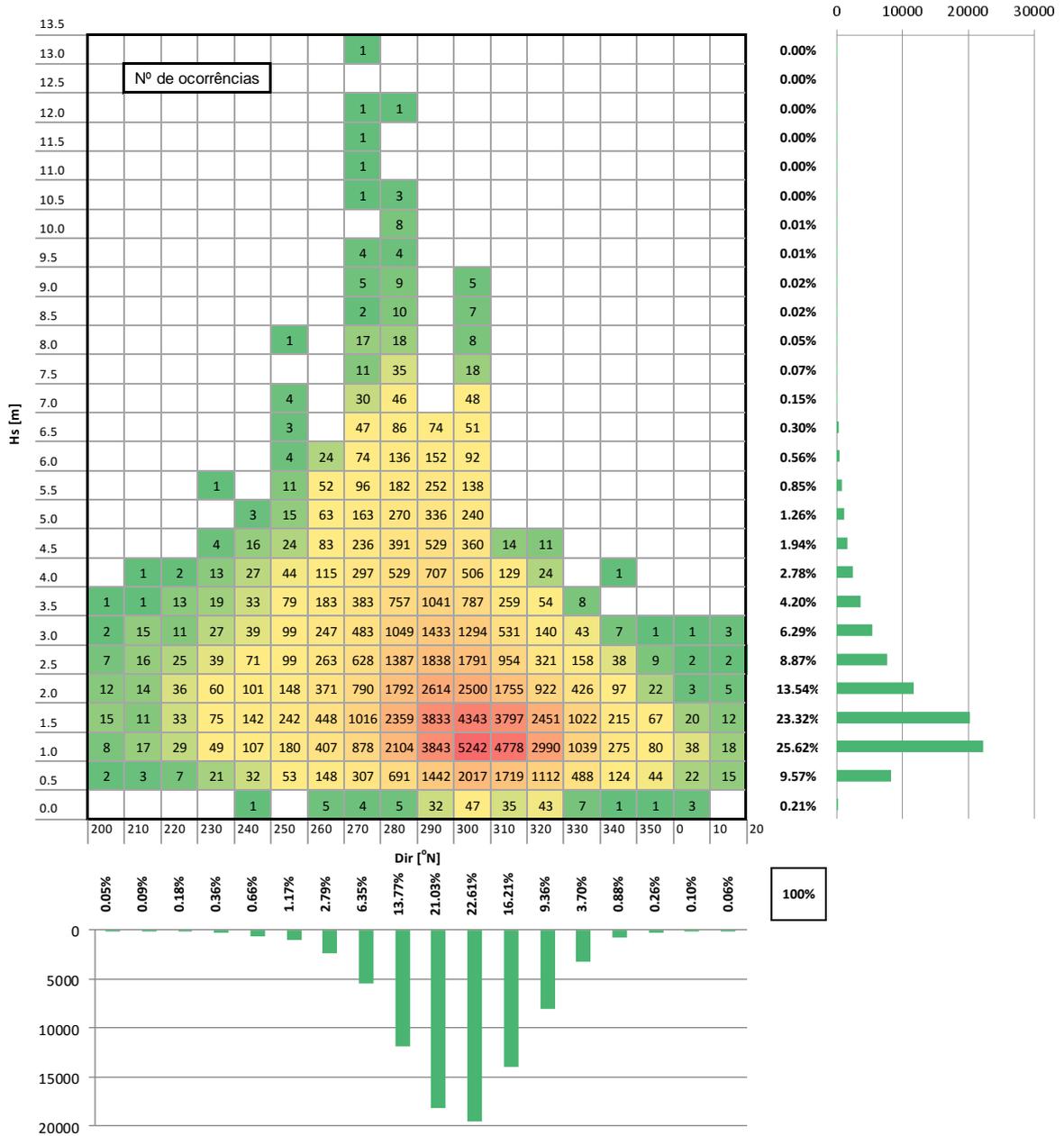


Figura 3.3 – Histograma conjunto Dir-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

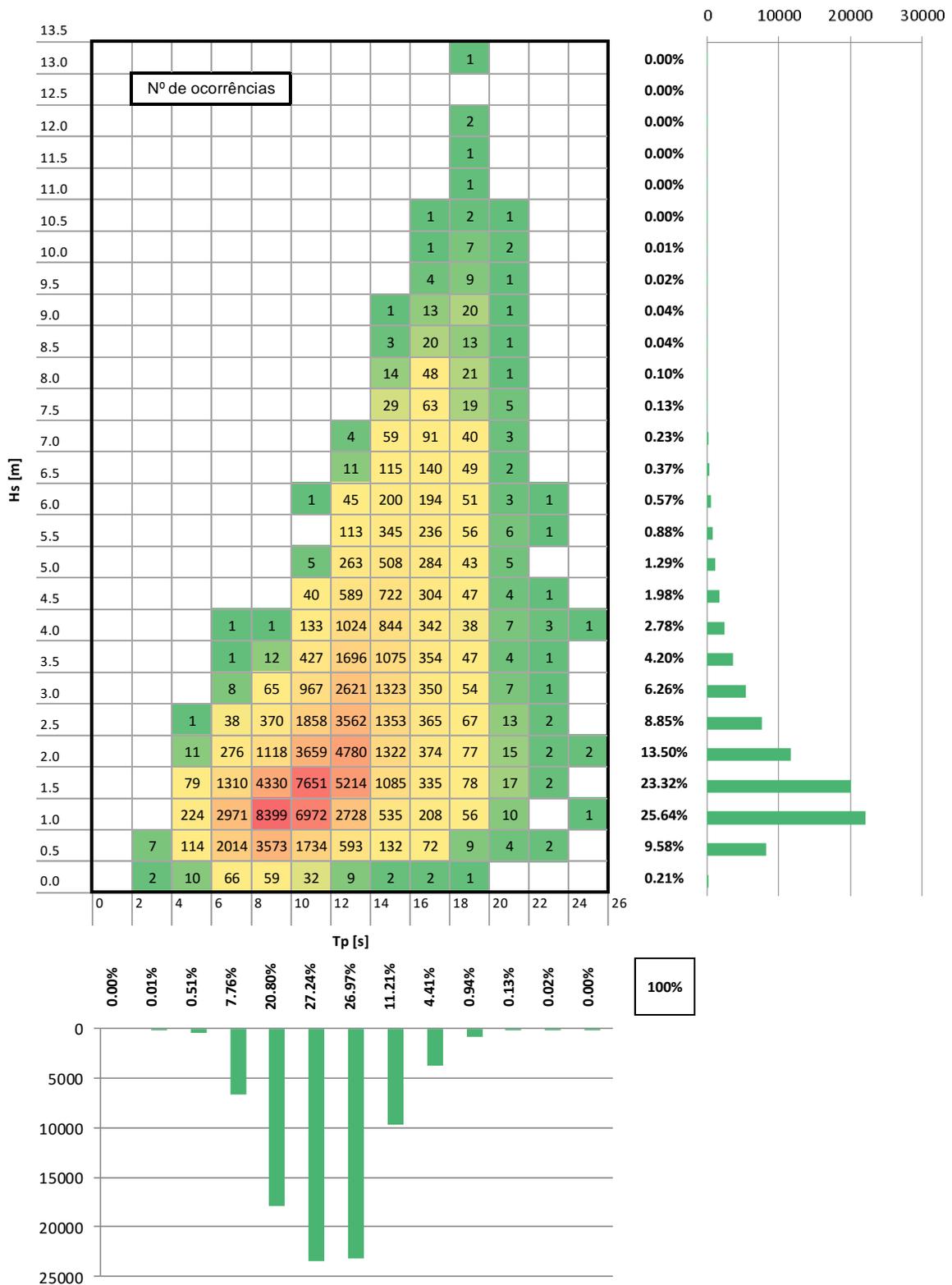


Figura 3.4 – Histograma conjunto Tp-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

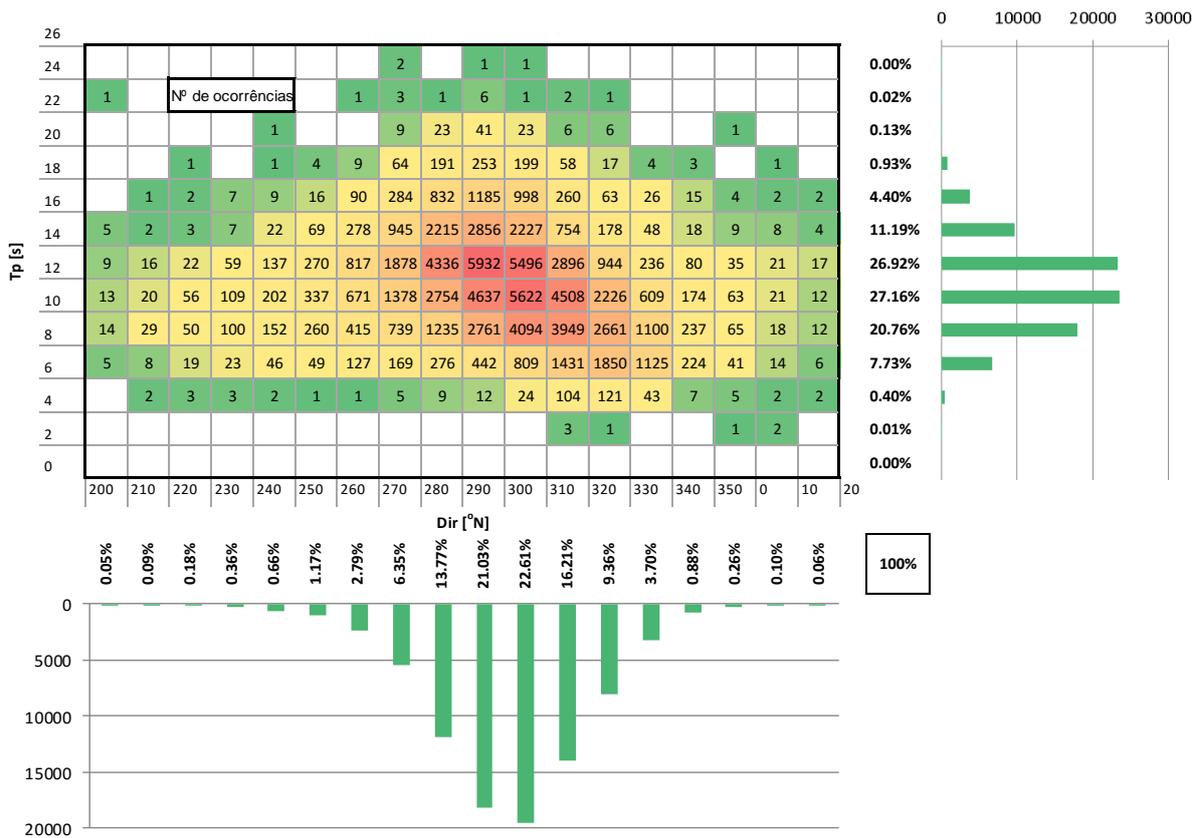


Figura 3.5 – Histograma conjunto Dir-Tp, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

### 3.1.3. Sazonalidade

#### 3.1.3.1. Variabilidade inverno-verão

Nesta secção aprofunda-se o estudo da agitação marítima ao nível da sazonalidade inverno-verão marítimos. À semelhança da análise anterior, a variabilidade sazonal é averiguada com base na análise estatística de Hs, Tp e Dir, relativos aos períodos de inverno e de verão marítimo (Quadro 3.2 e Quadro 3.3, respetivamente). Apresentam-se os histogramas duplos de frequências relativas inverno-verão de Hs, Tp e Dir (Figuras 3.6, 3.7 e 3.8, respetivamente), nas classes de 0.50 m, 2 s e 10°N, respetivamente, complementando a análise dos rumos com histogramas circulares de Dir em classes de 5° para o inverno e verão marítimos (Figura 3.9).

Quadro 3.2 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Tp e Dir, no período de inverno marítimo.

|                 | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|-----------------|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| <b>Hs [m]</b>   | 2.66  | 1.40          | 1.65       | 2.33    | 3.36       | 0.33   | 13.13  |
| <b>Tp [s]</b>   | 12.9  | 2.3           | 11.4       | 12.8    | 14.5       | 3.0    | 25.5   |
| <b>Dir [°N]</b> | 293.4 | 29.5          | 284.5      | 295.6   | 306.4      | 0.1    | 360.0  |

Quadro 3.3 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Tp e Dir, no período de verão marítimo.

|          | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|----------|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| Hs [m]   | 1.63  | 0.73          | 1.15       | 1.48    | 1.89       | 0.35   | 8.32   |
| Tp [s]   | 10.2  | 2.1           | 8.5        | 10.0    | 11.4       | 3.3    | 22.0   |
| Dir [°N] | 305.6 | 17.8          | 296.0      | 306.8   | 317.1      | 0.3    | 359.8  |

No inverno marítimo, a costa está sujeita a uma agitação marítima caracterizada por uma altura significativa média de 2.66 m, embora sejam mais frequentes alturas da classe 1.50-2.00 m (19.4%); um período de pico médio de 12.9 s, predominando Tp na classe 12-14 s (38.9%); e um valor médio da direção média incidente de 293.4°N, sendo 290-300°N a classe de Dir mais frequente (24.4%).

Da análise dos quartis, no inverno, conclui-se 50% das ocorrências de Hs se situam entre 1.65 e 3.36 m, sendo a mediana 2.33 m. Para Tp e Dir, respetivamente, 50% das ocorrências situam-se entre 11.4-14.5 s e 284.5-306.4°N, e têm medianas 12.8 s e 295.6°N.

No verão, Hs tem média de 1.63 m, sendo mais frequente a classe 1.00-1.50 m (36.6%). O Tp médio é 10.2 s, sendo mais frequente a classe 8-10 s (35.0%). A Dir média é de 305.6°N, sendo 300-310°N a classe de Dir predominante (25.0%).

Da análise dos quartis, no verão, conclui-se que, para Hs, 50% das ocorrências se situam entre 1.15 e 1.89 m, sendo a mediana 1.48 m. Para Tp e Dir, respetivamente, 50% das ocorrências situam-se entre 8.5-11.4 s e 296.0-317.1°N, e as medianas são 10.0 s e 306.8°N.

Sendo a orientação da perpendicular à linha de costa 289.5°N, em relação a esta direção, a média dos rumos está rodada para norte 3.9° no inverno e 16.1° no verão.

Observa-se ainda o seguinte:

- Os valores de Hs mais elevados predominam no inverno, como seria de esperar. Com efeito, o número de ocorrências no inverno de  $H_s \geq 4.00$  m é de 15.56%, enquanto no verão essa percentagem se reduz a 1.36%. Verifica-se ainda que no inverno as alturas de onda mais frequentes variam entre 1.00 e 2.50 m, enquanto no verão variam entre 0.50 e 2.00 m.
- As classes de Hs mais frequentes no inverno são 1.50-2.00 m (19.4%), 2.00-2.50 m (16.1%) e 1.00-1.50 m (14.6%), e no verão são 1.00-1.50 m (36.6%), 1.50-2.00 m (27.2%) e 0.50-1.00 m (14.5%).
- No inverno marítimo, aproximadamente 75% das ocorrências de Hs enquadram-se entre 1.00-3.50 m, enquanto no verão a mesma percentagem ocorre no intervalo 0.50-2.00 m.
- Os valores de Tp mais elevados são mais frequentes no inverno. Neste período, predominam as classes 12-14 s (38.9%), 10-12 s (23.9%) e 14-16 s (19.0%), enquanto no verão as classes mais frequentes são 8-10 s (35.0%), 10-12 s (30.6%), 12-14 s (15.1%) e 6-8 s (14.1%).
- No inverno marítimo, aproximadamente 80% das ocorrências de Tp enquadram-se entre 10-16 s, enquanto no verão a mesma percentagem ocorre no intervalo 6-12 s.
- Verifica-se que, para o inverno, os valores de Dir mais frequentes se situam na classe 290-300°N, com 24.4% das ocorrências, seguida de 300-310°N (20.2%) e 280-290°N

(18.6%), ao passo que para o verão se situam na classe 300-310°N, com 25.0% das ocorrências, seguida de 310-320°N (22.3%) e 290-300°N (17.6%).

- Analisando os registos de rumos, a direção comum mais frequente no conjunto das duas estações é 300°N, com as restantes ocorrências oblíquas para sul no inverno, 73.4% no intervalo 280-310°N, e para norte no verão, 78.5% no intervalo 290-320°N.

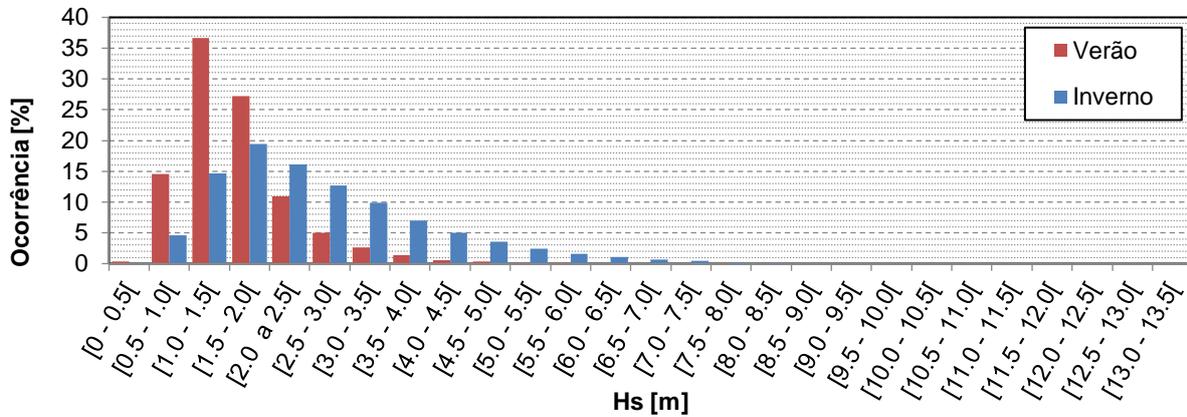


Figura 3.6 – Histograma duplo (inverno e verão marítimos) de Hs.

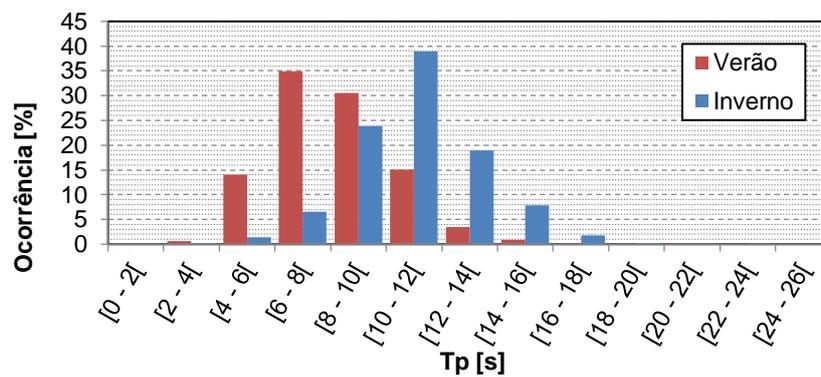


Figura 3.7 – Histograma duplo (inverno e verão marítimos) de Tp.

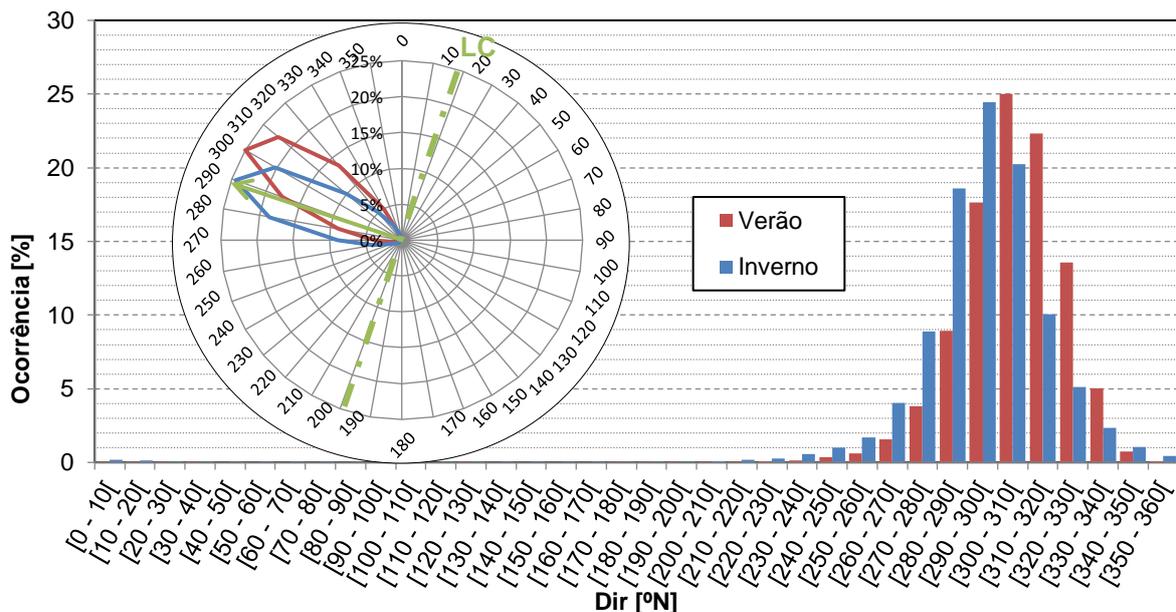


Figura 3.8 – Histograma duplo (inverno e verão marítimos) e histograma polar de Dir, com referência à orientação média da linha de costa (LC), 19.5°N.

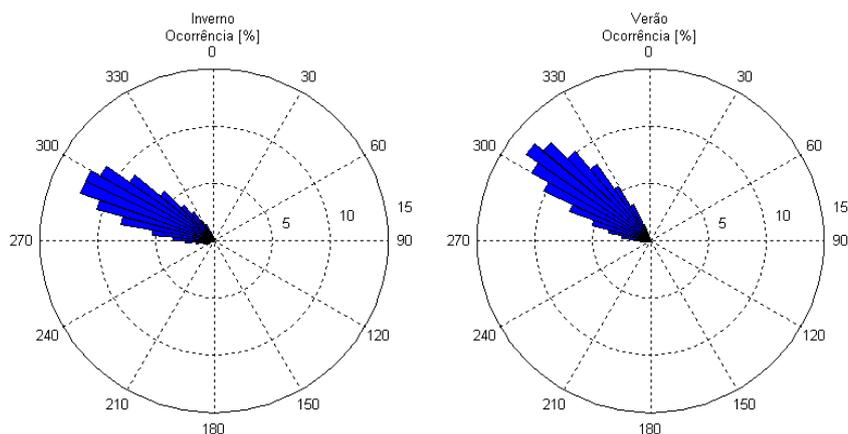


Figura 3.9 – Histogramas polares de Dir em classes de 5°, relativos ao inverno e verão marítimos.

### 3.1.3.2. Variabilidade mensal

O foco na variação mensal dos parâmetros Hs, Tp e Dir, após a análise do regime geral e da sazonalidade, permite compreender certos comportamentos cíclicos que se repetem em determinados períodos mais restritos do ano. Note-se que o regime em análise é o mesmo e, portanto, não se justifica examinar com minúcia alguns pontos atrás referidos, evitando cair na repetição sem acrescentar algo relevante à caracterização em curso. É por isso importante avaliar a evolução dos parâmetros de mês para mês e situar temporalmente determinadas ocorrências relevantes.

No Quadro 3.4 apresentam-se os parâmetros estatísticos já mencionados: média, desvio-padrão, mínimo e máximo, e 1º, 2º e 3º quartis; encontrando-se os valores mais reduzidos e mais elevados de cada mês representados a verde e a vermelho, respetivamente. Para uma melhor perceção da variação mensal, os valores da média, 1º e 3º quartis e desvio-padrão representam-se graficamente para Hs, Tp e Dir na Figura 3.10. Os histogramas de frequências relativas de cada mês apresentam-se para os parâmetros Hs, Tp e Dir, respetivamente, nas Figuras B.1, B.2 e B.3 do Anexo B.

Relativamente a Hs, constata-se o seguinte:

- É em janeiro que se observa o máximo valor das Hs máximas mensais e é também nesse mês que se observa o mínimo valor das Hs mínimas mensais, sendo o mês de maior amplitude de ocorrências. O mínimo valor das Hs máximas mensais observa-se em julho e o máximo valor das Hs mínimas mensais observa-se em dezembro.
- A média das alturas é máxima em janeiro, 3.02 m, e mínima em julho, 1.39 m, variando de forma distribuída pelos meses intermédios. É também em julho que se verifica o menor valor de desvio-padrão (0.45 m), significando que é nesse mês que as ocorrências mais se concentram em torno da média, opondo-se ao mês de dezembro (1.54 m), no qual existe uma maior dispersão de observações em relação à tendência central desse mês (2.89 m).
- O 3º quartil varia mais acentuadamente nos meses de março a junho (transição e início do verão), e novamente de setembro a dezembro (transição e início do inverno), o que indica

que é nestes meses que ocorre a alteração mais significativa da tendência de verão em que 50% dos valores se concentram num intervalo de 0.55 m centrado em 1.39 m (mediana de julho), para a tendência de inverno em que 50% dos valores se encontram num intervalo de 1.96 m centrado em 2.89 m (mediana de dezembro). Esta variação ocorre à custa de um aumento mais significativo do quartil superior que do quartil inferior.

Quadro 3.4 – Parâmetros estatísticos mensais relativos a Hs, Tp e Dir, para o regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

|          |     | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|----------|-----|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| Hs [m]   | Jan | 3.02  | 1.49          | 1.94       | 2.69    | 3.80       | 0.33   | 13.13  |
|          | Fev | 2.89  | 1.48          | 1.77       | 2.57    | 3.65       | 0.46   | 12.14  |
|          | Mar | 2.61  | 1.25          | 1.69       | 2.33    | 3.28       | 0.35   | 9.16   |
|          | Abr | 2.11  | 0.98          | 1.43       | 1.87    | 2.59       | 0.46   | 8.32   |
|          | Mai | 1.75  | 0.73          | 1.26       | 1.62    | 2.08       | 0.35   | 6.22   |
|          | Jun | 1.47  | 0.53          | 1.11       | 1.41    | 1.74       | 0.42   | 5.40   |
|          | Jul | 1.39  | 0.45          | 1.09       | 1.35    | 1.63       | 0.39   | 4.81   |
|          | Ago | 1.41  | 0.50          | 1.07       | 1.34    | 1.66       | 0.39   | 5.03   |
|          | Set | 1.65  | 0.79          | 1.13       | 1.47    | 1.94       | 0.37   | 7.69   |
|          | Out | 1.65  | 0.79          | 1.13       | 1.47    | 1.94       | 0.37   | 7.69   |
|          | Nov | 2.45  | 1.27          | 1.50       | 2.17    | 3.11       | 0.42   | 9.49   |
|          | Dez | 2.89  | 1.54          | 1.75       | 2.53    | 3.71       | 0.54   | 10.82  |
| Tp [s]   | Jan | 13.6  | 2.2           | 12.3       | 13.6    | 14.9       | 3.0    | 22.9   |
|          | Fev | 13.5  | 2.3           | 12.1       | 13.4    | 14.9       | 4.3    | 25.5   |
|          | Mar | 13.0  | 2.2           | 11.6       | 12.9    | 14.3       | 4.3    | 25.5   |
|          | Abr | 11.7  | 2.1           | 10.3       | 11.6    | 13.1       | 4.3    | 19.9   |
|          | Mai | 10.5  | 2.0           | 9.1        | 10.3    | 11.7       | 4.5    | 20.1   |
|          | Jun | 9.7   | 1.8           | 8.4        | 9.5     | 10.9       | 3.7    | 18.0   |
|          | Jul | 9.1   | 1.6           | 7.9        | 9.0     | 10.1       | 3.4    | 16.8   |
|          | Ago | 9.3   | 1.8           | 8.1        | 9.1     | 10.3       | 4.0    | 19.5   |
|          | Set | 10.7  | 2.2           | 9.1        | 10.4    | 12.2       | 3.3    | 22.0   |
|          | Out | 11.9  | 2.2           | 10.4       | 11.8    | 13.3       | 4.4    | 22.2   |
|          | Nov | 12.4  | 2.3           | 11.0       | 12.4    | 13.7       | 4.2    | 21.9   |
|          | Dez | 13.3  | 2.3           | 11.9       | 13.3    | 14.7       | 3.5    | 25.5   |
| Dir [°N] | Jan | 288.9 | 30.8          | 282.4      | 292.2   | 301.0      | 0.1    | 360.0  |
|          | Fev | 290.3 | 32.7          | 282.4      | 292.2   | 303.6      | 0.9    | 360.0  |
|          | Mar | 293.5 | 25.6          | 282.6      | 294.2   | 306.3      | 0.4    | 359.0  |
|          | Abr | 299.9 | 22.8          | 287.0      | 300.6   | 314.0      | 1.1    | 358.4  |
|          | Mai | 301.5 | 19.7          | 289.9      | 301.7   | 314.6      | 0.3    | 358.0  |
|          | Jun | 305.3 | 16.3          | 295.6      | 305.8   | 316.5      | 224.1  | 359.8  |
|          | Jul | 310.9 | 12.8          | 302.5      | 311.2   | 320.1      | 247.1  | 345.2  |
|          | Ago | 310.9 | 12.7          | 303.0      | 310.8   | 319.6      | 241.1  | 349.7  |
|          | Set | 304.9 | 17.5          | 296.6      | 305.8   | 315.6      | 16.4   | 357.7  |
|          | Out | 299.1 | 23.7          | 290.1      | 300.4   | 310.3      | 0.5    | 359.1  |
|          | Nov | 296.7 | 29.7          | 287.8      | 299.8   | 310.2      | 0.1    | 359.8  |
|          | Dez | 291.5 | 32.1          | 283.6      | 294.7   | 305.3      | 0.6    | 359.2  |

Relativamente a  $T_p$ :

- Os maiores valores de  $T_p$  máximos mensais observam-se nos meses de fevereiro, março e dezembro, e o mínimo observa-se em julho. O mínimo valor dos  $T_p$  mínimos mensais ocorre em janeiro e o máximo ocorre em maio.
- A média de  $T_p$  é máxima em janeiro, aproximadamente 14 s, e mínima em julho, aproximadamente 9 s, variando de forma suave e distribuída pelos meses intermédios. É também em julho que se verifica o menor valor de desvio-padrão (1.6 s), significando que é nesse mês que as ocorrências mais se concentram em torno da média, opondo-se ao mês de novembro (2.3 s), no qual existe uma maior dispersão de observações em relação à tendência central desse mês (12.4 s).
- Observando a forma das curvas da Figura 3.10 (b), relativa a  $T_p$ , conclui-se que entre os meses de inverno os períodos não variam tanto como entre os meses de verão, em que a diferença de valores é mais significativa de mês para mês como que ocorrendo uma transição de períodos mais evidente nesta estação.
- O 3º quartil varia mais acentuadamente nos meses de agosto a outubro, o menor intervalo de valores de  $T_p$  observados num mês ocorre em julho onde 50% dos valores se concentram num intervalo de 2.2 s centrado em 9.1 s (média de julho). Em setembro, a amplitude interquartil é máxima, observando-se 50% das ocorrências de  $T_p$  num intervalo de 3.0 s centrado em 10.7 s (média de setembro).

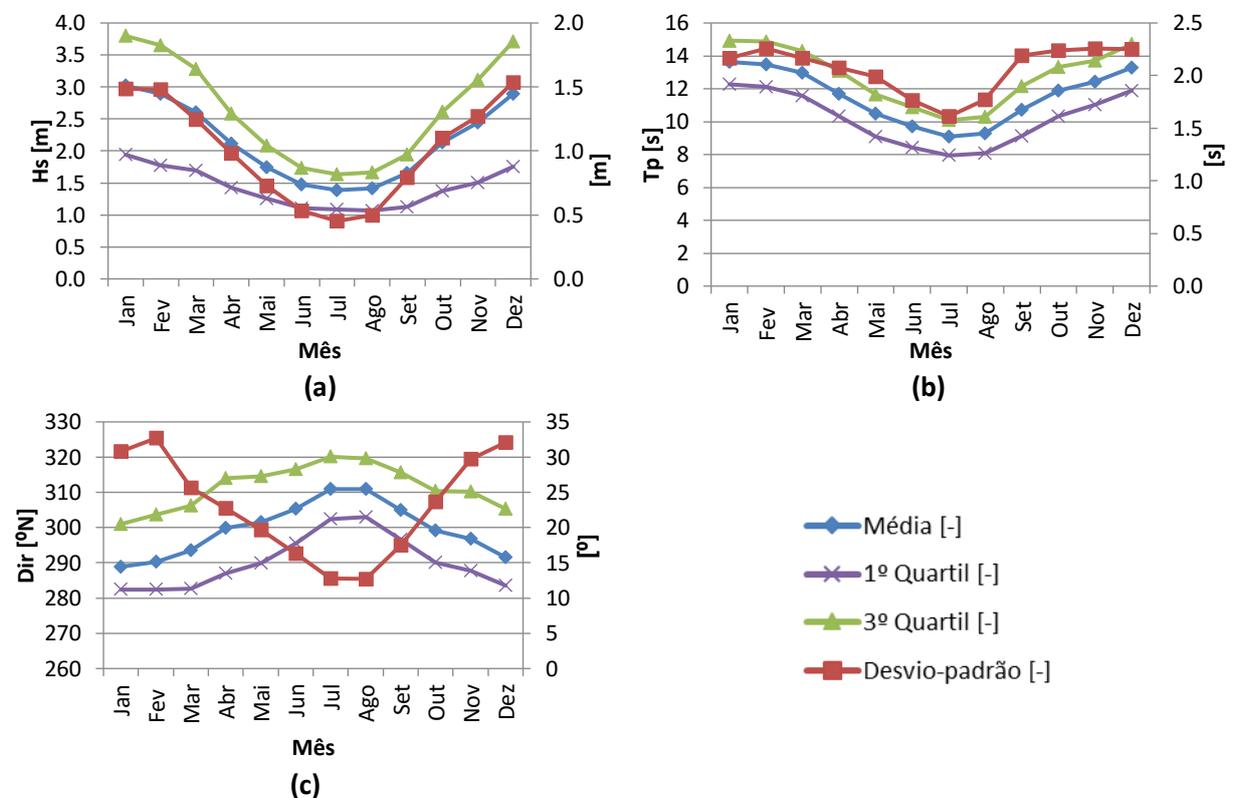


Figura 3.10 – Média e quartis (escala da esquerda), e desvio-padrão (escala da direita) mensais relativos a  $H_s$  (a),  $T_p$  (b) e  $Dir$  (c), para o regime geral de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

Relativamente a Dir:

- A média dos rumos tem valores apenas no intervalo 289-311°N, estando mais rodada a sul em janeiro (289°N) e mais rodada a norte em agosto (311°N). É também em agosto que se verifica o menor valor de desvio-padrão (12.7°), significando que é nesse mês que as ocorrências mais se concentram em torno do valor médio (310.9°N), opondo-se ao mês de fevereiro (32.7°), no qual existe uma maior dispersão de observações em relação à tendência central dos valores desse mês (290.3°N).
- A amplitude interquartil é maior em abril, em que 50% dos valores se encontram num intervalo de direções de 27° centrado no rumo 300°N (média de abril). O menor intervalo de direções observado num mês ocorre em agosto, onde 50% dos valores se concentram num intervalo de 16.6° em torno de 311°N (média de agosto).

#### 3.1.4. Comparação com outros estudos

Nesta secção compara-se o clima de agitação marítima obtido no presente estudo com resultados de outros estudos anteriores. O objetivo desta comparação não é de validação dos dados do presente estudo, pois os mesmos já foram validados com dados de boias e foram apresentados o erro quadrático médio e viés para a validação com a boia-ondógrafo da Figueira da Foz, mas sim o seu enquadramento no âmbito do conhecimento existente proveniente de estudos relevantes relativos a períodos mais curtos.

Os dados previamente existentes são maioritariamente relativos à zona do Cabo Mondego e do Estuário do Mondego, ao largo ou noutros locais, e provenientes de boias-ondógrafo, observações ou modelos de *hindcast*. Foram escolhidos períodos de comparação anteriores e posteriores ao período de funcionamento da boia da Figueira da Foz (desativada em 1996).

Para esta comparação, foram extraídos e processados os dados do presente estudo correspondentes aos períodos em análise de cada um dos respetivos estudos anteriores, para se efetuar uma comparação em termos cronológicos.

Primeiramente, faz-se uma comparação com os dados provenientes do estudo realizado por **Cunha et al. (1997)** que caracteriza o clima de agitação ao largo do porto da Figueira da Foz, após transposição dos registos tomados pela Junta Autónoma do Porto da Figueira da Foz, entre janeiro de 1954 e dezembro de 1960 (sete anos), por Carvalho e Barceló (1966). Estas **observações** foram feitas a partir da “**Torre do Relógio**” três vezes ao dia, só na parte diurna, com registos simultâneos de altura, rumo e período da agitação.

O segundo período de comparação, de abril de 1984 a fevereiro de 1996, provém do estudo realizado por **Capitão et al. (1997)** que procede ao tratamento dos **dados** recolhidos na **boia-ondógrafo** em frente à **Figueira da Foz** (40 12' 00" N e 09° 07' 36" W), em histogramas conjuntos de valores tri-horários de rumos e alturas significativas. Inclusa neste período encontra-se a análise dos dados do Instituto Hidrográfico, IH, levada a cabo por **Cunha (1999)**, sendo uma análise mensal e anual,

portanto mais específica, incidente apenas nos dois anos finais do referido estudo, 1995 e 1996, sendo a proveniência dos dados a mesma nos dois casos.

Por fim, o período de 1989-1998 aqui comparado é analisado por **Cunha (1999)** com **dados** provenientes de **previsões** diárias das condições de agitação marítima obtidas pelo Instituto de Meteorologia por reconstituição com **modelo numérico** (modelo de ondas geradas pelo vento, *hindcast*).

### 3.1.4.1. Período 1954-1960

No Quadro 3.5 apresenta-se a frequência relativa dos parâmetros direção, altura de onda (Hs) e período (Tp), obtidos no presente estudo e no estudo de Cunha *et al.* (1997), posteriormente desenvolvido por Cunha e Dinis (1998).

Quadro 3.5 – Clima de agitação marítima ao largo do porto da Figueira da Foz de 1954 a 1960 (7 anos).

| Direção [°N] | Cunha <i>et al.</i> (1997) | Presente estudo | Hs [m]  | Cunha <i>et al.</i> (1997) | Presente estudo | Tp [s]  | Cunha <i>et al.</i> (1997) | Presente estudo |
|--------------|----------------------------|-----------------|---------|----------------------------|-----------------|---------|----------------------------|-----------------|
| ≤ 255        | 1.1%                       | 1.1%            | 0 a 0.5 | 1.0%                       | 0.2%            | ≤ 8     | 4.3%                       | 29.1%           |
| 255 a 265    | 6.6%                       | 1.9%            | 0.5 a 1 | 14.7%                      | 9.5%            | 8 a 10  | 24.7%                      | 26.4%           |
| 265 a 275    | 32.7%                      | 4.2%            | 1 a 2   | 41.9%                      | 48.1%           | 10 a 12 | 30.3%                      | 27.3%           |
| 275 a 285    | 38.8%                      | 10.4%           | 2 a 3   | 18.8%                      | 22.7%           | 12 a 14 | 17.0%                      | 11.7%           |
| ≥ 285        | 5.3%                       | 81.7%           | 3 a 4   | 6.1%                       | 10.2%           | 14 a 16 | 5.8%                       | 4.4%            |
|              |                            |                 | 4 a 5   | 2.2%                       | 5.2%            | 16 a 18 | 2.4%                       | 1.0%            |
|              |                            |                 | > 5     | 0.8%                       | 4.1%            |         |                            |                 |

Da comparação do estudo anterior com o presente estudo, retiram-se as seguintes principais conclusões:

- No estudo anterior a altura significativa máxima não ultrapassou os 7.5 m, contudo não ficaram registados os períodos de forte agitação devido à rotura no cabo de amarração da boia-ondógrafo não direcional durante tempestades e devido à má visibilidade por nevoeiro e chuva. No mesmo período de sete anos, os dados do presente estudo indicam que as alturas máximas atingiram os 10.0 m. Manteve-se a classe de Hs mais frequente (1 a 2 m).
- A média de Hs no estudo anterior é de 1.8 m, um pouco inferior aos 2.17 m obtidos para o mesmo período no presente estudo, que sobrestima a frequência relativa para classes de Hs superiores à classe mais frequente e a subestima para classes de Hs inferiores, caracterizando então um regime mais energético.
- No estudo anterior, situações de temporal classificadas nas classes: 5-6.5 m representam 1.0% das ocorrências vs. 3.1% (presente estudo); 6.5-7.5 m representam 0.1% vs. 0.62%; 7.5-9.5 m representam 0.39% (presente estudo); e 9.5-13.5 m representam 0.04% (presente estudo).
- A agitação marítima no estudo anterior apresenta rumos na sua maioria restritos ao intervalo 242-297°N, existindo alguma influência do Cabo Mondego através de efeitos de refração e difração, não eliminados mesmo após a transferência para o largo (Cunha e Dinis, 1998), vs. 270-330°N (89%) no presente estudo, em que se considera que essa influência do Cabo não

é verificada. Comprova-se a suposição de que existem ao redor do Cabo Mondego alterações no regime de agitação marítima devido a estes efeitos.

- No estudo anterior,  $T_p$  mais frequente encontra-se entre 7-13 s vs. 4-14 s (94%) no presente estudo onde se verifica um comportamento inverso de  $H_s$  em relação à classe mais frequente, resultando estas duas tendências numa maior declividade das ondas.
- Considerando um verão marítimo restringido aos meses de junho, julho, agosto e setembro, a média de  $H_s$  é 1.3 m vs. 1.52 m no presente estudo. Das ocorrências registadas, 68% enquadra-se nos intervalos 0.5-2.5 m vs. 1.0-2.0 m, 262-292°N vs. 290-320°N e 7-11 s vs. 8-12 s.
- Considerando um inverno marítimo restringido aos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março, a média de  $H_s$  é 2.2 m vs. 2.69 m no presente estudo. Das ocorrências registadas, 63% caracteriza-se nos intervalos 0.5-2.5 m vs. 1.0-3.5 m, 257-282°N vs. 280-310°N e 8-13 s vs. 10-14 s.

#### 3.1.4.2. Período 1984-1996

Para o período de 1984 a 1996, é feita a adaptação do histograma conjunto de valores tri-horários de rumos e alturas significativas recolhidos pela boia-ondógrafo em frente à Figueira da Foz, do regime total observado ao largo, obtido por Capitão *et al.* (1997) (Figura B.4 do Anexo B). Os histogramas conjuntos dos invernos (outubro a março) e verões (abril a setembro) marítimos ao largo não se apresentam nesta dissertação, mas foram também analisados. Em cada célula, definida por classes de altura significativa e direção incidente, consta o número de ocorrências. Na Figura B.5 do Anexo B apresenta-se o histograma conjunto do regime total dos dados de 6 em 6 horas do presente estudo no mesmo período, utilizando os mesmos escalões, obtido para efeitos de comparação.

Note-se que os valores de período obtidos por Capitão *et al.* (1997) são apenas apresentados de forma gráfica. É referida a correlação entre  $H_s$  e  $T_z$ , apresentada na Equação 3.1, com um valor de  $R^2=0.3883$ , muito reduzido.

$$T_z = 0.99H_s + 5.37 \quad (\text{Eq. 3.1})$$

#### Regime geral

Em termos de alturas significativas, pela análise do produto da frequência absoluta deste parâmetro pelos limites inferior e superior de cada classe, conclui-se que a média dos dados tratados por Capitão *et al.* (1997) se situa entre os 1.97 m e 2.47 m, intervalo no qual se localiza a média obtida pelos dados do presente estudo, 2.18 m (Quadro 3.6), verificando-se assim concordância entre resultados.

Pela análise das frequências relativas acumuladas, conclui-se que o 1º quartil se situa na classe 1.0-1.5 m vs. 1.30 m do presente estudo, a mediana na classe 1.5-2.0 m vs. 1.80 m, e o 3º quartil na classe dos 2.5-3.0 m vs. 2.75 m.

Pode também referir-se que, de acordo com as frequências absolutas, o máximo valor de  $H_s$  se situa na classe 9.0-9.5 m vs. 12.14 m do presente estudo, mas há que ter em conta a possibilidade de avarias da boia mencionada em situações de temporais.

Quadro 3.6 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Dir e Tp do regime geral (1984-1996), do presente estudo.

|          | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|----------|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| Hs [m]   | 2.18  | 1.27          | 1.30       | 1.80    | 2.75       | 0.35   | 12.14  |
| Dir [°N] | 299.3 | 24.9          | 290.0      | 300.7   | 311.6      | 0.3    | 359.8  |
| Tp [s]   | 11.6  | 2.7           | 9.5        | 11.5    | 13.5       | 4.1    | 22.2   |

Em termos de direções, pela análise do produto da frequência absoluta deste parâmetro pelos limites inferior e superior de cada classe, conclui-se que a média dos dados tratados por Capitão *et al.* (1997) se situa entre os 299.13°N e 304.13°N, intervalo no qual se localiza a média obtida pelos dados do presente estudo, 299.3 N (Quadro 3.6), verificando-se também concordância entre estudos para este parâmetro.

Pela análise das frequências relativas acumuladas, conclui-se que o 1º quartil se situa na classe 285-290°N vs. 290.0°N do presente estudo, a mediana na classe 300-305°N vs. 300.7°N, e o 3º quartil na classe dos 315-320°N vs. 311.6°N.

Para comparação direta de classes de frequência de Hs e Dir, apresentam-se os histogramas duplos para os dois estudos nas Figuras 3.11 e 3.12, ilustrando as diferenças referidas entre as ocorrências dos dois estudos nas várias classes.

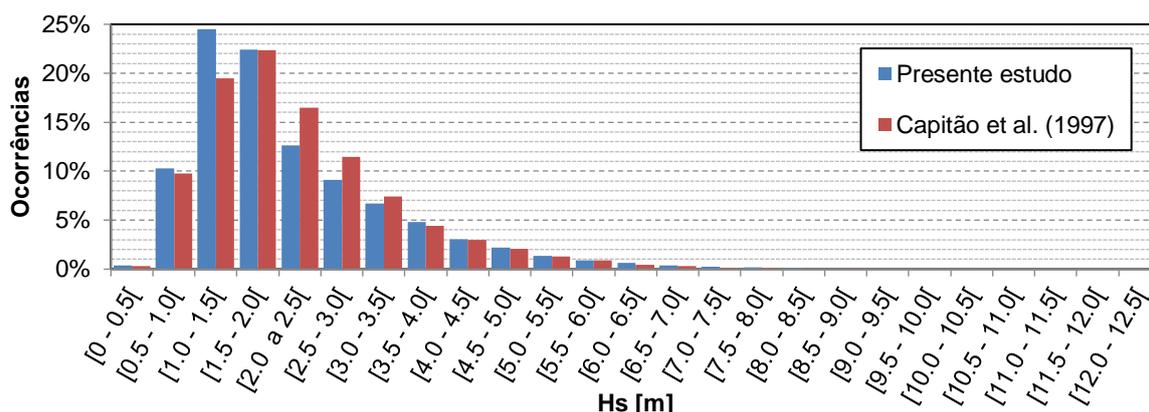


Figura 3.11 – Histograma duplo, comparativo de Hs no período total.

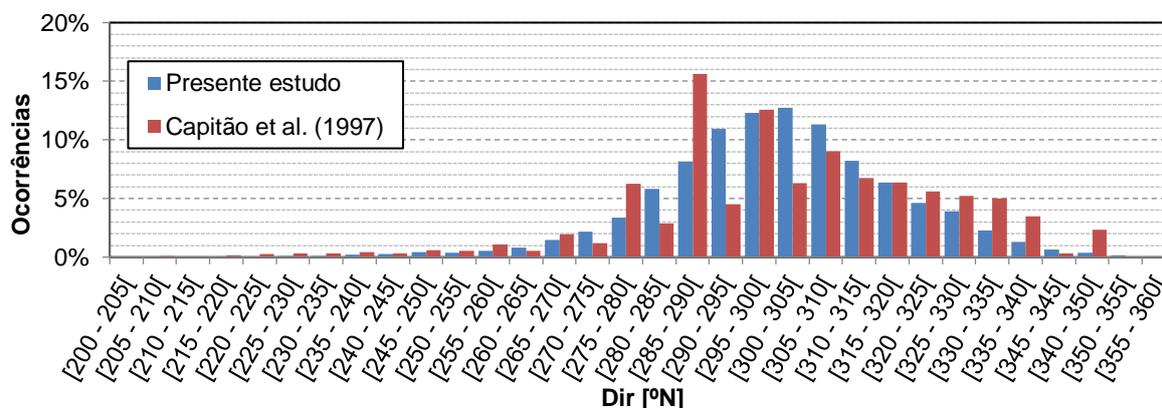


Figura 3.12 – Histograma duplo, comparativo de Dir no período total.

Para o regime geral, da comparação dos histogramas conjuntos de ambas as fontes, conclui-se o seguinte:

- No estudo de Capitão *et al.* (1997), o intervalo definido pelas classes Dir 275-325°N e Hs 1.0-3.0 m enquadra cerca de 52% das ocorrências vs. 57% das ocorrências que aí se verificam no presente estudo.
- No intervalo definido pelas classes Dir 255-340°N e Hs 0.5-5.0 m enquadram-se 91% das ocorrências vs. 93% no presente estudo.
- As Hs mais elevadas obtidas por Capitão *et al.* (1997) ocorrem essencialmente no intervalo de Dir 285-295°N com máximo na classe Hs 9.0-9.5 m enquanto no presente estudo se verificam essas classes de Hs no intervalo mais alargado de Dir 260-300°N, com máximo na classe Hs 12.0-12.5 m.
- No estudo de Capitão *et al.* (1997) predomina Dir na classe 285-290°N, com aproximadamente 16% das ocorrências, maioritariamente associada a Hs entre 1.5-2.0 m, classe com 22.33% das ocorrências e também a predominante em termos de Hs vs. a predominância da classe Dir 300-305°N, com aproximadamente 13% das ocorrências, maioritariamente associada a Hs entre 1.0-1.5 m, classe predominante em termos de Hs no presente estudo, com 24.42% das ocorrências.

### Inverno Marítimo

No período de inverno marítimo, pela análise do produto da frequência absoluta pelos limites inferior e superior de cada classe, conclui-se que, para a altura significativa, a média dos dados tratados por Capitão *et al.* (1997) se situa entre os 2.28 m e 2.78 m, intervalo no qual se localiza a média obtida pelos dados do presente estudo, 2.76 m (Quadro 3.7).

Pela análise das frequências relativas acumuladas, conclui-se que o 1º quartil se situa na classe 1.5-2.0 m vs. 1.72 m do presente estudo, a mediana na classe 2.0-2.5 m vs. 2.49 m, e o 3º quartil na classe dos 3.0-3.5 m vs. 3.49 m.

Pode também referir-se que, de acordo com as frequências absolutas, o máximo valor de Hs se situa na classe 9.0-9.5 m vs. 12.14 m.

Quadro 3.7 – Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Dir e Tp no inverno marítimo (1984-1996), do presente estudo.

|          | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|----------|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| Hs [m]   | 2.76  | 1.41          | 1.72       | 2.49    | 3.49       | 0.40   | 12.14  |
| Dir [°N] | 292.4 | 29.1          | 285.4      | 295.0   | 304.3      | 0.5    | 359.1  |
| Tp [s]   | 13.1  | 2.3           | 11.6       | 13.1    | 14.6       | 4.1    | 22.2   |

Em termos de comparação direta de classes de Hs, apresentam-se os histogramas duplos na Figura 3.13, ilustrando as diferenças referidas entre as ocorrências dos dois estudos nas várias classes.

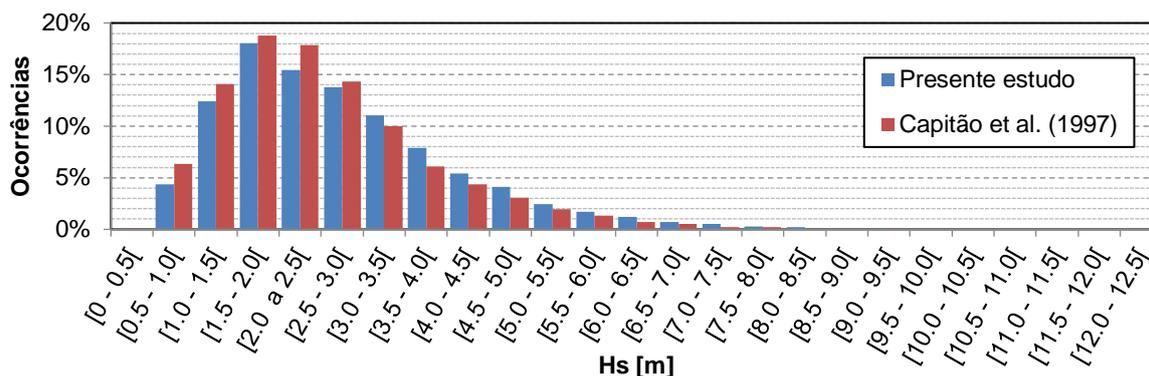


Figura 3.13 – Histograma duplo, comparativo de Hs no inverno marítimo.

Acerca das direções, conclui-se que a média dos dados tratados por Capitão *et al.* (1997) se situa entre os 297.09°N e 302.09°N, sendo a média obtida pelos dados do presente estudo, 292.4°N (Quadro 3.7), inferior ao menor destes valores, situando-se o 1º quartil na classe 285-290°N vs. 285.4°N do presente estudo, a mediana na classe 295-300°N vs. 295.0°N, e o 3º quartil na classe dos 310-315°N vs. 304.3°N.

Em termos de comparação direta de classes de Dir, apresentam-se os histogramas duplos na Figura 3.14, ilustrando as diferenças referidas entre as ocorrências dos dois estudos nas várias classes.

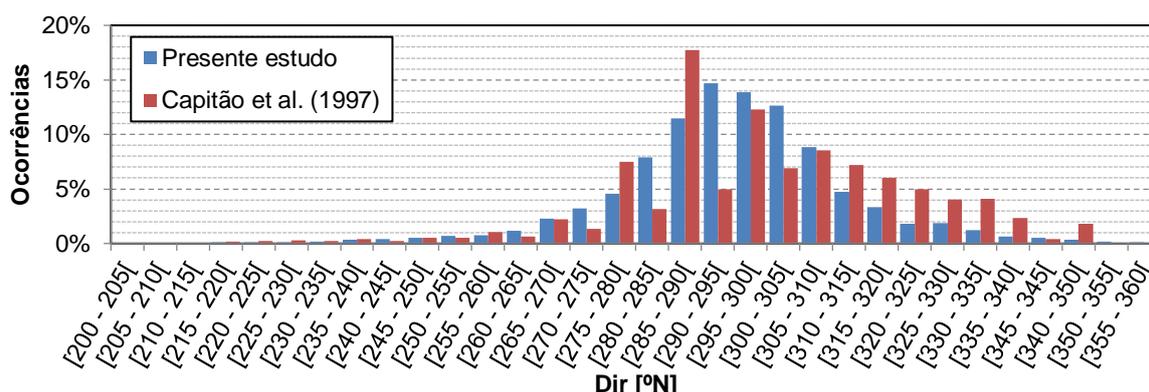


Figura 3.14 – Histograma duplo, comparativo de Dir no inverno marítimo.

### Verão Marítimo

Para a altura significativa no período de verão marítimo, conclui-se que a média dos dados tratados por Capitão *et al.* (1997) se situa entre os 1.48 m e 1.98 m, intervalo no qual se localiza a média obtida pelos dados do presente estudo, 1.61 m (Quadro 3.8). O 1º quartil situa-se na classe 1.0-1.5 m vs. 1.13 m do presente estudo, a mediana na classe 1.5-2.0 m vs. 1.46 m, e o 3º quartil na classe dos 2.0-2.5 m vs. 1.87 m.

Pode também referir-se que, de acordo com as frequências absolutas, o máximo valor de Hs se situa na classe 8.0-8.5 m vs. 7.69 m do presente estudo.

Em termos de direções, conclui-se que a média dos dados tratados por Capitão *et al.* (1997) se situa entre os 302.38°N e 307.38°N, intervalo no qual se localiza a média obtida pelos dados do presente estudo, 306.0 N (Quadro 3.8). O 1º quartil situa-se na classe 285-290°N vs. 296.5°N do presente

estudo, a mediana na classe 305-310°N vs. 306.5°N, e o 3º quartil na classe dos 320-325°N vs. 317.0°N.

Quadro 3.8 - Parâmetros estatísticos relativos a Hs, Dir e Tp no verão marítimo (1984-1996), do presente estudo.

|          | Média | Desvio-padrão | 1º Quartil | Mediana | 3º Quartil | Mínimo | Máximo |
|----------|-------|---------------|------------|---------|------------|--------|--------|
| Hs [m]   | 1.61  | 0.76          | 1.13       | 1.46    | 1.87       | 0.35   | 7.69   |
| Dir [°N] | 306.0 | 17.3          | 296.5      | 306.5   | 317.0      | 0.3    | 359.8  |
| Tp [s]   | 10.1  | 2.1           | 8.6        | 10.0    | 11.4       | 4.4    | 22.0   |

Em termos de comparação direta de classes de Hs e Dir, apresentam-se os histogramas duplos nas Figuras 3.15 e 3.16, ilustrando as diferenças referidas entre as ocorrências dos dois estudos nas várias classes.

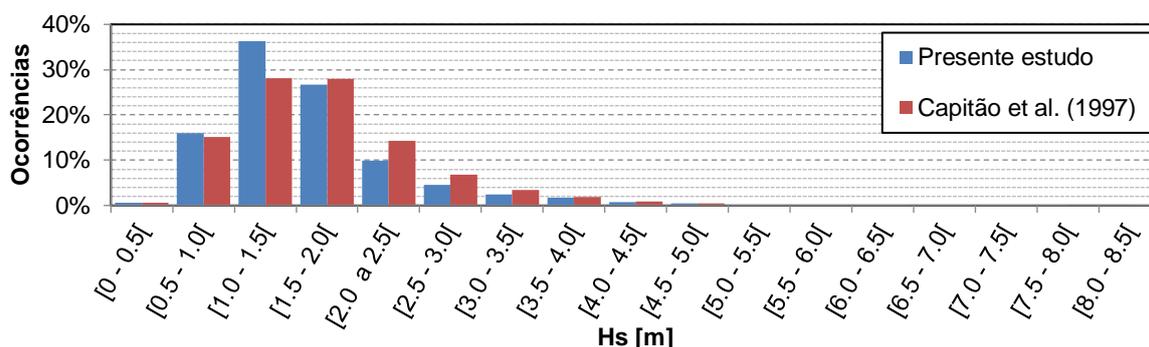


Figura 3.15 – Histograma duplo, comparativo de Hs no verão marítimo.

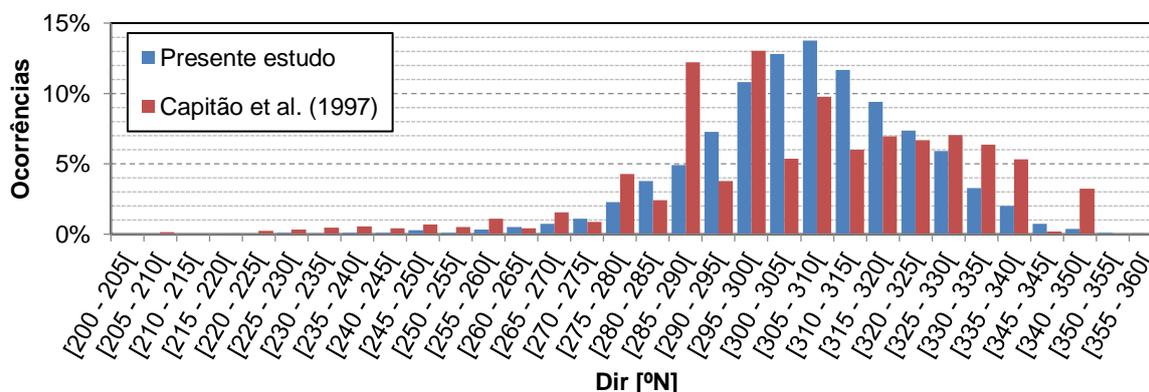


Figura 3.16 – Histograma duplo, comparativo de Dir no verão marítimo.

#### 3.1.4.3. Período 1995-1996

Neste período mais curto inserido no final do período anterior, os dados do Instituto Hidrográfico analisados por Cunha (1999) têm a mesma origem que os dados utilizados na análise feita por Capitão *et al.* (1997) no referido período.

Com esta análise mais detalhada observa-se, no Quadro 3.9, que os valores de Hs do presente estudo são superiores aos dados em comparação, sendo a diferença mais evidente nos meses de inverno. Em termos de Dir pode afirmar-se que, dentro de uma certa variabilidade, os valores são semelhantes nos dois estudos. Além disso, são visíveis lacunas existentes ao nível dos registos obtidos, o que também ajuda a compreender a distribuição de Dir ao largo encontrada no histograma obtido por Capitão *et al.* (1997).

### 3.1.4.4. Período 1989-1998

Neste período, as previsões diárias das condições de agitação obtidas pelo Instituto de Meteorologia (IM) que Cunha (1999) analisou, têm origem em dados provenientes de um modelo de ondas geradas pelo vento, tal como no presente estudo. Tanto os valores de Hs como de Dir são consistentes em ambos os estudos, como se pode observar também no Quadro 3.9, sendo os dados do IM apresentados com uma incerteza considerável.

O autor refere que “os anos de 1996 a 1998 regeram-se por contextos climatéricos fora do habitual, com o designado Anticiclone dos Açores afastado da sua posição típica e Portugal continental a ser frequentemente condicionado por depressões e pela passagem das respetivas superfícies frontais.”

Quadro 3.9 – Valores médios de Hs e Dir nos períodos 1995-96 e 1989-98.

|           |          | 1995            |                        | 1996            |                        | 1989-98         |                           |
|-----------|----------|-----------------|------------------------|-----------------|------------------------|-----------------|---------------------------|
|           |          | Presente estudo | Instituto Hidrográfico | Presente estudo | Instituto Hidrográfico | Presente estudo | Instituto de Meteorologia |
| Janeiro   | Hs [m]   | 3.19            | 3.01                   | 4.29            | *                      | 3.13            | 2.70 ± 0.70               |
|           | Dir [°N] | 295             | 307                    | 278             | *                      | 288             | 302 ± 12                  |
| Fevereiro | Hs [m]   | 3.74            | 3.39                   | 2.82            | *                      | 2.99            | 2.60 ± 0.60               |
|           | Dir [°N] | 293             | 304                    | 291             |                        | 291             | 302 ± 15                  |
| Março     | Hs [m]   | 2.74            | *                      | 2.11            | 2.16                   | 2.47            | 2.30 ± 0.40               |
|           | Dir [°N] | 307             |                        | 283             | 281                    | 294             | 305 ± 10                  |
| Abril     | Hs [m]   | 1.69            | *                      | 1.89            | 1.84                   | 2.27            | 2.30 ± 0.50               |
|           | Dir [°N] | 301             |                        | 294             | 303                    | 302             | 304 ± 9                   |
| Maio      | Hs [m]   | 1.78            | *                      | 1.74            | 1.90                   | 1.62            | 1.80 ± 0.20               |
|           | Dir [°N] | 292             |                        | 290             | 299                    | 296             | 299 ± 12                  |
| Junho     | Hs [m]   | 1.17            | *                      | 1.46            | *                      | 1.49            | 1.60 ± 0.20               |
|           | Dir [°N] | 317             |                        | 304             | 311                    | 307             | 310 ± 8                   |
| Julho     | Hs [m]   | 1.33            | 1.36                   | 1.43            | 1.41                   | 1.39            | 1.50 ± 0.10               |
|           | Dir [°N] | 307             | 315                    | 313             | 318                    | 310             | 315 ± 0                   |
| Agosto    | Hs [m]   | 1.33            | 1.33                   | 1.52            | 1.43                   | 1.41            | 1.50 ± 0.10               |
|           | Dir [°N] | 312             | 316                    | 316             | 315                    | 311             | 313 ± 4                   |
| Setembro  | Hs [m]   | 1.83            | 1.73                   | 1.73            | 1.60                   | 1.72            | 1.80 ± 0.30               |
|           | Dir [°N] | 311             | 314                    | 307             | 303                    | 306             | 309 ± 6                   |
| Outubro   | Hs [m]   | 2.03            | 1.94                   | 2.30            | 2.34                   | 2.03            | 2.10 ± 0.30               |
|           | Dir [°N] | 290             | 304                    | 302             | 307                    | 300             | 303 ± 13                  |
| Novembro  | Hs [m]   | 2.23            | 2.18                   | 2.69            | 2.67                   | 2.66            | 2.50 ± 0.50               |
|           | Dir [°N] | 283             | 296                    | 303             | 307                    | 293             | 300 ± 11                  |
| Dezembro  | Hs [m]   | 3.09            | 2.76                   | 2.90            | 2.40                   | 3.01            | 2.80 ± 0.50               |
|           | Dir [°N] | 276             | 286                    | 283             | 279                    | 288             | 295 ± 16                  |
| Anual     | Hs [m]   | <b>2.18</b>     | <b>2.25</b>            | <b>2.24</b>     | <b>1.98</b>            | <b>2.18</b>     | <b>2.10 ± 0.10</b>        |
|           | Dir [°N] | <b>299</b>      | <b>306</b>             | <b>297</b>      | <b>303</b>             | <b>299</b>      | <b>305 ± 4</b>            |

\* média não significativa por falta de registos

### Considerações finais

Em termos de alturas significativas verifica-se globalmente uma maior concordância, entre os estudos anteriores e o presente estudo do que em termos do parâmetro direção média incidente, havendo maior proximidade nos casos de dados provenientes de *hindcast* do que no caso de dados obtidos por boias-ondógrafo, como apresentado. O parâmetro direção é mais variável: é muito influenciado

pelo tipo de comportamento dos anos em análise, no sentido em que, num determinado ano, podem ocorrer valores muito extremos que influenciam fortemente o valor da média de Dir, enquanto as alturas e períodos apresentam uma tendência de variação mais constante.

A justificação encontrada para o facto de, em termos globais, os parâmetros Hs e Dir do presente estudo se caracterizarem por valores mais elevados e rodadas para sul quando comparados com os estudos baseados em dados de boias, assenta na constatação de que estas são ocorrências típicas dos invernos marítimos, que causam mais frequentemente a avaria das boias-ondógrafo, resultando em dados com lacunas de observações destas características extremas nesses estudos e, conseqüentemente, em regimes de agitação marítima menos energéticos que os verificados na realidade.

Quando comparados os dados do presente estudo com dados obtidos por *hindcast*, verifica-se uma semelhança mais alargada tanto em termos de Hs como de Dir, realçando-se o facto de, tratando-se de ondas forçadas pelo vento através de reconstituição por modelo numérico, não existirem lacunas ao nível dos dados de Dir, frequentes quando se tratam dados provenientes de leituras efetuados por boias-ondógrafo.

Da comparação da série de dados de agitação marítima do presente estudo com resultados de outros estudos anteriores, em períodos restritos, conclui-se que a sazonalidade e a presença de anos atípicos influenciam a representatividade dos parâmetros expostos, e que uma análise baseada numa série temporal muito longa robustece a representatividade desses parâmetros.

### 3.2. Nível do mar

Na presente dissertação considerou-se a variação do nível do mar devida à variação da maré astronómica e da maré meteorológica. A metodologia aplicada baseou-se em dados de *hindcast* do modelo *WXTide32* e de um modelo aplicado por Fortunato *et al.* (2014).

O *WXTide32*, aqui referido como *WXTide*, é um *software* de previsão de níveis de maré astronómica para *Windows*. O modelo permite obter previsões de maré astronómica desde 1970 até 2037, referidas a mais de 9500 estações em todo o mundo, das quais se destaca a estação portuguesa da Figueira da Foz, de coordenadas 40°9' N e 8°52' W, utilizada neste estudo. Como *output*, através do comando *incremental tide*, o *WXTide* permite obter a listagem de previsões para a estação seleccionada com um passo de 1 a 1440 minutos e até 99 dias de cada vez.

Compararam-se previsões do nível do mar (NM) obtidas com o *WXTide* com previsões obtidas pelo Instituto Hidrográfico (IH), disponibilizadas no *website* desta instituição, para os mesmos eventos de baixa-mar (BM) e preia-mar (PM), com o objetivo de avaliar a concordância entre as duas fontes. Apresentam-se no Quadro 3.10 os valores obtidos para dois períodos distintos, de 8 a 9 de março e de 10 a 11 de abril de 2015, através do *WXTide* e do IH.

Conclui-se que as previsões do nível do mar do IH são mais elevadas. A diferença de nível entre condições de preia-mar e baixa-mar não é constante apesar de sistemática, sendo mais elevada no

caso de preia-mar (Quadro 3.10). Assim, tratando-se de previsões de maré astronómica com valores próximos nas duas fontes, o que suporta a sua fiabilidade, foram extraídos do *WXTide* os valores que formam a série temporal do nível do mar, de 6 em 6h para o período de 1970 a 2010, com as devidas correções referentes ao horário de verão. Os valores são referidos ao zero hidrográfico, ZH.

Quadro 3.10 – Previsões do nível do mar obtidas através do *WXTide* e do IH.

|                    | Hora [hh:mm] | NM <i>WXTide</i> [m] | Hora [hh:mm] | NM IH [m] | Diferença (IH- <i>WXTide</i> ) [m] | Maré |
|--------------------|--------------|----------------------|--------------|-----------|------------------------------------|------|
| 08-03-2015         | 04:22        | 3.23                 | 04:14        | 3.37      | 0.14                               | PM   |
|                    | 10:19        | 0.62                 | 10:16        | 0.68      | 0.06                               | BM   |
|                    | 16:38        | 3.10                 | 16:30        | 3.27      | 0.17                               | PM   |
|                    | 22:31        | 0.64                 | 22:26        | 0.71      | 0.07                               | BM   |
| 09-03-2015         | 04:45        | 3.12                 | 04:45        | 3.29      | 0.17                               | PM   |
|                    | 10:57        | 0.68                 | 10:46        | 0.76      | 0.08                               | BM   |
|                    | 17:13        | 3.01                 | 17:02        | 3.20      | 0.19                               | PM   |
|                    | 23:16        | 0.73                 | 22:58        | 0.79      | 0.06                               | BM   |
| 10-04-2015         | 01:08        | 0.9                  | 0:56         | 0.96      | 0.06                               | BM   |
|                    | 07:21        | 2.70                 | 7:17         | 2.92      | 0.22                               | PM   |
|                    | 13:29        | 1.00                 | 13:16        | 1.09      | 0.09                               | BM   |
|                    | 19:42        | 2.80                 | 19:43        | 2.96      | 0.16                               | PM   |
| 11-04-2015         | 02:02        | 1.10                 | 1:50         | 1.11      | 0.01                               | BM   |
|                    | 08:15        | 2.60                 | 8:14         | 2.76      | 0.16                               | PM   |
|                    | 14:28        | 1.20                 | 14:15        | 1.24      | 0.04                               | BM   |
|                    | 20:42        | 2.70                 | 20:46        | 2.85      | 0.15                               | PM   |
| <b>Média</b>       |              |                      |              |           | 0.11                               |      |
| <b>Média em PM</b> |              |                      |              |           | 0.17                               |      |
| <b>Média em BM</b> |              |                      |              |           | 0.06                               |      |

Para entrar em conta com o efeito da maré meteorológica no nível do mar, foram utilizados dados de previsão do nível do mar gerados com base num modelo de *hindcast* de 250 m de resolução na plataforma continental Portuguesa, com erros quadráticos médios da ordem de 2-5 cm e níveis extremos com erros máximos da ordem de 15 cm (Fortunato *et al.*, 2014), referidos nesta secção como dados de *hindcast*. Estes dados compreendem o período de 1980 a 2006 e são compostos por séries tri-horárias de níveis relativos ao ZH. A análise destes dados comparativamente aos dados provenientes do *WXTide* revelou a necessidade compatibilizar as ocorrências de baixa-mar e preia-mar das duas fontes. De seguida, foi extraída parte da série correspondente à sobre-elevação meteorológica para o período de 1980 a 2006, subtraindo o nível obtido do *WXTide* ao correspondente nível dos dados de *hindcast*. Uma vez que os fenómenos meteorológicos são aleatórios, admitiu-se a repetição da série de maré meteorológica de 1980-2006 nos restantes períodos.

A série temporal final do nível do mar de 1952 a 2010 resulta da composição das componentes de maré astronómica e meteorológica apresentadas, tendo em conta a ocorrência de anos bissextos. Esta série representa o nível do mar utilizado na criação do *annual wave climate file*, ficheiro de *input* dos parâmetros de caracterização das condições do clima de agitação marítima no sistema de modelos integrados *LITPACK*, apresentado no Anexo A.4.2.

## 4. Topo-hidrografia e sedimentologia

### 4.1. Perfil de praia e sedimentos

As características topo-hidrográficas do perfil de praia, juntamente com as características dos sedimentos existentes na zona de estudo (ZE), são fundamentais na modelação do transporte sedimentar longitudinal e da evolução da linha de costa (LC). Esta secção tem como objetivo a escolha do perfil transversal de praia e do diâmetro mediano representativos das características de todo o trecho costeiro em estudo, parte integrante do *input* necessário para o sistema de modelos integrados *LITPACK* aplicado na presente dissertação.

#### 4.1.1. Dados e método

O **perfil transversal representativo** da zona em análise foi selecionado com base num estudo recente de caracterização morfológica do trecho litoral entre as embocaduras dos rios Mondego e Lis (Oliveira, 2014). O modelo digital do terreno (MDT) elaborado, apresentado em parte na Figura 4.1, resultou da combinação de dados topo-hidrográficos provenientes de duas cartas náuticas elaboradas pelo Instituto Hidrográfico (IH) e de um levantamento topo-hidrográfico de 2011 com tecnologia LiDAR (*Light Detection and Ranging*), do Instituto Geográfico Português e Instituto da Água (assim designado na altura).

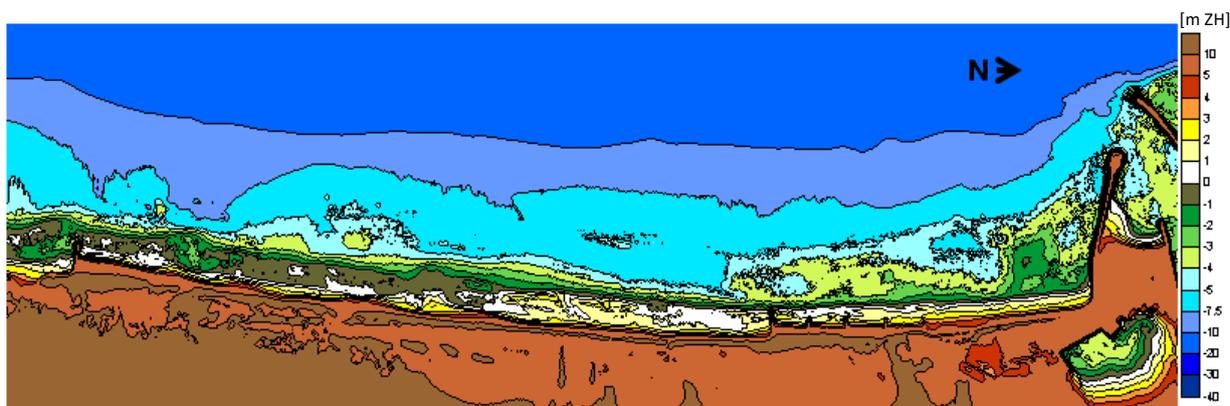


Figura 4.1 – Parte do modelo digital do terreno da zona costeira delimitada pelas embocaduras dos rios Lis e Mondego, zona de estudo, adaptado de Oliveira (2014).

No referido estudo, o autor recorreu à partição do trecho litoral em questão em sub-trechos condicionados pelas estruturas transversais existentes, construídas ou naturais, identificando as suas principais características morfológicas e selecionando, de entre dezoito perfis, o perfil transversal que melhor representa cada sub-trecho. Na Figura 4.2 identifica-se a localização dos perfis transversais de praia na ZE. Para definição da nomenclatura dada às zonas em que normalmente se divide a praia, apresenta-se um esquema representativo na Figura 4.3. Na Figura B.6 do Anexo B apresenta-se o declive da face de praia obtido para cada um dos perfis transversais obtidos por Oliveira (2014).

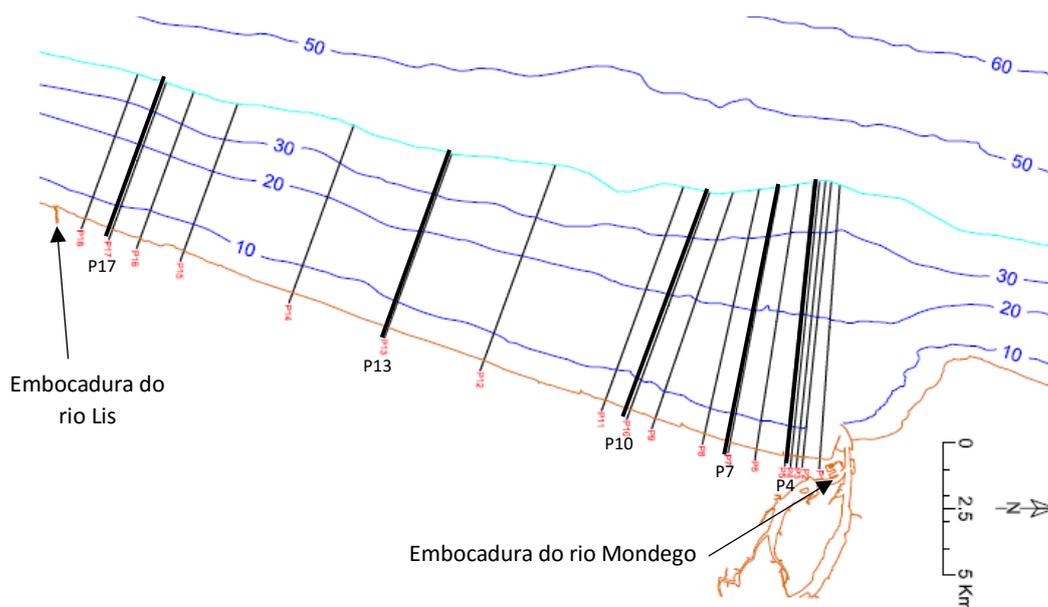


Figura 4.2 – Localização dos perfis transversais de praia, P1 a P18, na zona costeira delimitada pelas embocaduras dos rios Lis e Mondego, zona de estudo, adaptado de Oliveira (2014).

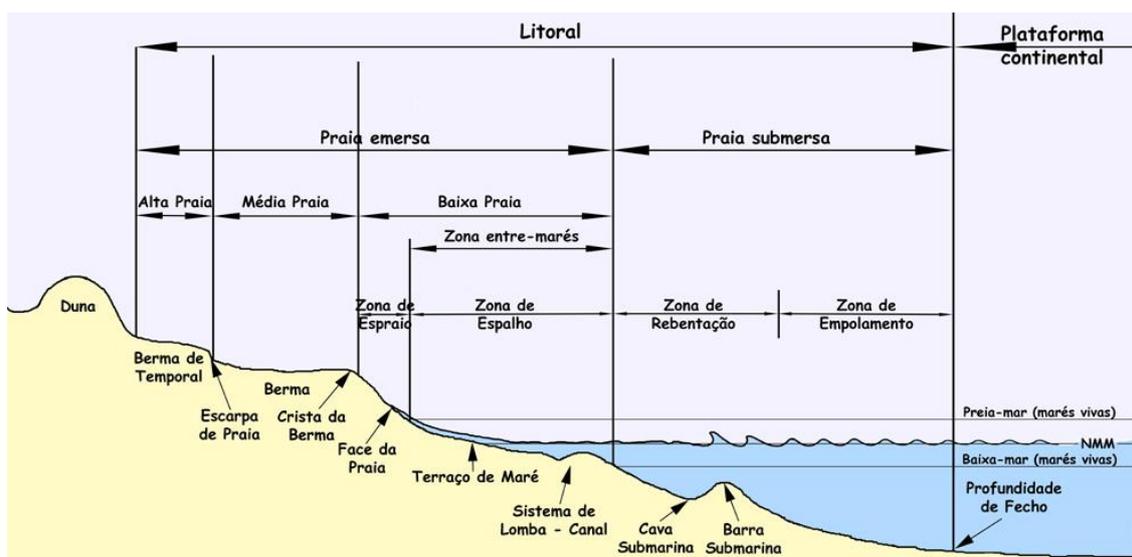


Figura 4.3 – Esquema representativo das zonas em que normalmente se divide a praia. Imagem adaptada de <http://www.aprh.pt/rgci/glossario/praias.html> (consultado em outubro de 2015).

A seleção dos perfis representativos foi feita tendo em conta: i) a centralidade do perfil no respetivo sub-trecho (para minimizar o efeito das estruturas transversais mais próximas na geometria do perfil) e ii) a geometria interior à envolvente do conjunto dos perfis desse sub-trecho (para minimizar singularidades morfológicas pouco representativas na extensão global do sub-trecho). Ela resultou na escolha dos perfis denominados P4, P7, P10, P13 e P17, apresentados na Figura B.7 do Anexo B para representar, respetivamente, cada um dos cinco sub-trechos, que são: 1) do molhe sul da embocadura do rio Mondego ao último esporão do campo de esporões da Gala-Cova (EGC); 2) do último esporão do campo de EGC ao esporão da Costa de Lavos (ECL); 3) do ECL ao esporão da Leirosa (EL); 4) do EL ao promontório de Pedrogão; e 5) do promontório de Pedrogão ao molhe norte da embocadura do rio Lis. Foram ainda comparados estes perfis de praia com os perfis de equilíbrio

obtidos para valores de  $d_{50}$  de 0.2 a 0.6 mm, em intervalos de 0.1 mm, também apresentados na Figura B.7 do Anexo B.

O **perfil teórico de equilíbrio** é um perfil estatisticamente médio que mantém a sua forma à parte de pequenas variações, incluindo as sazonais. Num perfil de equilíbrio do tipo sugerido por Dean (1987), a profundidade,  $d$ , aumenta exponencialmente com a distância à LC,  $x$ , de acordo com a Equação 4.1, onde  $A$  é um parâmetro de declividade e  $m$  é um expoente adimensional.

$$d = A \times x^m \quad (\text{Eq. 4.1})$$

Dean (1987), sugeriu  $m = 0.67$  como valor médio para o expoente adimensional. No entanto, este valor tem uma grande variabilidade dependendo do tipo de praia em questão, variando tipicamente entre 0.4 e 0.8, respetivamente para perfis refletivos ( $\Omega < 1.5$ ) e perfis dissipativos ( $\Omega > 5.5$ ) (Cowell *et al.*, 1999 e Masselink e Huges, 2003), sendo função da velocidade de queda adimensional  $\Omega$ , expressa na Equação 4.2, onde  $H_0$  representa a altura de onda ao largo,  $T$  o período de onda e  $w_s$  a velocidade de queda dos sedimentos.

$$\Omega = H_0 / (w_s T) \quad (\text{Eq. 4.2})$$

O parâmetro de declividade  $A$  foi empiricamente relacionado com a velocidade de queda dos sedimentos  $w_s$  por Dean (1987), através da Equação 4.3, apresentando-se no Quadro 4.1 alguns valores de  $A$  em função do diâmetro mediano dos sedimentos,  $d_{50}$ , uniforme ao longo do perfil.

$$A = 0.067 w_s^{0.44} \quad (\text{Eq. 4.3})$$

Quadro 4.1 – Relação entre  $d_{50}$  e o parâmetro  $A$  da Equação 4.1 do perfil de equilíbrio.

|               |       |       |       |       |       |       |       |       |       |       |
|---------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| $d_{50}$ [mm] | 0.1   | 0.2   | 0.2   | 0.3   | 0.3   | 0.5   | 1.0   | 2.0   | 5.0   | 10.0  |
| <b>A</b> [-]  | 0.043 | 0.062 | 0.080 | 0.092 | 0.103 | 0.132 | 0.178 | 0.234 | 0.318 | 0.390 |

O perfil de equilíbrio aumenta de inclinação com o aumento da dimensão dos sedimentos. Na realidade, há uma seleção natural dos sedimentos na zona ativa do perfil de praia, com o tamanho mediano do grão a diminuir com o aumento da distância à LC. É por isso interessante proceder-se posteriormente a testes de sensibilidade ao transporte sedimentar fazendo variar  $d_{50}$  ao longo do perfil. Como trabalho futuro, sugere-se o teste de diferentes  $d_{50}$ : sedimento mais grosseiro na face de praia e mais fino na barra submersa, visto que o sistema de modelos integrados *LITPACK* permite simular tal diferenciação do tamanho do grão ao longo do perfil transversal.

Constata-se que o perfil de equilíbrio não depende da altura de onda, pelo facto de a profundidade limitar a altura de onda na zona de rebentação. No entanto, é a altura de onda que define a extensão da zona litoral na qual o conceito de perfil de equilíbrio é válido, através da profundidade de fecho.

Acrescenta-se que as referidas relações entre o tamanho do grão dos sedimentos, o perfil de equilíbrio e o clima de agitação são de grande importância. A título de exemplo, salienta-se a necessidade de, por motivos de estabilidade, as alimentações artificiais serem efetuadas com areias mais grosseiras ou tão grosseiras quanto os sedimentos nativos. De outra forma, os sedimentos depositados serão naturalmente transportados em direção ao largo formando um novo e menos inclinado perfil de equilíbrio, característico de um grão mais fino.

A **profundidade de fecho** é a profundidade a partir da qual os processos costeiros não induzem transporte (longitudinal e/ou transversal) significativo, ou seja, o perfil de praia não sofre alterações apreciáveis (Figura 4.3). Para profundidades inferiores, verificam-se alterações sazonais, ou devidas a temporais, na geometria do perfil, pois é nessa zona que ocorrem as transferências transversais de sedimentos entre a praia emersa e a praia submersa.

Na formulação de Birkemeier (1985), mais conservativa que a de Hallermeier (1981), a profundidade de fecho,  $d_c$ , é dada pela Equação 4.4.

$$d_c = 1.75H_e - 57.9 \left( \frac{H_e^2}{gT_e^2} \right) \quad (\text{Eq. 4.4})$$

Onde  $H_e$  representa a altura da onda significativa que é excedida 12 horas por ano,  $T_e$  o período associado a essa altura da onda e  $g$  a aceleração da gravidade.

A profundidade de fecho é condicionada pelo tamanho da amostra, sendo mais conservadora quando é calculada com base num período em que ocorrem  $H_s$  mais elevadas. Assim, para a obtenção de  $H_e$ , foi utilizado o ano de 1973, por se tratar do ano em que foi registada a altura significativa mais elevada,  $H_s^{max}=13.13$  m, e determinou-se  $H_s=11.381$  m como sendo a onda que foi excedida 12 h/ano. A este evento corresponde um período de 18.05 s, valor atribuído a  $T_e$ . A profundidade de fecho correspondente é 15.6 m em relação ao nível médio do mar, equivalente a -13.6 m ZH, sendo a teoria de perfil de equilíbrio válida para profundidades inferiores a esta.

A extensão da zona ativa e o declive da face de praia dependem tanto do diâmetro mediano dos sedimentos como das condições de agitação marítima. Os resultados preliminares da distribuição do transporte sedimentar longitudinal total ao longo do perfil transversal para o clima de agitação marítima no ano de 1973 obtidos com recurso ao módulo computacional *LITDRIFT* indicam uma profundidade de fecho ligeiramente superior. Optou-se por considerar o início da zona ativa na batimétrica -14 m ZH, onde o volume de transporte sedimentar calculado se verifica residual.

Definido o início da zona ativa, foi necessário proceder à determinação das condições de hidrodinâmica na batimétrica -14 m ZH. Assim, recorrendo ao módulo *Transfer Wave Climate* integrado no *LITDRIFT*, transferiu-se a série temporal de agitação marítima para esta profundidade. Este procedimento veio permitir uma grande economia de tempo no cálculo computacional do transporte longitudinal e da evolução da LC.

Para definir o **diâmetro mediano dos sedimentos**,  $d_{50}$  e os diâmetros  $d_{16}$  e  $d_{84}$ , dimensões relativamente às quais 16% e 84% em peso das partículas têm diâmetro inferior, respetivamente, necessários para o cálculo da dispersão geométrica,  $\sqrt{d_{84}/d_{16}}$ , considerou-se informação proveniente de estudos anteriores realizados para a zona. No âmbito desses estudos, é referida uma gama alargada, entre 0.30 e 0.65 mm, de valores para  $d_{50}$ . Salientam-se os valores sugeridos por Henriques (2007), que considerou  $d_{50}=0.425$  mm e  $d_{90}=0.650$  mm, e Simões e Castanho (1978), que admitiram as granulometrias médias da costa oeste portuguesa, com  $d_{35}=0.30$  a 0.35 mm,  $d_{50}=0.35$  a 0.60 mm e  $d_{60}=0.45$  a 0.60 mm.

#### 4.1.2. Resultados

Da ponderação dos perfis representativos de cada sub-trecho e sua comparação com os perfis de equilíbrio para os vários  $d_{50}$ , apresentados conjuntamente na Figura B.7 do Anexo B, foi escolhido como **perfil representativo** da extensão global do trecho em análise, para efeitos de avaliação do transporte longitudinal, o perfil **P7**. Justifica-se esta escolha pelo facto de se tratar do perfil mais aproximado do que seria uma **morfologia média** da ZE e com um **declive** da face de praia próximo da tendência **média** dos perfis analisados.

A escolha do **diâmetro mediano** foi feita a par com a escolha do perfil representativo devido à relação intrínseca entre a forma do perfil de praia e a dimensão dos sedimentos que o constituem. Dos vários  $d_{50}$  passíveis de representar a ZE, de acordo com a gama de valores sugeridos pelos autores dos estudos mencionados, o perfil de equilíbrio para  $d_{50}=0.30$  mm é aquele cuja morfologia mais se aproxima ao perfil representativo, P7, considerando-se assim um  $d_{50}$  uniforme para todo o perfil transversal. O perfil P7 e o perfil de equilíbrio para  $d_{50}=0.30$  mm apresentam-se em pormenor na Figura 4.4, onde é evidente a sua aproximação.

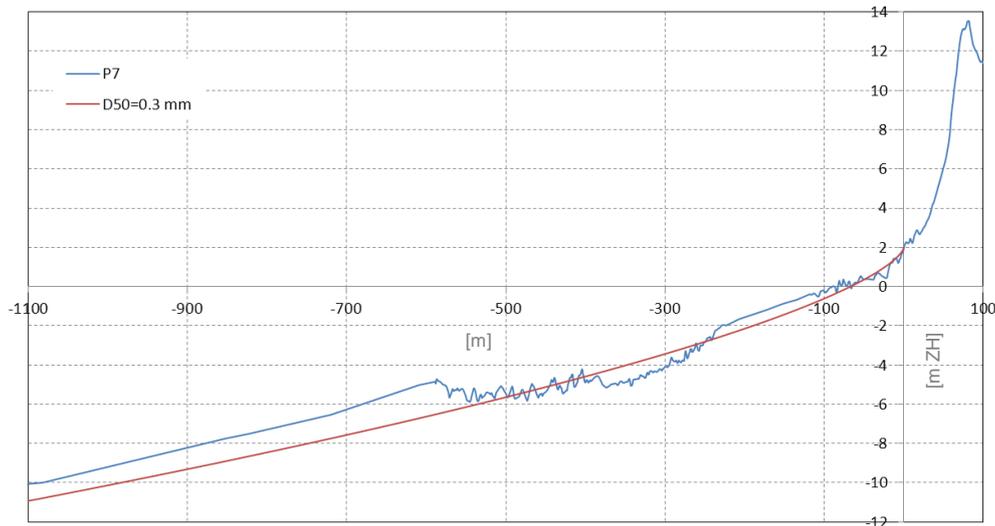


Figura 4.4 – Perfil de praia P7 e perfil de equilíbrio para  $d_{50}=0.3$  mm, adaptado de Oliveira (2014).

Para efeitos de análise do transporte longitudinal potencial seria interessante a título de trabalho futuro, como mencionado na secção anterior, a consideração de um diâmetro mediano variável ao longo do perfil transversal. Sugere-se, com base nos estudos anteriormente mencionados, uma variação linear de  $d_{50}=0.60$  mm na face de praia até 0.25 mm à profundidade de fecho dos perfis.

#### 4.2. Linhas de costa

Neste estudo considera-se que a evolução morfológica do trecho em análise se caracteriza com base na evolução da LC, a isolinha do nível médio do mar, NMM (+2 m ZH). Apresentam-se assim, nesta secção, as metodologias utilizadas para a extração das linhas de costa a partir de fotografias aéreas e levantamentos topo-hidrográficos existentes para a ZE, desde a construção dos molhes da embocadura do rio Mondego.

Extraíram-se as LC referentes aos seguintes anos: 1975, 1978 e 2011, provenientes de levantamentos topo-hidrográficos; 1995 e 1999, provenientes de fotografias aéreas; e 1996, 2001 e 2008, provenientes de levantamentos topográficos. Adotou-se o sistema de coordenadas de referência ETRS89/PT-TM06, para uniformização dos dados, e admitiu-se as LC referentes a 1 de julho do respetivo ano nos casos de falta de informação acerca da data da sua medição.

As LC de 1975 e 1978 extraíram-se através da rasterização e processamento dos levantamentos topo-hidrográficos realizados pela Direção Geral de Portos (assim designado na altura) à escala 1:2000, nos períodos de maio-agosto de 1975 (Simões e Castanho, 1978) e junho de 1978 (Simões, 1979), respetivamente.

As LC de 1995 e 1999 extraíram-se a partir dos ortofotomapas cedidos em formato digital (TIFF) pela Direção Geral do Território (DGT), às escalas 1:40000 e 1:10000, respetivamente, no sistema de referência Hayford-Gauss Datum 73. O recurso ao *software ArcGIS* permitiu definir a linha de seco-molhado para obtenção da linha do NMM, com base nos seguintes pressupostos: i) a consideração de que a linha de seco-molhado coincide com preia-mar média, cujo valor se conhece; e ii) a inclinação da face de praia é constante na direção longitudinal e igual à do perfil de praia representativo.

As LC de 1996 e 2001 extraíram-se dos levantamentos topográficos do INAG (assim designado na altura) realizados nos respetivos anos, à escala 1:2000, no sistema de referência Hayford-Gauss Datum 73.

A LC de 2008 extraiu-se do MDT elaborado para a ZE, com base nos dados cedidos pela DGT, com 2 m de resolução e referidos ao sistema ETRS89/PT-TM06.

Por fim, a LC de 2011 extraiu-se do MDT elaborado com base no levantamento topo-hidrográfico do Instituto Geográfico Português e Instituto da Água (assim designado na altura) com tecnologia LiDAR, numa faixa de captura de um quilómetro de largura ao longo da costa, cerca de 600 m em mar (batimetria) e 400 m em terra (topografia), com resolução de 2 m.

As principais LC utilizadas na modelação da evolução da LC do trecho em estudo foram as de 1996, 2001 e 2008. Estas LC foram selecionadas mediante o conhecimento das intervenções já apresentadas nos capítulos anteriores, das quais dependem também as condições de fronteira definidas para o modelo conceptual de dinâmica sedimentar adotado para a ZE descrito no Capítulo 6.

## 5. Modelação do transporte sedimentar longitudinal potencial

Neste capítulo analisa-se o transporte sedimentar longitudinal potencial (capacidade de transporte) para o período entre 1952-2010. Esta análise foi motivada pelo facto de ser esta capacidade que, mediante o abastecimento de sedimentos ao sistema em estudo, determina a ocorrência de erosão, acumulação ou equilíbrio, consoante a capacidade seja superior, inferior ou igual ao abastecimento. A análise da evolução da linha de costa (LC) torna-se mais crítica e existe uma maior percepção acerca do comportamento esperado quando se conhece antecipadamente o processo da dinâmica sedimentar litoral que o origina.

Para a modelação do transporte sedimentar potencial, representado por  $Q_s$ , utilizou-se o módulo computacional *LITDRIFT*, apresentado no Anexo A. Esta grandeza corresponderá ao transporte sedimentar efetivo caso exista volume sólido para preencher esse transporte potencial na totalidade, o que só poderá ser avaliado no âmbito da modelação da evolução da LC, após calibração do modelo utilizado.

As componentes do transporte sedimentar longitudinal potencial analisadas são o transporte potencial dirigido para sul,  $Q_s$  Sul, o transporte potencial para norte,  $Q_s$  Norte, e as estatísticas que deles resultam: o transporte potencial total,  $Q_s$  Total (soma do módulo das duas componentes anteriores); e o transporte potencial na direção predominante,  $Q_s$  Resultante. De acordo com a convenção de sinais adotada (Figura 5.1), o  $Q_s$  Sul tem sentido negativo e dirige-se para a esquerda de um observador em terra de frente para o mar (direções incidentes superiores à direção da normal à LC, que neste caso é  $289.5^\circ N$ ), enquanto  $Q_s$  Norte tem sentido positivo e dirige-se para a direita do mesmo observador.

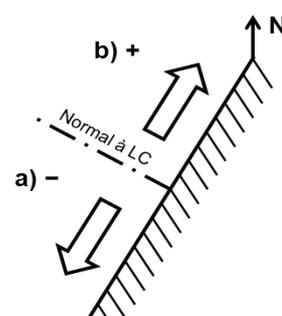


Figura 5.1 – Convenção de sinais adotada para o sentido do transporte longitudinal: a)  $Q_s$  Sul (-); b)  $Q_s$  Norte (+).

Na Secção 5.1 faz-se uma análise de sensibilidade a vários parâmetros de hidrodinâmica e geomorfologia com o objetivo de quantificar a influência de cada um deles sobre  $Q_s$ . Na Secção 5.2 apresentam-se os resultados obtidos na modelação do transporte potencial para o período de 59 anos em estudo, com o objetivo de analisar o impacto da variabilidade interanual do clima de agitação marítima no  $Q_s$  da zona de estudo (ZE) e também o  $Q_s$  em anos estatisticamente relevantes.

Dados os requisitos do sistema de modelos utilizado, daqui em diante utilizar-se-á o parâmetro altura média quadrática,  $H_{rms}$ , para caracterizar a altura de onda, obtida por  $H_s$  através da Equação A.18 do Anexo A.

### 5.1. Análise de sensibilidade

Nesta secção faz-se uma análise de sensibilidade aos principais parâmetros de hidrodinâmica e geomorfologia que têm influência no transporte sedimentar longitudinal ao longo do perfil de praia do trecho em estudo: altura, direção e período de onda, rugosidade de fundo ( $k$ ), diâmetro mediano dos

sedimentos ( $d_{50}$ ) e geometria do perfil de praia. Como caso de referência, admitiu-se a atuação de uma onda com valores médios dos parâmetros  $H_{rms}$ , Dir e  $T_z$  no período 1952-2010, durante 6 horas, sobre o perfil de praia representativo para a ZE previamente selecionado, P7, e  $d_{50}=0.3$  mm (Quadro 5.1).

Quadro 5.1 – Parâmetros de caracterização do caso de referência para análise de sensibilidade ao transporte sedimentar induzido por eventos com duração de 6h.

| Caso             | $H_{rms}$ [m] | Dir [°N] | $T_z$ [s] | k [m] | $d_{50}$ [mm] | Perfil | Qs [m <sup>3</sup> ] |
|------------------|---------------|----------|-----------|-------|---------------|--------|----------------------|
| Referência (REF) | 1.5           | 299      | 9         | 0.004 | 0.3           | P7     | - 1 168              |

### 5.1.1. Altura de onda

A magnitude da deriva litoral é fortemente influenciada pela altura de onda. Com base no transporte longitudinal potencial anual médio obtido para o caso de referência,  $Q_{sref}$ , em que se considerou uma altura de onda  $H_{rms}=1.5$  m, conclui-se que valores inferiores ao caso de referência, como 0.5 e 1.0 m, originam menos de metade do transporte potencial, apenas 13 e 45%, respetivamente. Os valores de Qs obtidos nesta análise encontram-se no Quadro B.1 do Anexo B. Para  $H_{rms}=2.0$  m, verifica-se um aumento do transporte potencial para o dobro de  $Q_{sref}$ , e para alturas de 3.0, 4.0, 5.0 e 6.0 metros verificam-se valores de Qs 5.6, 11.7, 20.0 e 30.0 vezes superiores a  $Q_{sref}$ , respetivamente.

Na Figura 5.2 apresenta-se a variação de Qs com  $H_{rms}$ . Ajustou-se uma função polinomial de grau 2 aos pares de valores ( $H_{rms}$ , Qs), com um valor de  $R^2$  de 0.9998. O quadrado do coeficiente de correlação, R, denominado coeficiente de determinação, é uma medida do ajuste de um modelo estatístico linear generalizado aos valores observados. Indica que o modelo se ajusta tanto melhor à amostra quanto mais próximo da unidade for o seu valor.

Como sugerem várias formulações de cálculo do transporte potencial sedimentar longitudinal (vd. Komar & Inman, 1970; Kamphuis *et al.*, 1986; e Kamphuis, 1991), a variação de Qs ocorre mediante uma potência aplicada à altura de onda. O grau do polinómio do ajuste que se obteve, 2º grau, é concordante com a formulação sugerida pelo estudo de avaliação do transporte sedimentar longitudinal através de diferentes formulações (Kamphuis, 1991), levado a cabo por Laranjeiro e Oliveira (2003), como sendo aquela cujo resultado mais se adequa à costa oeste portuguesa, nomeadamente à praia de Buarcos, situada imediatamente a norte da praia da Figueira da Foz.

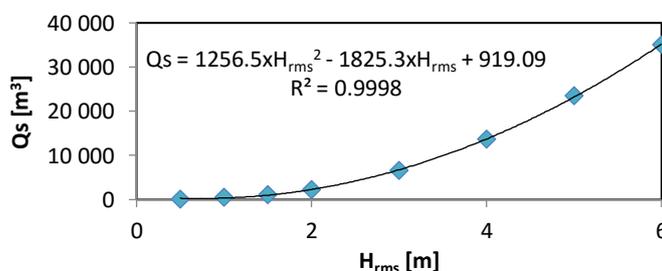


Figura 5.2 – Relação entre Qs e  $H_{rms}$  resultante da análise de sensibilidade à altura de onda.

### 5.1.2. Direção de onda

A direção média incidente é outro parâmetro de forte influência na deriva litoral. Avaliou-se a sua influência no transporte sedimentar longitudinal através da obliquidade em relação à direção normal à orientação média da LC, 289.5°N, representada pelo ângulo  $\alpha_0$ . Apresentam-se no Quadro B.1 do Anexo B os valores de  $Q_s$  obtidos para um conjunto de valores de  $\alpha_0$ .

Na Figura 5.3 apresenta-se a variação de  $Q_s$  com  $\alpha_0$ . Verifica-se uma tendência do aumento do transporte potencial com o aumento da obliquidade até 50°, valor próximo do resultante da formulação do CERC (1984) (45°), correspondendo aproximadamente à direção 340°N, onde  $Q_s$  é 4.4 vezes o  $Q_{sref}$  (299°N), verificando-se um decréscimo para obliquidades superiores. A estes pares de valores, ajustou-se uma função polinomial de grau 3. O valor  $R^2$  obtido neste ajuste permite afirmar que, para as características da zona em estudo e incidência de ondas com  $H_{rms}$  e  $T_z$  com os valores de referência, os valores de  $Q_s$  podem obter-se de forma explícita e simples através da equação apresentada na Figura 5.3 para diferentes valores da obliquidade em relação à normal à LC. Outras formulações, e.g. Komar & Inman (1970) e Kamphuis (1991), sugerem diferentes relações entre  $Q_s$  e este parâmetro.

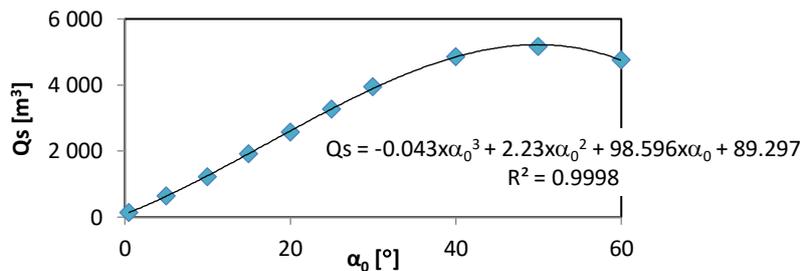


Figura 5.3 – Relação entre  $Q_s$  e  $\alpha_0$  resultante da análise de sensibilidade à direção média incidente.

### 5.1.3. Período de onda

A influência do período das ondas no transporte sedimentar potencial não é tão determinante quanto a altura ou direção. No Quadro B.1 do Anexo B apresentam-se os valores de  $Q_s$  para os vários períodos  $T_z$  testados, ilustrando-se na Figura 5.4 a variação de  $Q_s$  com este parâmetro. Para a gama de valores testados, observa-se um máximo de  $Q_s$ , 1.3 vezes  $Q_{sref}$ , para o período de 11 s, e um mínimo de  $Q_s$ , 0.6 vezes  $Q_{sref}$ , para o período de 5 s. Ajustou-se uma função polinomial de grau 3 a estes pares de valores e obteve-se a relação expressa na Figura 5.4 que, de uma forma explícita, permite determinar  $Q_s$  para as condições da ZE na presença de ondas incidentes com  $H_{rms}$  e  $T_z$  com os valores de referência.

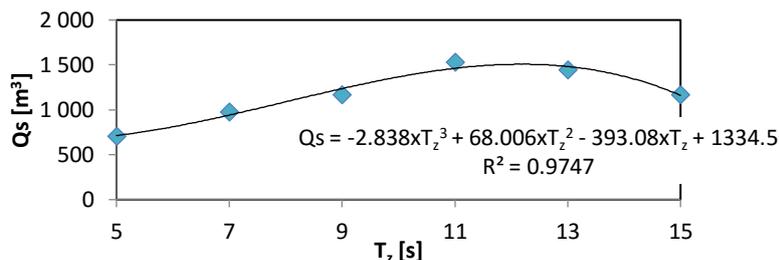


Figura 5.4 – Relação entre  $Q_s$  e  $T_z$  resultante da análise de sensibilidade ao período de onda.

#### 5.1.4. Rugosidade de fundo

Os valores de rugosidade de fundo considerados para a análise de sensibilidade de  $Q_s$  (Quadro B.1 do Anexo B) tiveram em conta a sua relação com o diâmetro mediano dos sedimentos, ou seja, apresentam-se valores de  $k$  [m] que correspondem aos vários  $d_{50}$  [mm] encontrados na ZE multiplicados pelo fator 2.5, mas também valores superiores, uma vez que o objetivo é também executar uma análise de sensibilidade à rugosidade de fundo como parâmetro de calibração do modelo de evolução da LC.

Como referência considerou-se a rugosidade padrão recomendada nos módulos computacionais do *LITPACK*,  $k=0.004$  m. O menor valor de rugosidade testado,  $0.50 \times 10^{-3}$  m, origina um  $Q_s$  1.6 vezes superior ao  $Q_{sref}$  e valores de rugosidade superiores, como  $10 \times 10^{-3}$  e  $15 \times 10^{-3}$  m, originam valores de  $Q_s$  de 81% e 72% o  $Q_{sref}$ , respetivamente.

Na Figura 5.5 apresenta-se a variação de  $Q_s$  com  $k$ , com base nos pares de valores especificados no Quadro B.1 do Anexo B, à qual se ajustou a função logarítmica apresentada na mesma figura. A equação que relaciona  $k$  com  $Q_s$  sob as condições características da ZE permite uma melhor interpretação da rugosidade enquanto parâmetro de calibração do modelo de evolução da LC.

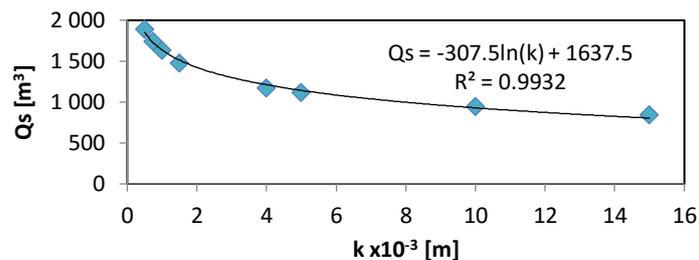


Figura 5.5 – Relação entre  $Q_s$  e  $k$  resultante da análise de sensibilidade à rugosidade de fundo.

#### 5.1.5. Diâmetro mediano dos sedimentos

O diâmetro mediano dos sedimentos é outro dos parâmetros que mais influência tem no cálculo da deriva litoral. Os valores de  $Q_s$  obtidos nesta análise para os vários valores de  $d_{50}$  testados encontram-se no Quadro B.1 do Anexo B. O transporte potencial aumenta com o aumento de  $d_{50}$ , verificando-se 66% de  $Q_{sref}$  para  $d_{50}=0.2$  mm, e para os diâmetros de 0.4, 0.5 e 0.6 mm, respetivamente, um incremento de transporte em 31%, 72% e 97%.

Na Figura 5.6 apresenta-se a variação de  $Q_s$  com  $d_{50}$ , juntamente com a equação da reta que melhor se ajusta ao comportamento linear demonstrado por estes pares de valores. Esta análise permite estimar valores de  $Q_s$  resultantes da escolha de um outro  $d_{50}$  representativo para a ZE.

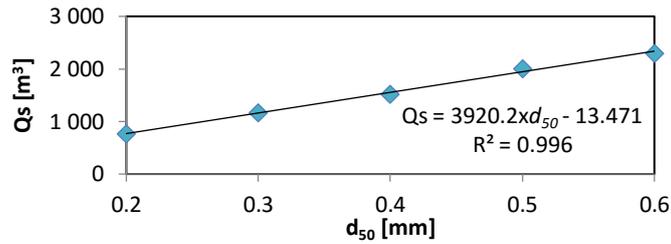


Figura 5.6 – Relação entre  $Q_s$  e  $d_{50}$  resultante da análise de sensibilidade ao diâmetro mediano dos sedimentos.

### 5.1.6. Morfologia – perfil transversal

O perfil transversal de praia tem uma grande influência nos processos envolvidos no transporte sedimentar em ambas as componentes direcionais, longitudinal e transversal. Ao invés da utilização de diferentes valores para o declive médio do perfil P7, nesta análise de sensibilidade à morfologia de fundo optou-se pela utilização dos perfis representativos de cada sub-trecho do estudo de Oliveira (2014), analisado na Secção 4.1 (Figura B.7 do Anexo B). É assim possível fazer uma avaliação prévia da magnitude da variação de  $Q_s$  caso fosse utilizado um outro perfil representativo da ZE, determinando a sub ou sobrevalorização do transporte potencial resultante da consideração de cada um dos perfis P4, P10, P13 e P17.

Os valores de  $Q_s$  obtidos para os diferentes perfis utilizados encontram-se no Quadro B.1 do Anexo B, e nas Figuras 5.7 e 5.8 apresentam-se, respetivamente, os perfis transversais P7 e P4, P10, P13 e P17 e P7, com as respetivas curvas de distribuição transversal de  $Q_s$ . Constata-se que a variabilidade de  $Q_s$  é reduzida uma vez que atinge o máximo de 16% (P10) em relação ao caso de referência. Em percentagem, por comparação com o perfil P7, representativo do sub-trecho 2 e da ZE: o perfil P4, representativo do sub-trecho 1, apresenta um transporte potencial superior a  $Q_{sref}$  em 6%; no sub-trecho 3, P10 apresenta um  $Q_s$  superior em 16%; no sub-trecho 4, P13 apresenta um  $Q_s$  inferior em 4%; e no sub-trecho 5, P17 apresenta um  $Q_s$  superior em apenas 3%. Nas Figuras 5.7 e 5.8 é possível também observar-se a relação entre a variação do transporte e a geometria de cada perfil, destacando a influência de irregularidades batimétricas, como por exemplo a existência de barras submersas, na distribuição transversal do transporte sedimentar.

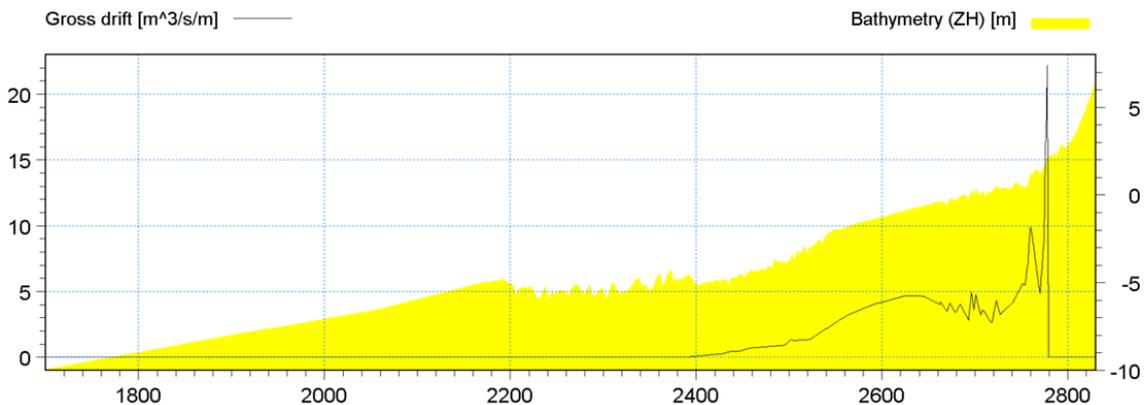


Figura 5.7 – Perfil transversal P7 e respectiva curva de  $Q_s$  para análise de sensibilidade à morfologia.

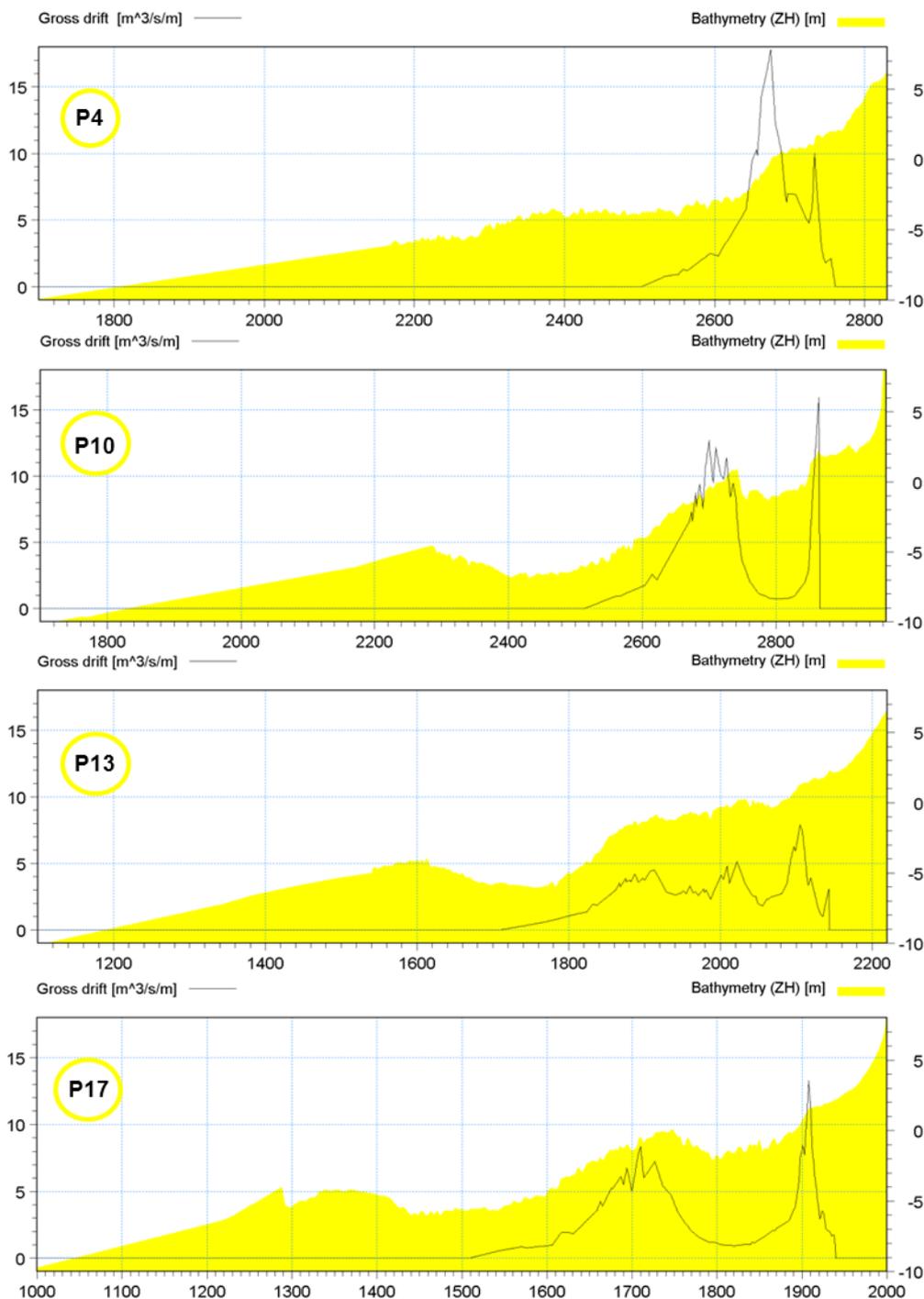


Figura 5.8 – Perfis transversais P4, P10, P13 e P17 e respetivas curvas de Qs para análise de sensibilidade à morfologia.

## 5.2. Transporte sedimentar potencial

Nesta secção apresenta-se a análise do impacte da variabilidade interanual do clima de agitação marítima da ZE para o período de 1952 a 2010, baseada no volume de transporte sedimentar potencial anual. Apresenta-se também a análise de Qs em anos relevantes inseridos no período em estudo, nomeadamente no ano considerado médio em termos de Qs Total, e nos anos extremos e médios em termos de Qs Sul e Qs Norte.

### 5.2.1. Variabilidade interanual

No Quadro 5.2 apresentam-se as estatísticas relativas ao **transporte sedimentar longitudinal potencial** para o período de 1952 a 2010 resultantes da análise das componentes obtidas para cada um dos **59 anos** do período em estudo que se apresentam no Quadro 5.3, juntamente com a direção resultante da deriva no respetivo ano. As células a sombreado do Quadro 5.3 identificam os anos em que a respetiva componente de Qs foi superior à média dos 59 anos e os valores a negrito identificam extremos de interesse de cada componente de Qs no período total. A Figura 5.9 representa graficamente os valores do Quadro 5.3 para uma melhor visualização da variabilidade de Qs ao longo dos 59 anos em análise.

Examinando as componentes de Qs apresentadas no Quadro 5.3 e na Figura 5.9, pode desde logo concluir-se que existe uma **elevada variabilidade interanual** do transporte sedimentar potencial para os 59 anos de agitação marítima em estudo neste trecho costeiro, não se identificando nenhum padrão para a variação temporal de Qs.

No Quadro 5.2 apresentam-se os valores médios, desvio-padrão e extremos das componentes de Qs, para os 59 anos em apreço. É visível na Figura 5.9 que apenas em **39%** dos **anos** em estudo verificaram **Qs Total superior à média, 918 309 m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>**. Ao longo dos 59 anos, **54%** dos valores anuais de transporte potencial para **sul** apresentaram valores **superiores à média** anual de Qs Sul, **- 597 087 m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>**, e **44%** dos valores anuais de transporte potencial para **norte** apresentaram valores **superiores à média** anual de Qs Norte, **321 223 m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>**. Em 46 dos 59 anos (**78%**), a **deriva** litoral registou-se, como esperado, predominantemente para **sul**. A indicação qualitativa da elevada variabilidade interanual de cada componente por observação da Figura 5.9, é suportada pelos valores de desvio-padrão que se apresentam no Quadro 5.2. Acrescenta-se ainda que os **máximos de transporte potencial resultante** para **sul** e **norte** ascenderam aos **- 718 000** e **300 000 m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>**, respetivamente.

Quadro 5.2 – Estatísticas relativas ao transporte sedimentar potencial para o período de 1952 a 2010.

|                      | Qs Sul [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Norte [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Total [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Resultante [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] |
|----------------------|---|---|---|--|
| <b>Média Anual</b>   | - 597 087                                   | 321 223                                       | 918 309                                       | - 275 864  |
| <b>Desvio-padrão</b> | 132 968                                     | 183 919                                       | 187 409                                       | 260 564  |
| <b>Máximo</b>        | - 914 639                                   | 828 505                                       | 1 497 824                                     |  |
| <b>Mínimo</b>        | - 282 663                                   | 95 097  | 578 095                                       |  |

Da análise dos Quadro 5.2 e Quadro 5.3, constata-se o seguinte: o ano de **1994** foi o ano em que se observou um **transporte sedimentar potencial total** mais próximo da **média** anual para os 59 anos em análise, com aproximadamente  $917 \times 10^3 \text{ m}^3.\text{ano}^{-1}$ ; o ano em que o **transporte potencial para sul** mais se aproximou do valor **médio** mobilizado para sul foi **1956**, com aproximadamente  $600 \times 10^3 \text{ m}^3.\text{ano}^{-1}$ , sendo **1986** o ano em que este transporte potencial foi **máximo**,  $915 \times 10^3 \text{ m}^3.\text{ano}^{-1}$ ; finalmente, o ano em que o **transporte potencial para norte** mais se aproximou da **média** foi **1974**, com aproximadamente  $320 \times 10^3 \text{ m}^3.\text{ano}^{-1}$ , sendo **1978** o ano em que esta componente foi **máxima**,  $830 \times 10^3 \text{ m}^3.\text{ano}^{-1}$ . Esta informação sintetiza-se no Quadro 5.4 onde se apresentam também os valores das restantes componentes de Qs para os anos supramencionados.

Quadro 5.3 – Transporte sedimentar potencial anual para o período de 1952 a 2010.

| Ano  | Qs Sul [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Norte [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Total [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Resultante [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Direção |
|------|---|---|---|--|---------|
| 1952 | - 483 325                                   | 172 956                                       | 656 281                                       | - 310 369  | Sul     |
| 1953 | - 482 718                                   | 95 377  | <b>578 095</b>                                | - 387 341  | Sul     |
| 1954 | - 709 947                                   | 109 192                                       | 819 139                                       | - 600 750  | Sul     |
| 1955 | - 282 663                                   | 416 837                                       | 699 500                                       | 134 170  | Norte   |
| 1956 | - 597 753                                   | 130 452                                       | 728 205                                       | - 467 300  | Sul     |
| 1957 | - 575 185                                   | 274 577                                       | 849 762                                       | - 300 610  | Sul     |
| 1958 | - 549 348                                   | 629 707                                       | 1 179 055                                     | 80 360   | Norte   |
| 1959 | - 754 210                                   | 379 713                                       | 1 133 923                                     | - 374 500  | Sul     |
| 1960 | - 607 407                                   | 501 653                                       | 1 109 061                                     | - 105 760  | Sul     |
| 1961 | - 558 258                                   | 264 962                                       | 823 220                                       | - 293 290  | Sul     |
| 1962 | - 752 094                                   | 200 176                                       | 952 269                                       | - 551 920  | Sul     |
| 1963 | - 438 644                                   | 505 908                                       | 944 553                                       | 67 260   | Norte   |
| 1964 | - 472 534                                   | 525 045                                       | 997 578                                       | 52 510   | Norte   |
| 1965 | - 702 981                                   | 196 565                                       | 899 546                                       | - 506 420  | Sul     |
| 1966 | - 506 460                                   | 805 146                                       | 1 311 606                                     | <b>298 690</b>                                     | Norte   |
| 1967 | - 679 138                                   | 95 097  | 774 234                                       | - 584 040  | Sul     |
| 1968 | - 554 867                                   | 241 054                                       | 795 921                                       | - 313 810  | Sul     |
| 1969 | - 472 351                                   | 407 877                                       | 880 228                                       | - 64 470   | Sul     |
| 1970 | - 529 991                                   | 466 632                                       | 996 623                                       | - 63 360   | Sul     |
| 1971 | - 507 321                                   | 202 317                                       | 709 638                                       | - 305 010  | Sul     |
| 1972 | - 880 191                                   | 347 695                                       | 1 227 886                                     | - 532 480  | Sul     |
| 1973 | - 703 720                                   | 244 311                                       | 948 030                                       | - 459 420  | Sul     |
| 1974 | - 594 147                                   | 326 194                                       | 920 341                                       | - 267 950  | Sul     |
| 1975 | - 546 626                                   | 229 093                                       | 775 719                                       | - 317 530  | Sul     |
| 1976 | - 635 010                                   | 103 268                                       | 738 278                                       | - 531 740  | Sul     |
| 1977 | - 448 125                                   | 356 462                                       | 804 588                                       | - 91 670   | Sul     |
| 1978 | - 669 319                                   | <b>828 505</b>                                | <b>1 497 824</b>                              | 159 190  | Norte   |
| 1979 | - 749 710                                   | 441 968                                       | 1 191 679                                     | - 307 750  | Sul     |
| 1980 | - 607 107                                   | 174 642                                       | 781 750                                       | - 432 470  | Sul     |
| 1981 | - 506 522                                   | 435 834                                       | 942 355                                       | - 70 690   | Sul     |
| 1982 | - 848 672                                   | 252 394                                       | 1 101 067                                     | - 596 270  | Sul     |
| 1983 | - 599 034                                   | 289 597                                       | 888 631                                       | - 309 440  | Sul     |
| 1984 | - 812 990                                   | 95 173  | 908 163                                       | <b>- 717 800</b>                                   | Sul     |
| 1985 | - 360 522                                   | 545 705                                       | 906 227                                       | 185 190  | Norte   |
| 1986 | <b>- 914 639</b>                            | 212 346                                       | 1 126 984                                     | - 702 310  | Sul     |
| 1987 | - 400 854                                   | 488 306                                       | 889 161                                       | 87 450   | Norte   |
| 1988 | - 595 485                                   | 146 989                                       | 742 474                                       | - 448 500  | Sul     |
| 1989 | - 624 151                                   | 714 160                                       | 1 338 311                                     | 90 030   | Norte   |
| 1990 | - 689 338                                   | 137 218                                       | 826 556                                       | - 552 180  | Sul     |
| 1991 | - 672 528                                   | 165 362                                       | 837 890                                       | - 507 100  | Sul     |
| 1992 | - 541 401                                   | 123 312                                       | 664 713                                       | - 418 100  | Sul     |
| 1993 | - 631 333                                   | 151 553                                       | 782 885                                       | - 479 800  | Sul     |
| 1994 | - 678 849                                   | 238 449                                       | 917 298                                       | - 440 400  | Sul     |
| 1995 | - 558 197                                   | 358 963                                       | 917 160                                       | - 199 300  | Sul     |
| 1996 | - 576 907                                   | 593 779                                       | 1 170 685                                     | 16 900   | Norte   |
| 1997 | - 326 005                                   | 467 657                                       | 793 662                                       | 141 700  | Norte   |
| 1998 | - 632 332                                   | 148 038                                       | 780 370                                       | - 484 300  | Sul     |
| 1999 | - 684 469                                   | 168 732                                       | 853 201                                       | - 515 800  | Sul     |
| 2000 | - 754 761                                   | 422 987                                       | 1 177 748                                     | - 331 700  | Sul     |

Quadro 5.3 – Transporte sedimentar potencial anual para o período de 1952 a 2010 (continuação).

| Ano  | Qs Sul [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Norte [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Total [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Resultante [m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Direção |
|------|---|---|---|--|---------|
| 2001 | - 430 668                                   | 483 836                                       | 914 504                                       | 53 100   | Norte   |
| 2002 | - 470 719                                   | 500 027                                       | 970 746                                       | 29 300   | Norte   |
| 2003 | - 526 990                                   | 260 338                                       | 787 327                                       | - 266 600  | Sul     |
| 2004 | - 593 610                                   | 145 477                                       | 739 086                                       | - 448 200  | Sul     |
| 2005 | - 622 737                                   | 219 443                                       | 842 179                                       | - 403 300  | Sul     |
| 2006 | - 450 067                                   | 315 103                                       | 765 170                                       | - 134 900  | Sul     |
| 2007 | - 584 214                                   | 150 349                                       | 734 563                                       | - 433 900  | Sul     |
| 2008 | - 813 573                                   | 105 875                                       | 919 448                                       | - 707 700  | Sul     |
| 2009 | - 742 836                                   | 439 741                                       | 1 182 577                                     | - 303 100  | Sul     |
| 2010 | - 532 569                                   | 502 007                                       | 1 034 576                                     | - 30 500   | Sul     |

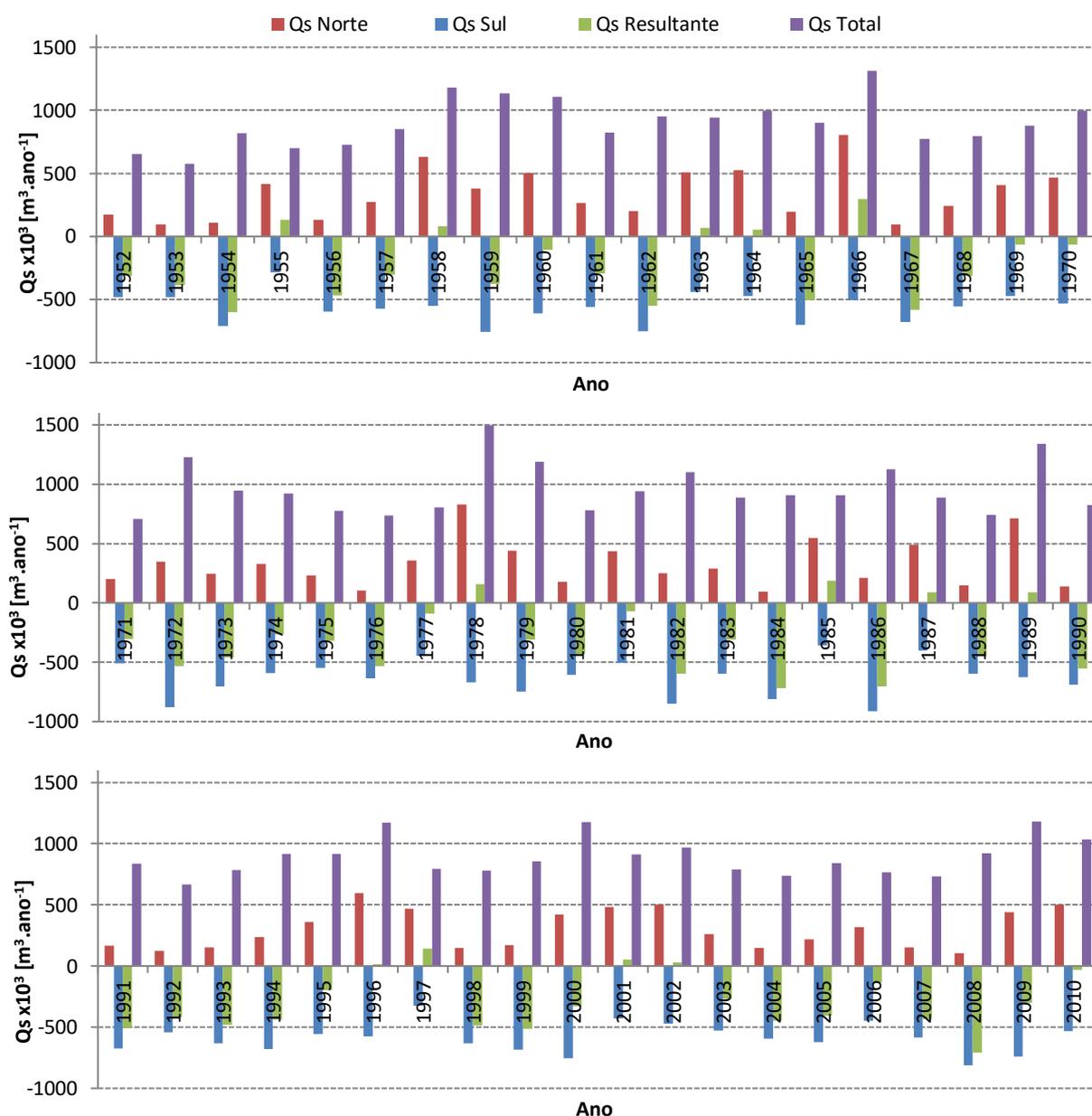


Figura 5.9 – Transporte sedimentar potencial anual para o período de 1952 a 2010.

Quadro 5.4 – Componentes de Qs para anos de transporte médio e máximo.

| Ano                           | Qs Sul<br>[m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Norte<br>[m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Total<br>[m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] | Qs Resultante<br>[m <sup>3</sup> .ano <sup>-1</sup> ] |
|-------------------------------|--|--|--|---|
| <b>1994</b> (Qs Total médio)  | - 678 849                                      | 238 449  | 917 298  | - 440 400   |
| <b>1956</b> (Qs Sul médio)    | - 597 753                                      | 130 452  | 728 205  | - 467 300   |
| <b>1986</b> (Qs Sul máximo)   | - 914 639                                      | 212 346  | 1 126 984  | - 702 310   |
| <b>1974</b> (Qs Norte médio)  | - 594 147                                      | 326 194  | 920 341  | - 267 950   |
| <b>1978</b> (Qs Norte máximo) | - 669 319                                      | 828 505  | 1 497 824  | 159 190   |

### 5.2.2. Ano de transporte potencial total médio

Nesta secção analisa-se o ano de **1994** em termos balanço sedimentar, distribuição transversal de Qs e sazonalidade verão-inverno marítimos. Considera-se este ano **representativo** pelo facto de verificar **Qs Total** mais próximo da **média dos 59 anos**, significando que se trata do ano em que o clima de agitação, agente indutor do transporte sedimentar, mais se aproximou do comportamento médio do período em estudo, para as condições consideradas representativas da ZE.

No ano de **1994** a **média de  $H_{rms}$**  foi **1.65 m**, superior à média do período de **59 anos**, **1.48 m**, sendo **mais frequente** a ocorrência de  $H_{rms}=1.18$  m, também superior à moda do período em estudo, **1.03 m**. Em relação à **direção** de incidência das ondas, as **médias** são aproximadamente iguais entre si, tomando o valor de **298°N**, sendo **mais frequente** em 1994 a direção média, reforçando o comportamento médio deste ano, enquanto no período completo a moda toma o valor da **direção normal** à orientação média da **LC**, 289.5°N. Conclui-se assim que, apesar de em 1994 a média de  $H_{rms}$  ser mais elevada, foi o fator direção que determinou este ano como ano médio de Qs Total.

#### 5.2.2.1. Balanço sedimentar e distribuição transversal

Apresenta-se na Figura 5.10 o diagrama de balanço sedimentar (em formato de rosa de ventos) com o transporte potencial discretizado em função dos parâmetros de agitação marítima  $H_{rms}$  e Dir, à entrada do perfil (-14 m ZH) para 1994, juntamente com a curva de distribuição do transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo. Pode observar-se que uma **elevada** percentagem do **transporte potencial** de sedimentos se deve aos eventos com alturas de onda nas classes de **2.0 a 5.0 m**, incidentes no intervalo de direções de **295°N a 305°N**. Na mesma figura, as curvas de distribuição do transporte potencial no perfil permitem identificar as zonas onde é mais elevada a mobilização de sedimentos. A **zona ativa** do perfil de praia em termos de transporte longitudinal, tem neste ano uma **extensão** aproximada de **1500 m** e inicia-se na batimétrica -11.30 m ZH. Constata-se que o transporte se inicia gradualmente até se evidenciar um primeiro volume significativo na batimétrica -5 m ZH, aproximadamente a 650 m da costa, causado pela existência de uma barra submersa, e dois picos de transporte nas batimétricas - 2 e 1.5 m ZH, respetivamente a 230 e 20 m da costa, devidos à brusca mudança de declive de fundo. A área delimitada por cada curva corresponde aos **volumes** potenciais de transporte para **sul** (**680 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>**) e para **norte** (**240 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>.ano<sup>-1</sup>**), significativamente superior no primeiro caso.

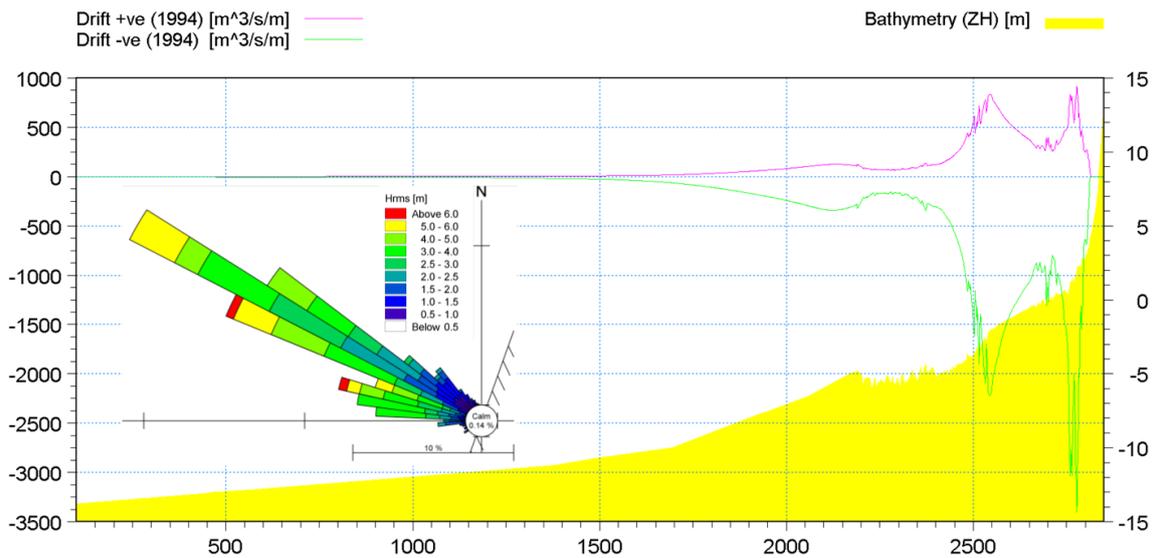


Figura 5.10 – Transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo e diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir, para 1994.

Nas Figura 5.11 e Figura 5.12 apresentam-se as séries temporais dos parâmetros altura e direção de onda, assim como as séries temporais correspondentes ao transporte sedimentar potencial normalizado (que ocorre no intervalo de 6 horas) e acumulado ao longo do ano representativo. A sua análise conjunta revela que os eventos com **direção** incidente mais rodada a **norte** estão maioritariamente **associados a alturas** correspondentes a classes **inferiores a 2 m**, sendo mais **frequentes** nos meses de **verão** marítimo. As **alturas mais elevadas** registam-se para direções **inferiores a 300°N**, sendo para estas direções que se verifica a ocorrência de **transporte** na direção **norte**, tal como aconteceu durante grande parte do mês de fevereiro. A evolução da curva de  $Q_s$  acumulado confirma a ocorrência dos eventos mais energéticos (associados às bruscas variações da curva) durante o inverno, quando é mais significativo o transporte para norte. No entanto, a tendência geral da deriva mantém-se para sul.

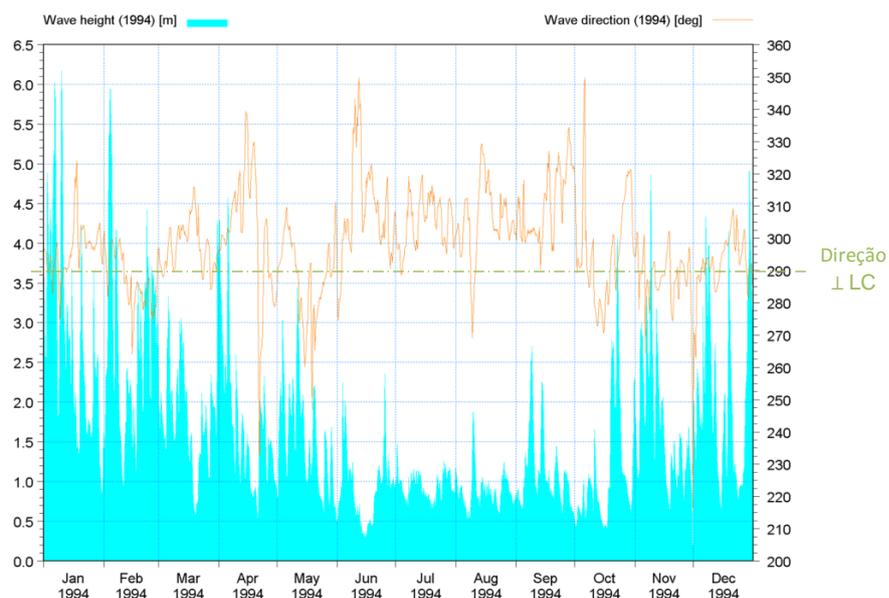


Figura 5.11 – Série temporal de  $H_{rms}$  e Dir para 1994.

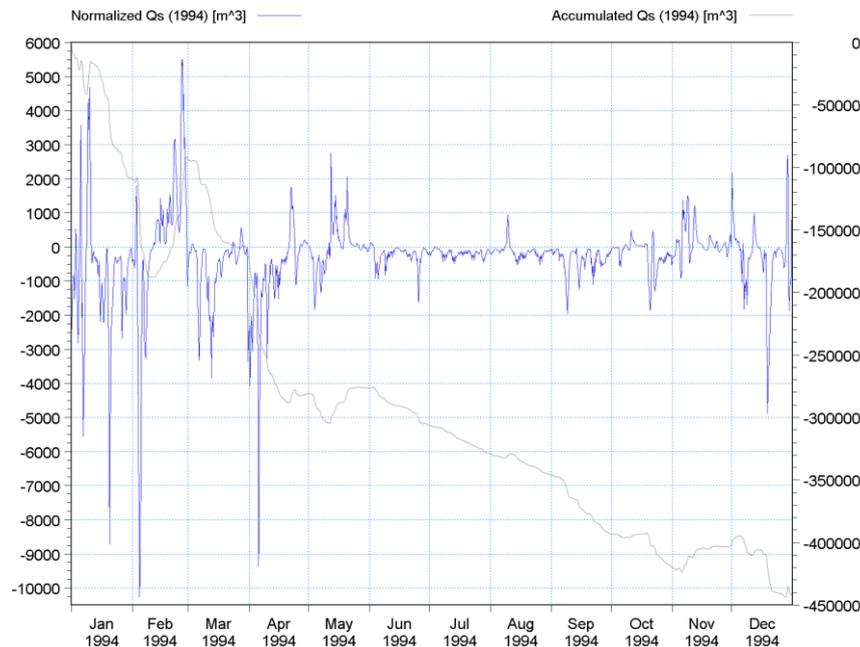


Figura 5.12 – Série temporal de Qs normalizado e acumulado para 1994.

#### 5.2.2.2. Sazonalidade

Para uma avaliação mais detalhada da **sazonalidade** do transporte sedimentar potencial, analisou-se o período de **abril de 1994 a março de 1995** de forma a abranger duas estações marítimas completas e consecutivas, com o maior número de meses pertencentes ao ano definido como representativo: o verão de 1994 e o inverno de 1994-1995.

Na Figura 5.13 observa-se que foi no inverno marítimo que se verificou o potencial de mobilização de sedimentos mais elevado, **523 830 m<sup>3</sup>**, sendo que no **verão** apenas se verificou potencial para mobilizar **60%** deste volume, **312 842 m<sup>3</sup>**. No **verão**, o potencial de mobilização dos sedimentos dividiu-se em 15% para norte e 85% para sul, resultando numa **deriva** para **sul** de **43%** do volume resultante para sul neste ciclo verão-inverno. De forma semelhante, no **inverno** verifica-se 22% para norte e 78% para sul, resultando numa deriva para sul de **57%** do volume resultante no ciclo. Nas **duas estações** é evidente a tendência da **deriva resultante** para **sul** existente na costa oeste portuguesa e também a sazonalidade da intensidade dessa deriva, mais elevada no inverno. Apesar da percentagem de sedimentos mobilizados no inverno para sul ser inferior ao caso do verão, o que se deve à importância que a deriva para norte ganha no inverno, em termos de **volume a deriva para sul no inverno é bastante superior**.

Este comportamento foi verificado para o ano de Qs Total médio, que poderá não ser o ano de comportamento médio em termos de sazonalidade. Sugere-se como trabalho futuro a extensão desta análise ao período dos 59 anos em estudo. Será interessante conhecer também o inverno com maior transporte para norte (situação mais anormal), o inverno com maior transporte para sul, assim como a estação em que se verificou a maior diferença entre o transporte para norte e para sul, pois estas condições extremas são relevantes na evolução da LC, em particular junto a estruturas transversais.

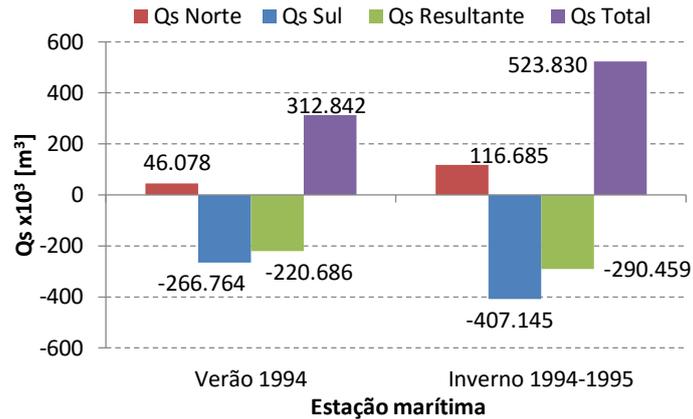


Figura 5.13 – Qs Norte, Sul, Resultante e Total para o verão marítimo de 1994 e inverno marítimo de 1994-1995.

### 5.2.3. Anos de Qs Sul e Qs Norte médios e máximos

Nas secções que se seguem faz-se a análise do balanço sedimentar e da distribuição transversal de Qs aos **anos máximos de Qs Sul** (1986) e **Qs Norte** (1978), comparando o seu comportamento com o ano representativo analisado na secção anterior (1994) e com os **anos médios** em termos das respetivas componentes (1956 e 1974). Espera-se que nos anos de valores extremos de Qs a extensão da zona ativa do perfil de praia seja maior e que a intensidade do transporte ao longo do perfil também seja superior aos valores verificados nos anos de Qs médio.

#### 5.2.3.1. Transporte potencial para sul

O ano de **1986** foi o ano em que **Qs Sul** registou o seu valor **máximo**. Compara-se este ano com Qs Sul obtido em **1956**, ano em que o volume mobilizado para sul mais se aproximou da **média** dos 59 anos em estudo. No ano de **1986** a **média das alturas** de onda foi de **1.65 m**, superior à média do ano de **1956**, **1.36 m**, sendo **mais frequente** a ocorrência de  $H_{rms}=2.23$  m, também superior à moda do ano médio, **1.45 m**. No ano extremo registaram-se em geral alturas de onda superiores ao ano médio: mínimo 1.26 m vs. 1.14 m; máximo 7.89 m vs. 5.50 m; e mediana 1.26 m vs. 1.14 m. Em relação à **direção** de incidência das ondas, as **médias** divergem em apenas 2°, **300°N** em 1986 vs. **302°N** em 1956, sendo **mais frequente** a direção **290°N** em 1986 e a direção **292°N** em 1956, valores superiores à direção normal à orientação média da LC (289.5°N).

No diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1986, representado na Figura 5.14 juntamente com a distribuição de Qs Norte e Qs Sul ao longo do perfil representativo, pode observar-se que **grande** parte do **transporte potencial** se deve às ondas incidentes com alturas nas classes de **3.0 a 6.0 m**, e direções no intervalo de **290°N a 300°N**. A **zona ativa** do perfil de praia em termos de ocorrência de transporte longitudinal inicia-se na batimétrica -12.90 m ZH e tem uma **extensão** aproximada de **2270 m**, bastante superior à extensão obtida para o ano de Qs Total médio.

A comparação entre a distribuição de Qs Norte e Qs Sul no ano de Qs Sul máximo em apreço (Figura 5.14) e 1994 (ano representativo) (Figura 5.10), evidencia que o **transporte** se **inicia** a uma **maior profundidade** e os picos de transporte potencial para norte atingem caudais sólidos menores, da

ordem dos 500 m<sup>3</sup>/s/m, enquanto os picos de transporte potencial para sul atingem valores mais elevados, excedendo os 3 500 m<sup>3</sup>/s/m. As áreas delimitadas por cada curva totalizam os volumes apresentados no Quadro 5.4 para **Qs Norte (212 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>)** e **Qs Sul (915 m x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>)**.

Na Figura 5.15 a) apresenta-se o diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1956. Conclui-se, através da comparação com o diagrama do mesmo tipo para o ano de **1986** (Figura 5.14), que são os eventos com **alturas mais elevadas** e incidentes no intervalo de direções de **290°N a 300°N** que pesam no **comportamento extremo** deste último ano, visto ainda que em 1956 se regista um volume bastante considerável de Qs para direções superiores a 300/305°N, inexistente em 1986. Na Figura 5.15 b) apresenta-se o diagrama de frequência de ocorrência discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1986. Conclui-se que a **elevada frequência** de eventos incidentes no intervalo de direções de **290°N a 300°N**, nomeadamente de ondas com alturas nas classes de **1.5 a 7.0 m**, tem um **elevado peso** na contribuição do **transporte sedimentar para sul**.

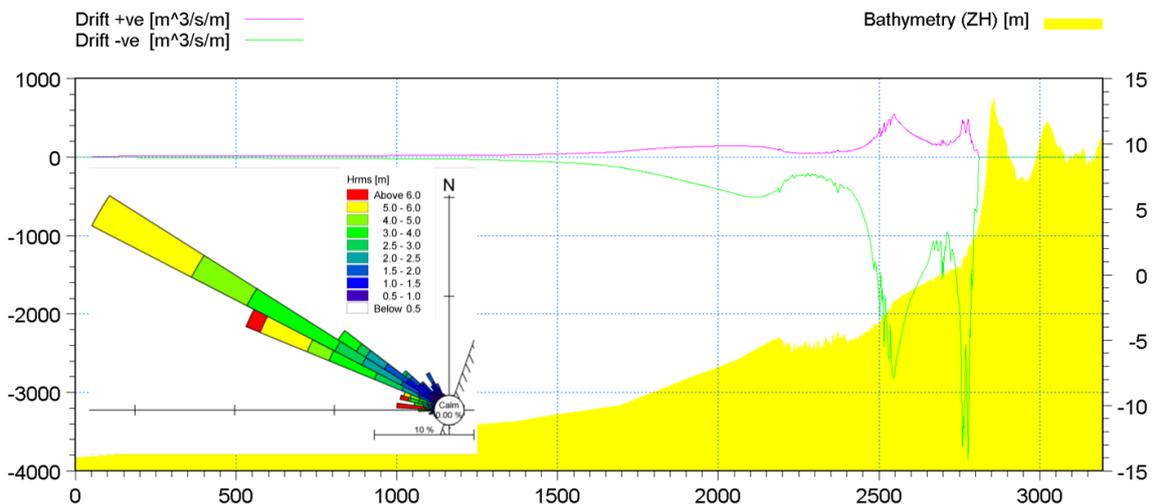


Figura 5.14 – Transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo e diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir, para 1986.

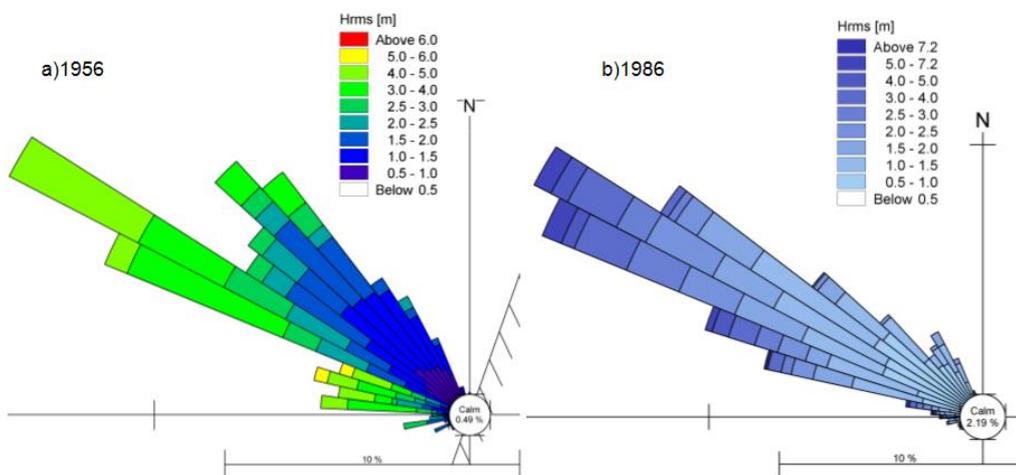


Figura 5.15 – Diagramas: a) de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1956; e b) de frequência de ocorrência discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1986.

### 5.2.3.2. Transporte potencial para norte

O ano de **1978** foi o ano em que **Qs Norte** registou o seu valor **máximo**. Compara-se este com o Qs Norte em **1974**, ano em que o volume mobilizado para norte mais se aproximou da **média** dos 59 anos em estudo. No ano de **1978** a **média das alturas** de onda foi de **1.61 m**, ligeiramente superior à média do ano de **1974**, **1.57 m**, sendo **mais frequente** a ocorrência de  $H_{rms}=1.17$  m, inferior à moda do ano médio, **2.43 m**. Registam-se alturas de onda semelhantes nos dois anos, sendo a **mediana** de  $H_{rms}$  aproximadamente igual nos dois casos, **1.25 m**. Em relação à **direção** de incidência das ondas, as **médias** são próximas, **299°N** em 1978 vs. **300°N** em 1974, sendo **mais frequente** a direção **291°N** em 1978 e a direção **285°N** em 1974, valor superior à direção normal à orientação média da LC no ano de Qs Norte extremo e inferior no ano de Qs Norte médio. Registam-se então médias de direção muito próximas, mas modas opostas em relação à normal à LC, sendo também a **mediana** aproximadamente igual nos dois casos, **300°N**.

No diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1978, representado na Figura 5.16 juntamente com a distribuição de Qs Norte e Qs Sul ao longo do perfil representativo, pode observar-se que **grande** parte do **transporte** potencial se deve às ondas incidentes com alturas nas classes de **3.0 a 6.0 m** e direções no intervalo de **290°N a 300°N**, e alturas nas classes **superiores a 3.0 metros** e direções no intervalo de **270°N a 285°N**. Conjugando esta informação com a informação descrita na secção anterior, onde que se analisou o ano com máximo Qs Sul, pode concluir-se que o transporte para norte é maioritariamente gerado pelo conjunto destas últimas incidências, com alturas mais elevadas e direções mais rodadas a sul, também mais oblíquas relativamente à direção da normal à LC (289.5°N). A **zona ativa** do perfil de praia em termos de ocorrência de transporte longitudinal inicia-se na batimétrica -12.30 m ZH e tem uma extensão aproximada de **1970 m**, inferior à **extensão** obtida para o ano de Qs Sul máximo, mas ainda assim superior ao caso do ano representativo.

A comparação entre a distribuição de Qs Norte e Qs Sul no ano de Qs Norte máximo (Figura 5.16) e 1986, ano de Qs Sul máximo (Figura 5.14), evidencia que em 1978 o **transporte** se **inicia** ligeiramente **mais próximo da costa**, sendo que o transporte para norte apresenta um aumento mais acentuado logo desde início. Os picos de transporte potencial verificam-se aproximadamente nas mesmas posições que nos anos de 1994 e 1986 anteriormente analisados, devido às características do perfil considerado nas várias simulações, com caudais sólidos ligeiramente inferiores no transporte para sul mas bastante superiores no transporte para norte: o pico que dista 750 m da LC tem intensidade superior ao dobro da verificada nos anos anteriores, aproximadamente 600 m<sup>3</sup>/s/m, à distância 230 m verifica-se um pico de 3 500 m<sup>3</sup>/s/m e 200 metros mais perto da LC regista-se um último pico de 1 800 m<sup>3</sup>/s/m. As áreas delimitadas por cada curva totalizam os volumes apresentados no Quadro 5.4 para **Qs Norte (829 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>)** e **Qs Sul (669 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>)**.

Na Figura 5.17 a) apresenta-se o diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir, para 1974. Conclui-se, através da comparação com o mesmo diagrama para o ano de **1978** (Figura 5.16), que são os eventos com **alturas mais elevadas** e incidentes no intervalo

de direções de **265°N a 285°N**, e também a **reduzida frequência** de eventos com alturas de classes **inferiores a 2.5 m** para direções superiores a **300°N**, que pesam no **comportamento extremo** deste último ano (1978). Na Figura 5.17 b) apresenta-se também o diagrama de frequência de ocorrência de  $H_{rms}$  e Dir para 1978. Conclui-se que, apesar de ser **reduzida a frequência** de eventos com direção incidente inferior a 290°N, estes foram suficientemente **energéticos** para conseguir mobilizar o **volume sólido** que tornou este o ano **extremo** de transporte para **norte**.

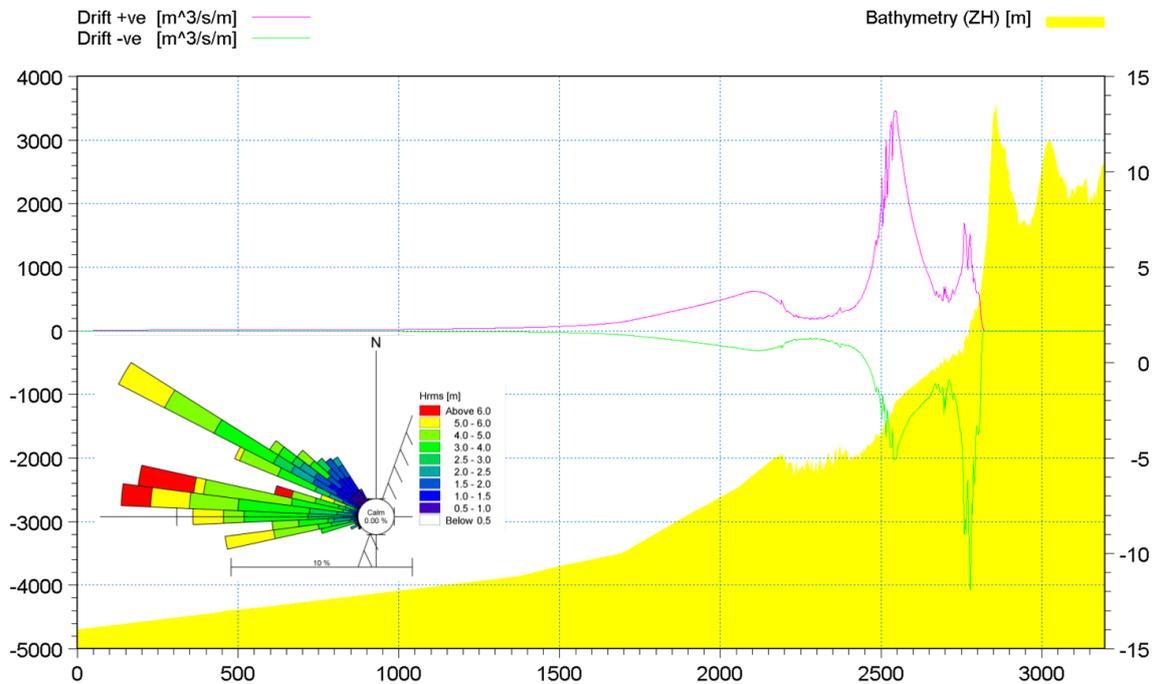


Figura 5.16 – Transporte potencial para norte e sul ao longo do perfil representativo e diagrama de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir, para 1978.

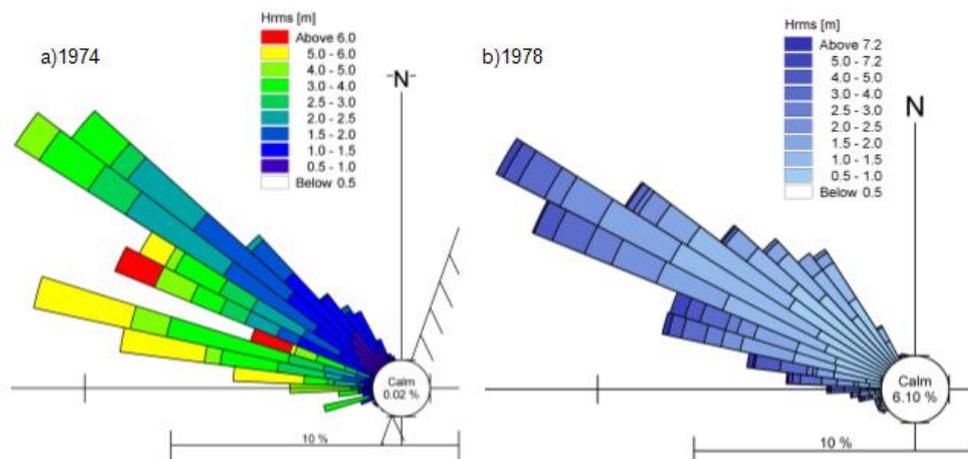


Figura 5.17 – Diagramas: a) de balanço sedimentar discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1974; e b) de frequência de ocorrência discretizado por classes dos parâmetros  $H_{rms}$  e Dir para 1978.

## 6. Modelação da evolução da linha de costa

### 6.1. Introdução

Neste capítulo começa-se por definir o **modelo conceptual** de dinâmica sedimentar da zona de estudo assim como os pressupostos admitidos e a parametrização numérica utilizada na modelação da evolução da linha de costa.

Descreve-se o processo de **calibração do modelo**, partindo da linha de costa (LC) medida em 1996 com o objetivo de obter em 2001 uma LC numérica que demonstre as tendências evolutivas reais, por controlo dos parâmetros característicos do modelo construído. A sua **validação**, para o período 2001-2008, visa verificar se os parâmetros adotados resultam num comportamento concordante com a LC medida em 2008.

Prossegue-se com a **previsão**, que consiste na modelação da evolução da LC de 2008 a 2022 com o modelo calibrado e validado, abrangendo os 2 anos de construção do prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego e os 12 anos subsequentes. A análise que permite avaliar o **efeito do prolongamento do molhe** baseia-se na comparação da evolução da LC neste período considerando dois casos: o cenário real, em que foi construído o referido prolongamento, e um cenário hipotético, sem a sua construção, considerando que ocorre o mesmo clima de agitação marítima verificado nos 15 anos anteriores à conclusão do prolongamento (clima de agitação marítima de referência).

Sendo a agitação marítima o fator de maior incerteza responsável pelas variações da morfologia litoral, analisa-se o efeito de um **clima de agitação marítima alternativo**, baseado na repetição da série temporal associada ao ano de transporte sedimentar total médio do período 1952-2010, na previsão.

### 6.2. Modelo conceptual

O gradiente do transporte longitudinal que, aplicado na equação da continuidade (Equação A.15 da Secção A.3.1 do Anexo A) induz a evolução da LC, tem origem na conjugação de vários fatores, como a variação do clima de agitação marítima, a variação do perfil transversal, o efeito induzido pela proximidade a estruturas e a disponibilidade sedimentar nas fronteiras do sistema em estudo. Assim, a caracterização do sistema e dos processos de hidrodinâmica e transporte sedimentar inerentes à dinâmica litoral da zona de estudo (ZE), levada a cabo nos capítulos anteriores, é fundamental para a construção de um modelo que reproduza a realidade com confiança e fiabilidade. Caracterizaram-se a dinâmica litoral e estruturas existentes na ZE no Capítulo 2, o clima de agitação marítima no Capítulo 3 e a topo-hidrografia e sedimentologia no Capítulo 4, que permitiram demonstrar, no Capítulo 5, com recurso ao módulo computacional *LITDRIFT*, a significativa variabilidade do transporte sedimentar potencial induzido no período de 59 anos em estudo.

Aplicou-se o modelo conceptual conforme apresentado na Figura 6.1, forçado pelo clima de agitação marítima caracterizado, único para toda a fronteira marítima do sistema (ZE), pelas estruturas

(transversais e longitudinais) existentes identificadas ao longo da LC, definida pela isolinha do NMM, e pelas condições de fronteira norte e sul, através da Equação 6.1:

$$\Delta V = (Q_S^{Sul} - Q_S^{Norte}) \times \Delta t \quad (\text{Eq. 6.1})$$

válida no interior do sistema, em que  $Q_S^{Norte}$  representa o transporte sedimentar calibrado para a fronteira norte e  $Q_S^{Sul}$  o transporte resultante do equilíbrio dinâmico admitido para a fronteira sul.

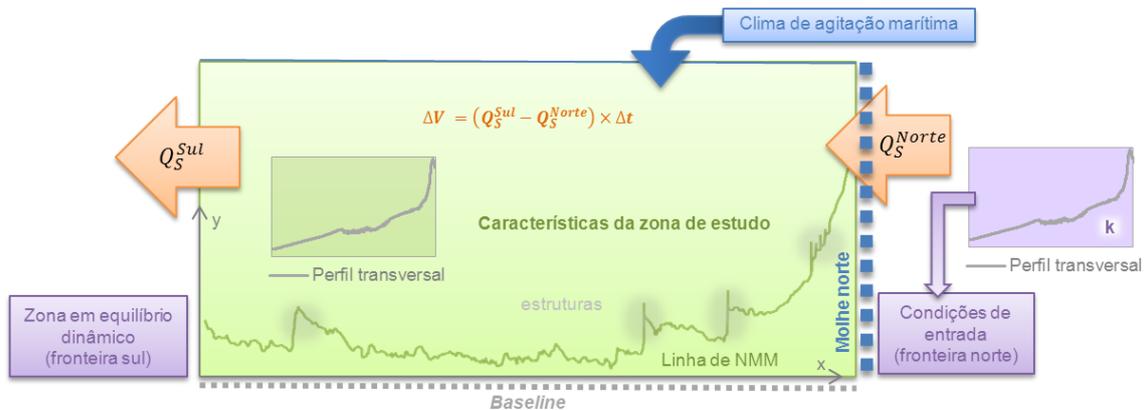


Figura 6.1 – Modelo conceitual adotado para modelação da evolução da linha de costa.

O **modelo conceitual** foi ponderado de forma a tirar vantagem das potencialidades da interação entre o modelo *LITDRIFT* e o modelo de evolução da LC, *LITLINE*, cujo funcionamento é distinto da maioria dos modelos deste tipo, na medida em que não são explicitamente definidos caudais sólidos de entrada e saída como **condições de fronteira** do sistema para o forçamento do transporte litoral. O controlo da deriva litoral nas fronteiras faz-se através da **definição dos parâmetros de calibração do transporte sedimentar** nos perfis extremos da ZE, com recurso ao modelo *LITDRIFT*, utilizado de forma integrada pelo modelo *LITLINE*.

### 6.2.1. Condições de fronteira

A **condição de fronteira a sul** da ZE foi definida admitindo que a **deriva efetiva** iguala a **deriva potencial**, ou seja, que esta zona se encontra em **equilíbrio dinâmico**, com base na situação atual do balanço sedimentar nesta zona, considerada representativa das duas últimas décadas (Santos *et al.*, 2014). Assim, uma vez que o *LITLINE* recorre ao cálculo do transporte sedimentar para simular a evolução da LC a cada passo de cálculo, considera-se que o transporte sedimentar potencial é igual ao transporte efetivo ( $Q_S^{Sul} = Q_S$ ).

Na **fronteira a norte**, delimitada pela embocadura do rio Mondego, a entrada de sedimentos na ZE é condicionada pelos efeitos de retenção de areia no molhe norte, operações de dragagem na embocadura e extrações e alimentações de areia nas praias adjacentes. O caudal sólido médio anual que transpõe a embocadura,  $Q_S^{Norte}$ , obtém-se subtraindo ao **transporte** sedimentar potencial desse mesmo ano a soma do volume sedimentar correspondente às três componentes acima mencionadas. Para a sua determinação, recorre-se ao módulo *LITDRIFT*. Mediante a alteração do parâmetro de calibração do transporte sedimentar no perfil transversal, **rugosidade de fundo**,  $k$ , cujo efeito foi analisado na Secção 5.1.4, num processo iterativo de aproximação, determina-se o transporte efetivo, estabelecendo-se a condição de fronteira a norte. Note-se que quando o volume de sedimentos a

reduzir supera o valor de  $Q_s$  anual, a não entrada de sedimentos consegue-se pela atribuição do valor de 1 metro ao parâmetro  $d_{50}$  do perfil transversal utilizado (DHI, 2014b).

Na determinação dos **volumes sólidos** anuais envolvidos nas **operações de dragagem, alimentações artificiais e extrações de areia**, levadas a cabo tanto na embocadura do rio Mondego (para manter as condições de navegabilidade no acesso ao porto da Figueira da Foz) como nas praias adjacentes, foram consultados relatórios de várias fontes, nomeadamente, Cunha (1997), Cunha e Dinis (1998) e Cunha (1999), Santos *et al.* (2014) e Teixeira (2006). Da ponderação dos dados coligidos, e considerando os períodos de calibração, validação e previsão, adotou-se um volume constante médio de **350 000 m<sup>3</sup>** de sedimentos retirados anualmente do sistema à entrada da ZE.

Quanto ao **volume retido na praia** da Figueira da Foz devido ao prolongamento do molhe norte, para o período de previsão, partiu-se do pressuposto adotado por Teixeira (2006), em que “a evolução pós-prolongamento será uma **reedição**, com as devidas adaptações, da registada no período imediatamente posterior à **construção do atual molhe norte**” e que assim, como analisado por Vicente (1990), o processo de acumulação na praia da Figueira da Foz devido ao prolongamento do molhe estabilizará em, aproximadamente, 12 anos após a conclusão das obras exteriores do porto. Por esta razão, modelou-se o impacte do prolongamento, objetivo desta dissertação, para o período 2008-2022: desde o início das obras de construção até à saturação do molhe.

O funcionamento do módulo *LITLINE* requer também a elaboração prévia de **tabelas de transporte** através da ferramenta *LINTABL*, onde são definidos vários parâmetros de cálculo e determinado o **transporte sedimentar** para classes de altura, período e direção de onda, níveis do mar, correntes, parâmetros sedimentológicos e declives de fundo para cada perfil transversal de praia utilizado. A definição da fronteira norte requer a imposição de perfis transversais específicos, uma vez que estão associados a diferentes rugosidades de fundo calibradas consoante o fluxo anual de sedimentos que se admite transpor a embocadura do rio Mondego.

#### 6.2.2. Parametrização do modelo *LITLINE*

O **sistema de referência** adotado para a representação das LC no módulo *LITLINE* é um sistema cartesiano local de coordenadas planas, com origem no ponto de coordenadas ETRS89/PT-TM06 (-72070.20, 21874.73) e cujo eixo x, coincidente com a linha de base (**baseline**), tem a orientação do alinhamento médio da isolinha do NMM em 2011, aqui considerada **19.6°N**. Todas as LC apresentadas na Secção 4.2 foram referidas a este sistema local, adotando-se um passo espacial de 10 m para a sua representação. Para facilitar a análise das tendências evolutivas da LC, identificam-se na Figura 6.2, com a LC medida em julho de 2008, os **sub-trechos** definidos para a ZE já apresentados na Secção 4.1.1 desta dissertação.

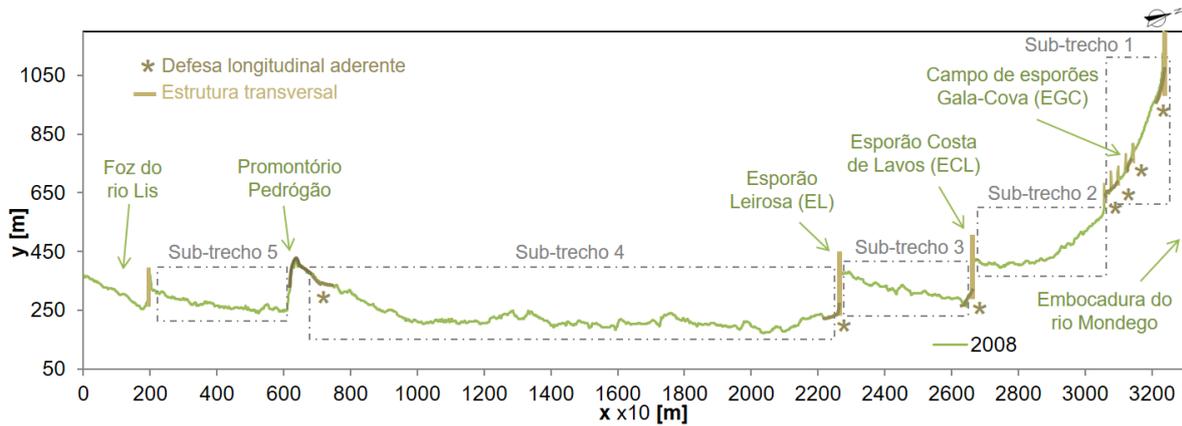


Figura 6.2 – Sub-trechos da zona de estudo, com a linha de costa medida em julho de 2008.

Devido à extensão do trecho litoral em estudo, aproximadamente 30 km, é de esperar que o modelo não reproduza com a mesma **fiabilidade a evolução** da LC em toda a sua extensão, nomeadamente nas zonas em que é evidente o **afastamento** entre a orientação média da **LC** local e a orientação média da LC para a unidade fisiográfica em estudo. Salienta-se o caso dos sub-trechos 1 e 2, zona fortemente intervencionadas com campos de esporões e defesas longitudinais aderentes, onde se pode verificar uma orientação média da LC local de  $6^{\circ}N$ .

As **estruturas transversais e longitudinais** existentes na ZE foram introduzidas no modelo de acordo com as suas características e tipologia: *jetty* para os **molhes** da Figueira da Foz, considerando-se a difração por eles causada; *groyne* para as restantes estruturas transversais mais curtas, os **esporões**; e *revetment* para o **promontório** rochoso de Pedrógão e as 7 **defesas longitudinais aderentes** existentes que limitam o recuo da LC.

Na Figura 6.3 representam-se os parâmetros do **perfil transversal de praia** fundamentais na definição do volume sedimentar envolvido nas variações morfológicas induzidas pelo gradiente de transporte longitudinal, utilizados como *input* no *LITLINE*.

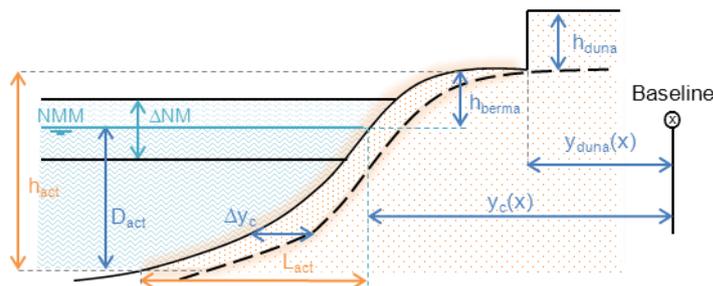


Figura 6.3 – Parametrização da zona ativa do perfil transversal utilizada pelo *modelo LITLINE*, adaptado de DHI (2014b).

As distâncias da *baseline* à LC e à base da duna são representadas por, respetivamente,  $y_c(x)$  e  $y_{duna}(x)$ . A **altura da berma**, altura constante entre o nível médio do mar (NMM) e a base da duna, é representada por  $h_{berma}$ .

$D_{act}$  representa a profundidade abaixo do NMM até à qual o perfil está sujeito a acreção ou erosão (**profundidade ativa**). O conhecimento da distribuição transversal do transporte longitudinal a longo prazo, adquirido no âmbito da modelação do transporte sedimentar, permitiu concluir que, no perfil P7, a batimétrica até à qual se verificou 99% do transporte total acumulado no período em estudo corresponde a -11.6 m ZH, ou seja, 13.6 m abaixo do NMM. A extensão ou **largura da zona ativa** ( $L_{act}$ ) é a distância, medida na horizontal, desde ponto em que o perfil interseja o NMM até à profundidade referida, resultando em 1581 m. Admite-se que a direção das batimétricas ao largo é aproximada da direção definida para a *baseline* apresentada na Figura 6.1.

A definição da **altura da duna**,  $h_{duna}$ , ponderou-se com base nos perfis representativos analisados por Oliveira (2014), pois este parâmetro deve ser válido em toda a extensão de costa em estudo. Os perfis transversais mais próximos da embocadura do rio Mondego caracterizam-se por alturas de duna frontal mais reduzidas (até 12 m ZH) do que no restante trecho (até 14 m ZH), apresentando uma duna menos robusta e pouco extensa. Considerando estes fatores e tendo em conta que o máximo valor de nível do mar (NM) registado no período em estudo se aproxima de 5 m ZH, adotou-se para  $h_{berma}$  o valor de 3 m e para  $h_{duna}$  o valor de 7 m. O valor de  $y_{duna}(x)$  para cada ponto da *baseline* identifica a transição praia-duna e obtém-se subtraindo a  $y_c(x)$  a distância medida na horizontal entre os pontos no perfil transversal correspondentes a 2 m ZH e 5 m ZH ( $y_{duna}(x)=y_c(x)-43$  m, tendo por base o perfil P7).

A **altura ativa do perfil** transversal de praia,  $h_{act}$ , é a soma da altura da berma ( $h_{berma}$ ) com a profundidade ativa ( $D_{act}$ ) determinadas, totalizando 16.6 m. Apresentam-se no Quadro 6.1 os parâmetros definidos acima.

Quadro 6.1 – Parametrização da zona ativa do perfil transversal de praia.

|                                     |        |
|-------------------------------------|--------|
| Altura da berma ( $h_{berma}$ )     | 3.0 m  |
| Altura da duna ( $h_{duna}$ )       | 7.0 m  |
| Profundidade ativa ( $D_{act}$ )    | 13.6 m |
| Largura da zona ativa ( $L_{act}$ ) | 1581 m |
| Altura ativa ( $h_{act}$ )          | 16.6 m |

### 6.3. Calibração e validação

Nesta secção começa-se por descrever os métodos de calibração e validação aplicados e seguidamente apresentam-se criticamente os principais resultados de cada um, face aos quais se conclui sobre a capacidade de simulação da evolução da LC do modelo para efeito de previsão.

O processo de **calibração** do modelo que se descreve nesta secção teve como objetivo a determinação do transporte sedimentar, e implicitamente dos **parâmetros de cálculo** adotados para o modelo, com destaque para o parâmetro de calibração **rugosidade de fundo**,  $k$ , que permitem a melhor simulação das tendências evolutivas reais da LC, ou seja, o melhor ajuste entre LC medidas e numéricas na ZE, entre 1996 e 2001. O processo de **validação** do modelo para o período 2001-2008 que também se descreve, teve como objetivo verificar a adequação dos valores dos parâmetros de calibração obtidos para um período de evolução da LC distinto do período de calibração.

Iniciou-se o **período de calibração** no ano de **1996**, dada a disponibilidade da LC de 1996 e de dados acerca dos volumes sedimentares dragados e extraídos da envolvente norte da ZE, e pelo facto de neste ano já se verificar estabilização da evolução da LC decorrente das restantes intervenções já apresentadas nos capítulos anteriores. A LC medida de **2001** foi utilizada para o ajuste de  $k$  neste processo de calibração, sendo o subsequente período de **2001 a 2008** considerado para **validação** de  $k$  e dos restantes parâmetros adotados na elaboração do modelo conceptual.

Para definir **Qs** na **fronteira norte** nos períodos de **calibração e validação**, **reduziu-se o transporte sedimentar potencial anual resultante** determinado para este período, apresentado no Quadro 5.3 do capítulo de modelação do transporte sedimentar longitudinal, **em 350 000 m<sup>3</sup>**, volume médio anual retirado do sistema conforme admitido na Secção 6.2.1, através de sucessivas iterações com recurso ao modelo *LITDRIFT* para determinar os valores de  $k$  que resultam na redução pretendida à entrada do sistema.

Uma vez estabelecidas as condições de fronteira, procedeu-se à **calibração**: foi testado o transporte sedimentar na evolução da LC à custa da variação do parâmetro  $k$ . Testaram-se os seguintes **valores de  $k$**  associados ao perfil transversal da ZE: **0.0035, 0.0040, 0.0045, 0.0050 e 0.0070 m**. A avaliação dos resultados do modelo foi feita à custa da comparação visual entre as LC medida e numéricas de 2001, apresentadas na Figura 6.4, e dos parâmetros estatísticos de avaliação de desempenho do modelo **Erro Quadrático Médio (EQM)** e **Brier Skill Score (BSS)**, tendo como objetivo a introdução um critério quantitativo para a escolha do valor de  $k$ .

O **EQM** (Equação 6.2) permite medir a dispersão da posição das linhas de costa simuladas em relação à medida em 2001:

$$EQM = \sqrt{\frac{\sum (y_{previsto} - y_{medido})^2}{n}} \quad (\text{Eq. 6.2})$$

Sendo que  $y_{previsto}$  e  $y_{medido}$  representam, respetivamente, a previsão e o valor medido da posição da LC num determinado instante, e  $n$  o número total de pontos considerados.

No entanto, tratando-se de uma análise de evolução da LC (1996 a 2001), é relevante ter em conta a sua posição inicial. Para isso, recorreu-se ao método **BSS**, um indicador de erro para avaliação do desempenho de modelos morfodinâmicos. Na sua formulação (Equação 6.3),  $z_{b,0}$ ,  $z_{b,m}$  e  $z_{b,c}$  representam, respetivamente, as posições inicial, medida, e prevista, e  $\partial$  representa o erro de medição, aqui admitido nulo, sendo que os parêntesis angulares denotam a média (Van Rijn *et al.*, 2003).

$$BSS = 1 - \frac{\langle (|z_{b,c} - z_{b,m}| - \partial)^2 \rangle}{\langle (z_{b,0} - z_{b,m})^2 \rangle} \quad (\text{Eq. 6.3})$$

Da aplicação deste critério de avaliação no caso em estudo, verifica-se que todos os resultados se enquadram na classificação de mau (**Erro! Autorreferência de marcador inválida.**), no entanto, salienta-se que este método não é frequentemente aplicado a este tipo de modelos de evolução de LC, em que os erros associados às medições são superiores, mas sim a modelos de curto prazo, tais como modelos de simulação da evolução do perfil transversal de praia.

Quadro 6.2 – Classificação de desempenho de modelos morfodinâmicos pelo método Brier Skill Score.

| Classificação | BSS       |
|---------------|-----------|
| Excelente     | 1.0 - 0.8 |
| Bom           | 0.8 - 0.6 |
| Razoável      | 0.6 - 0.3 |
| Fraco         | 0.3 - 0.0 |
| Mau           | < 0.0     |

Da análise de sensibilidade ao parâmetro **rugosidade de fundo** (Secção 5.1.4), concluiu-se que a um aumento do valor de  $k$  corresponde uma diminuição de **Qs**. Assim, partindo de  $k=0.0040$  m, valor de referência considerado na análise de sensibilidade (Secção 5.1) e no estudo do transporte sedimentar potencial (Secção 5.2), o efeito simulado corresponde a um aumento do transporte no caso de  $k=0.0035$ , e a uma diminuição do mesmo nos casos de valores de  $k$  superiores à referência. Note-se, no entanto, que a este efeito isolado da magnitude do transporte sedimentar, ajustado à custa de  $k$ , para o estudo da evolução da LC, se adicionam outros fatores, como o efeito das estruturas existentes (esporões e defesas aderentes) ao longo da ZE e da difração provocada pelos molhes da embocadura.

Conforme já mencionado em 6.2.2 são esperadas limitações do modelo em relação aos resultados de evolução da LC obtidos para os sub-trechos 1 e 2 devido ao afastamento entre a orientação média da LC local e a orientação média da LC para a totalidade da ZE, sendo este um requisito base deste tipo de modelos (uniformidade longitudinal da morfologia). Adicionalmente, o modelo considera os esporões com uma orientação distinta da real, uma vez que definida a localização do seu enraizamento e o seu comprimento, considera-os perpendiculares à *baseline*. Por estes motivos, a evolução da LC analisou-se criticamente considerando as tendências da relação das estruturas reais com a LC medida *versus* a relação das estruturas consideradas pelo modelo com as LC simuladas.

Na Figura 6.4 apresentam-se as **LC medidas** em 1996 e 2001 juntamente com as **LC numéricas** referentes a 2001 para os valores de  $k$  testados no processo de calibração. Destes resultados retiram-se as seguintes conclusões:

- No **sub-trecho 1** registou-se, neste período de 5 anos, estabilização/manutenção da LC até ao segundo esporão do campo de EGC, seguido de avanço. O modelo simulou até este esporão, para todos os  $k$  testados, um recuo que não corresponde à realidade observada, seguindo-se de um avanço excessivo, sendo  $k=0.0070$  m que apresenta o melhor ajuste de BSS e EQM.
- No **sub-trecho 2** registou-se maioritariamente erosão desde o último esporão do campo de EGC até meio do sub-trecho, seguida de um comportamento intercalado de acreção e erosão para sul, com evidente acreção na zona adjacente ao ECL. O modelo simulou o comportamento erosivo verificado a norte mas acreção excessiva a sul, com alteração da concavidade do traçado da LC, possivelmente devido ao facto de a LC estar em rotação causada pelo défice sedimentar resultante das dragagens efetuadas na embocadura.

- No **sub-trecho 3** registou-se erosão desde o ECL até à zona adjacente ao EL onde se registou acreção. A dimensão do enorme recuo verificado a sul do ECL não foi reproduzida corretamente pelo modelo mas, e sabendo que o modelo não reproduz concavidades excessivas, o traçado da LC simulada mantém a tendência de evolução medida, com um ajuste notável junto ao EL. Ambas as LC correspondentes a  $k=0.0050$  m e  $k=0.0070$  m apresentam um bom ajuste à tendência de evolução longitudinal, sendo o ponto de inflexão correspondente a  $k=0.0050$  m mais próximo da transição erosão-acreção verificada.
- No **sub-trecho 4**, o sub-trecho mais longo, verificou-se um comportamento intercalado de erosão e acreção que foi simulado com bastante proximidade pelo modelo. Apesar do modelo não simular exatamente o avanço registado junto ao promontório de Pedrógão, ele reproduziu a posição da LC avançada em relação ao alinhamento médio predominante deste sub-trecho. O aumento de  $k$  causa maior gradiente da LC a barlamar da estrutura, verificando-se uma transição mais acentuada do que a real para  $k=0.0070$  m e mais representativa para  $k=0.0050$  m. Os parâmetros BSS e EQM comprovam o melhor ajuste da LC simulada para os valores da rugosidade referidos.
- No **sub-trecho 5**, registou-se recuo generalizado da LC que o modelo não reproduziu, especialmente a sul do promontório, onde se verificou erosão e o modelo previu um avanço significativo da LC. Novamente, é a LC simulada para  $k=0.0050$  m que melhor reproduz a tendência de evolução da LC, com valores dos parâmetros BSS e EQM próximos dos obtidos para  $k=0.0070$  m.
- Para a **globalidade do trecho em estudo**, a tendência evolutiva da LC para os diferentes valores de rugosidade de fundo testados é semelhante, verificando-se um melhor ajuste, segundo os parâmetros BSS e EQM, para  $k=0.0070$  m, seguido de  $k=0.0050$  m. De facto, em toda a ZE, verifica-se que o aumento de  $k$  resulta numa maior concordância de tendências evolutivas e proximidade entra as LC medida e simuladas, até que, para  $k=0.0070$  m, o traçado afasta-se da tendência evolutiva. O destaque de  $k=0.0070$  m em termos de avaliação de desempenho é influenciado pelo facto das restantes LC simuladas se verificarem, em geral, mais avançadas do que a LC medida. No entanto, salienta-se que a variação do transporte sedimentar causado pela variação de  $k$  não é proporcional ao recuo ou avanço induzido na LC.

Considerando que o modelo reproduz a evolução da LC com **maior credibilidade** nos sub-trechos onde a orientação da LC é mais aproximada à orientação média da LC da ZE e, conseqüentemente, a direção das estruturas transversais reais se aproxima da direção perpendicular à *baseline*, é nos **sub-trechos 3, 4 e 5** que se baseia a escolha de  **$k=0.0050$  m**, o valor que permite obter a simulação mais aproximada da evolução verificada na ZE para o período de calibração.

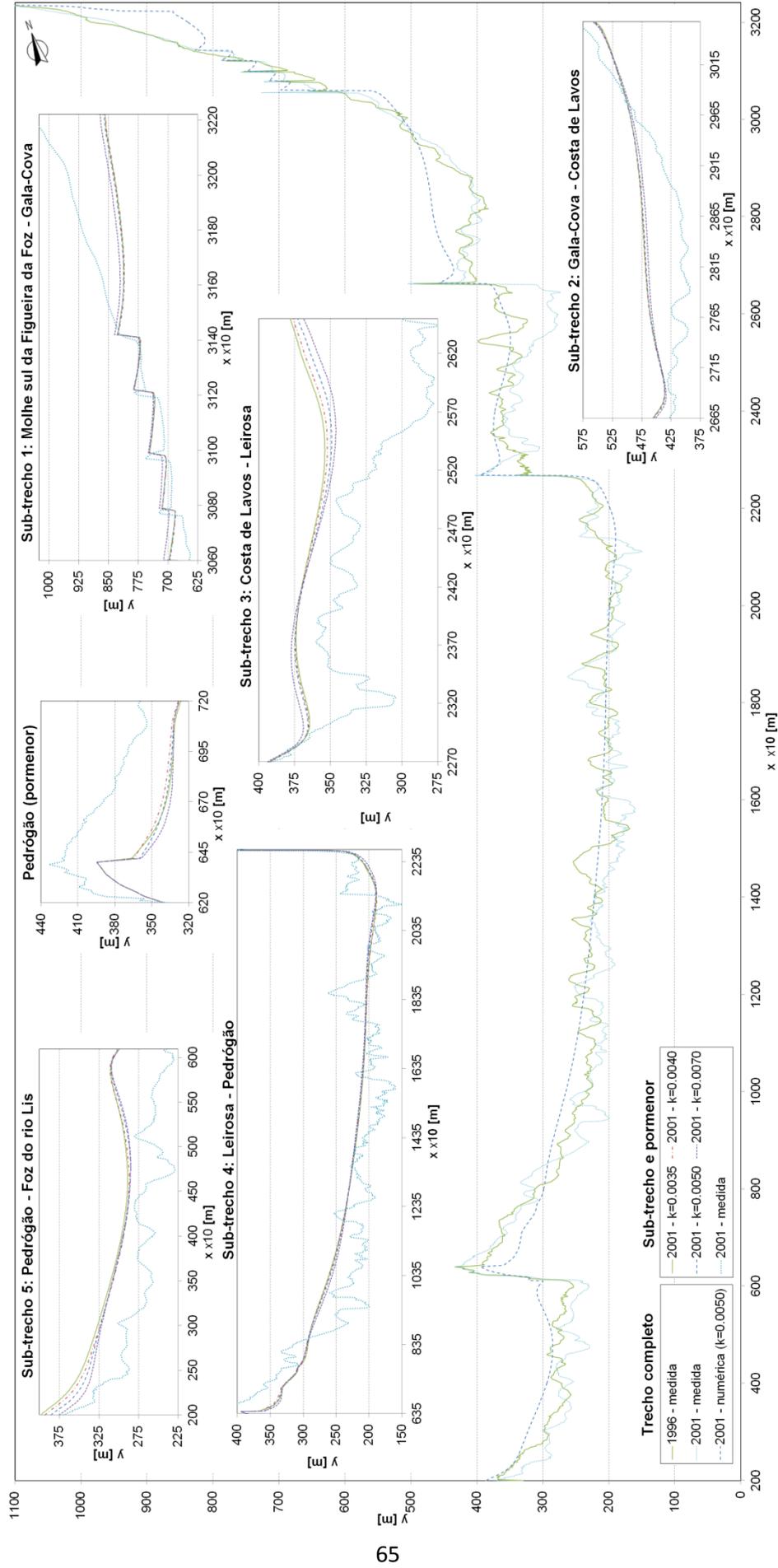


Figura 6.4 – Resultados da calibração: linhas de costa medidas em 1996 e 2001, e linhas de costa numéricas referentes a 2001 para os valores de k testados.

Procedeu-se à **validação** do modelo, simulando a evolução da LC entre **2001 e 2008** sem alteração dos parâmetros definidos na calibração, para verificação do ajuste entre as LC numérica e medida de 2008. A análise deste ajuste foi feita com recurso à comparação da LC medida com as seguintes linhas: i) linhas constituídas pelos avanços e recuos extremos obtidos em cada ponto da *baseline* no primeiro semestre de 2008 e ii) LC numéricas obtidas para os dias subsequentes aos máximos valores de Qs Sul e Qs Norte.

Devido à incerteza associada à data de levantamento da LC de 2008, uma LC instantânea que se admitiu ter ocorrido no dia 1 de julho (Secção 4.2), determinou-se a **envolvente** de extremos, delimitado pelas linhas que correspondem aos **máximos avanços e recuos** ao longo do primeiro semestre do ano, apresentado na Figura 6.5, com o qual se compararam as LC medidas de 2001 e 2008. Para robustecer o processo de validação e aferir sobre a sensibilidade do modelo para reproduzir a **resposta morfológica** à presença de **estruturas transversais** em condições de picos de transporte sedimentar, apresentam-se também na Figura 6.5 as LC numéricas correspondentes a ocasiões de máximos valores de Qs Sul e Qs Norte obtidos no primeiro semestre de 2008. Os resultados revelam o seguinte:

- No **sub-trecho 1** registou-se um recuo que o modelo não simulou, inclusive prevendo mesmo um avanço entre os três últimos esporões do campo de EGC. No **sub-trecho 2** registou-se estabilidade da LC, no entanto, o modelo simulou recuo e avanço excessivos a sotamar do último esporão do campo de EGC e barlamar do ECL, respetivamente. Este desfasamento entre as posições real e simulada da LC decorre de o modelo considerar os esporões perpendiculares à *baseline* e da orientação média da LC nestes dois trechos se afastar da direção da *baseline*, como já mencionado anteriormente. No entanto, quando analisadas as LC em relação à posição das correspondentes estruturas real e do modelo, verifica-se um comportamento relativamente concordante da tendência evolutiva das LC no sub-trecho 2.
- No **sub-trecho 3** regista-se uma estabilização da LC, sendo o modelo capaz de reproduzir o alinhamento médio verificado neste sub-trecho, como se verificou também no período de calibração.
- No **sub-trecho 4**, as LC medidas indicam uma relativa estabilidade imediatamente a sotamar do EL que o modelo não considera, simulando um recuo excessivo. Em todo o restante sub-trecho, o modelo é bastante representativo da tendência evolutiva registada, mantendo o correto alinhamento médio da LC.
- No **sub-trecho 5**, o recuo registado imediatamente a sotamar do promontório não é reproduzido pelo modelo, prevendo-se novamente um avanço da LC nesta zona. Apesar disso, considerando as posições previstas ao longo do primeiro semestre de 2008, a estabilidade registada na generalidade do sub-trecho é reproduzida pelo modelo.
- O comportamento verificado na **vizinhança das estruturas** é o esperado: para Qs Sul máximo, a direção predominante da deriva litoral, verifica-se acreção a barlamar e erosão a sotamar das estruturas; enquanto a prevalência de ondulação em sentido contrário,

associada a Qs Norte máximo, resulta na tendência oposta, com erosão no lado das praias que foram estabilizadas pelos esporões.

- Para a **globalidade do trecho em estudo**, constata-se que a LC numérica obtida a 1 de julho tem um comportamento extremo de acreção a barlamar das estruturas e erosão a sotamar, apresentando a mesma tendência verificada pela LC resultante de um transporte sedimentar maioritariamente para sul.
- A maior **amplitude de variação** da posição da **LC** no primeiro semestre de 2008 verifica-se no sub-trecho 3, atingindo 56 metros a barlamar do EL, demonstrando ser o sub-trecho mais instável neste período. O sub-trecho 5 apresenta uma variação na ordem dos 43 m, enquanto no sub-trecho 4 esta amplitude toma o valor máximo de 22 m.

A análise das LC medidas na ZE evidencia uma reorientação da LC entre a Gala-Cova e a Leirosa no período de 1996-2001, e posterior estabilização até 2008, podendo induzir-se que esta evolução resulta de um **progressivo ajuste à carência sedimentar** resultante das **dragagens** efetuadas à entrada da ZE. Provavelmente, a permanência destas condições levou à progressão desta “onda erosiva” para os sub-trechos a sul, após o início do século, hipótese sustentada pela evolução da LC na zona adjacente à Leirosa.

**Valida-se** assim o **modelo conceptual**, ou seja, considera-se que os pressupostos teóricos subjacentes à sua definição em conjugação com a parametrização do modelo que se adotou nesta secção permitem **reproduzir a dinâmica da ZE** para o efeito pretendido de **previsão** da evolução da LC com as seguintes restrições nos **extremos da zona em estudo**:

- a **norte**, as **limitações do modelo** prendem-se com a divergência existente entre os alinhamentos da LC e da *baseline* e com a orientação das estruturas transversais assumida pelo modelo, sempre perpendicular à *baseline*, como referido anteriormente;
- a **sul**, a barlamar do molhe norte da embocadura do rio Lis, o comportamento modelado prevê uma elevada acumulação de sedimentos que não faz sentido de acordo com as características locais, pois sendo de facto possível que tal disponibilidade de sedimentos exista, o modelo não simula a dinâmica resultante da dispersão causada pelo jato de caudal líquido proveniente do rio, levando a que as previsões de evolução adjacente à embocadura não sejam válidas.

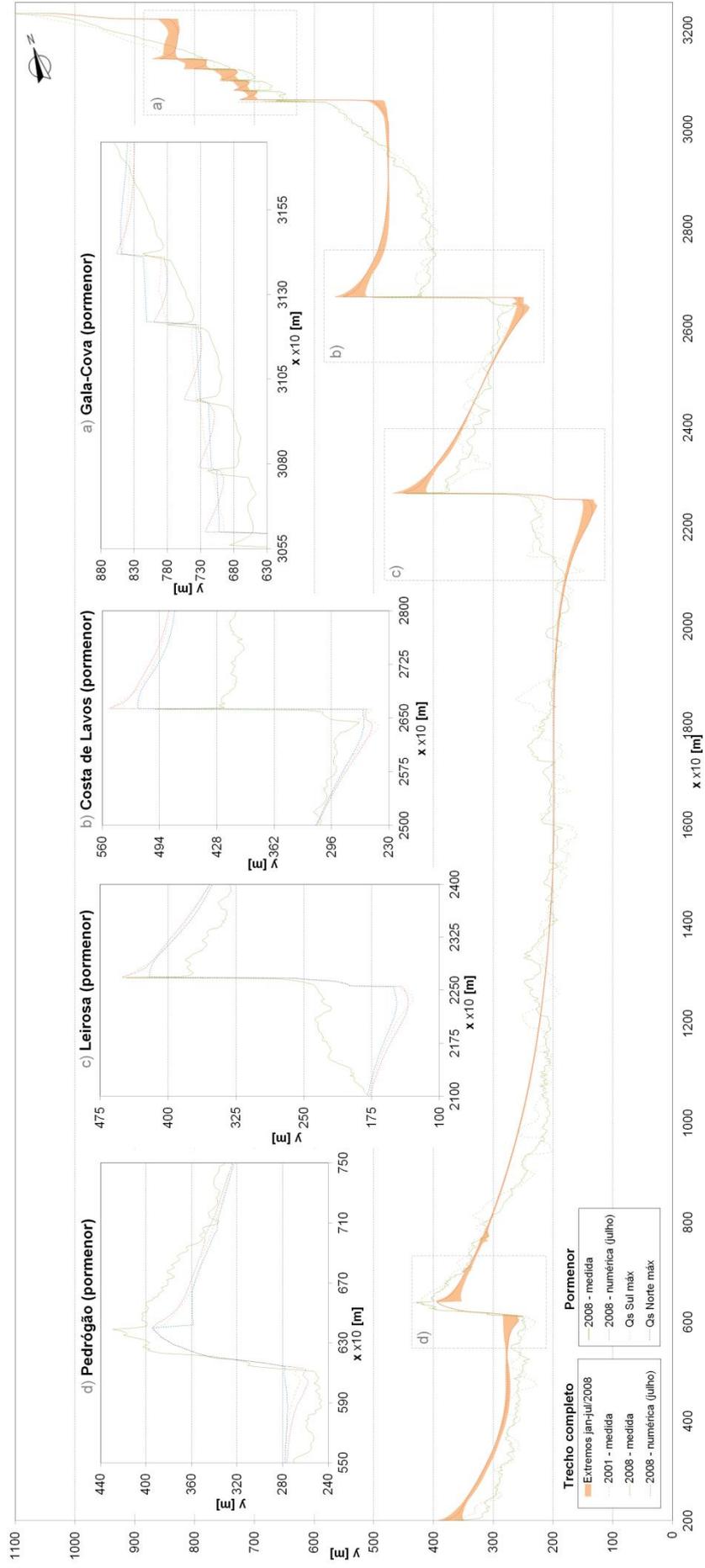


Figura 6.5 – Resultados da validação: linhas de costa medidas em 2001 e 2008, linha de costa numérica referente a 2008 (1 julho), linhas de costa representativas de máximos Qs Sul e Qs Norte e linhas de avanços e recuos extremos no primeiro semestre de 2008.

#### 6.4. Previsão do impacte do prolongamento do molhe norte

Conforme descrito na Secção 6.2, no período de calibração e validação, 1996-2008, consideraram-se anos em que o volume sedimentar que transpôs o molhe sul da embocadura da Figueira da Foz foi inferior ao transporte sedimentar potencial, ou mesmo nulo, devido às intervenções humanas efetuadas. No subsequente período de previsão, 2008-2022, considerou-se a existência de uma sequência de anos mais longa sem transposição sedimentar para sul da embocadura devido à retenção de areia na praia da Figueira da Foz, consequência do prolongamento do molhe norte, esperando-se por isso que sejam mais relevantes os impactes da carência sedimentar na evolução da LC.

Para a simulação da evolução da LC na ZE entre 2008 e 2022, considerou-se um **clima de agitação marítima** denominado de **referência**, que consiste na série temporal do clima de agitação marítima verificado nos 15 anos anteriores à conclusão do prolongamento (1996-2010), já caracterizado na Secção 3.1, associado a previsões do nível do mar de maré astronómica (WXTide). Na definição de **Qs na fronteira norte**, à semelhança do procedimento adotado nos períodos de **calibração e validação**, considerou-se uma **redução do transporte sedimentar potencial anual resultante**, apresentada no Quadro 5.3 da Secção 5.2.1 para o período de 1996 a 2010, em **350 000 m<sup>3</sup>**, admitindo continuidade das operações levadas a cabo na embocadura do rio Mondego com o mesmo volume anual médio retirado do sistema (Secção 6.2.1), acrescida do **volume anual variável retido na praia**, admitido por Teixeira (2006) no cenário projetado para o prolongamento do molhe norte em 400 m e consequente alargamento da praia da Figueira da Foz. Adicionalmente, neste cenário considerou-se a acumulação de 900 000 m<sup>3</sup> de sedimentos na praia durante os dois anos da construção do molhe, volume este que se admitiu repartido igualmente por cada ano.

Uma vez estabelecidas as condições de fronteira, procedeu-se à **modelação da evolução da LC de 2008 a 2022** para **dois cenários** cuja comparação permite avaliar o impacte do prolongamento: o cenário real, com **prolongamento do molhe norte** e consequente acumulação de sedimentos na praia da Figueira da Foz, e um cenário hipotético **sem o prolongamento**, como base para aferir o seu impacte.

##### 6.4.1. Evolução pós-prolongamento do molhe

Para análise da evolução da LC no cenário de prolongamento do molhe norte, apresentam-se na Figura 6.6 as LC numéricas referentes a 1 de julho dos anos 2010, 2014, 2018 e 2022, resultantes das simulações de previsão, juntamente com a LC medida em 2008. De forma a detalhar e aprofundar esta análise, foram também avaliados os avanços e recuos anuais da LC em toda a ZE, em cada sub-trecho e localmente, a barlar e sotamar (terminologia com referência na deriva predominante dirigida para sul) das estruturas transversais. Nos sub-trechos 1, 2 e 5 pelos três motivos já referidos anteriormente os resultados devem ser analisados com reserva.

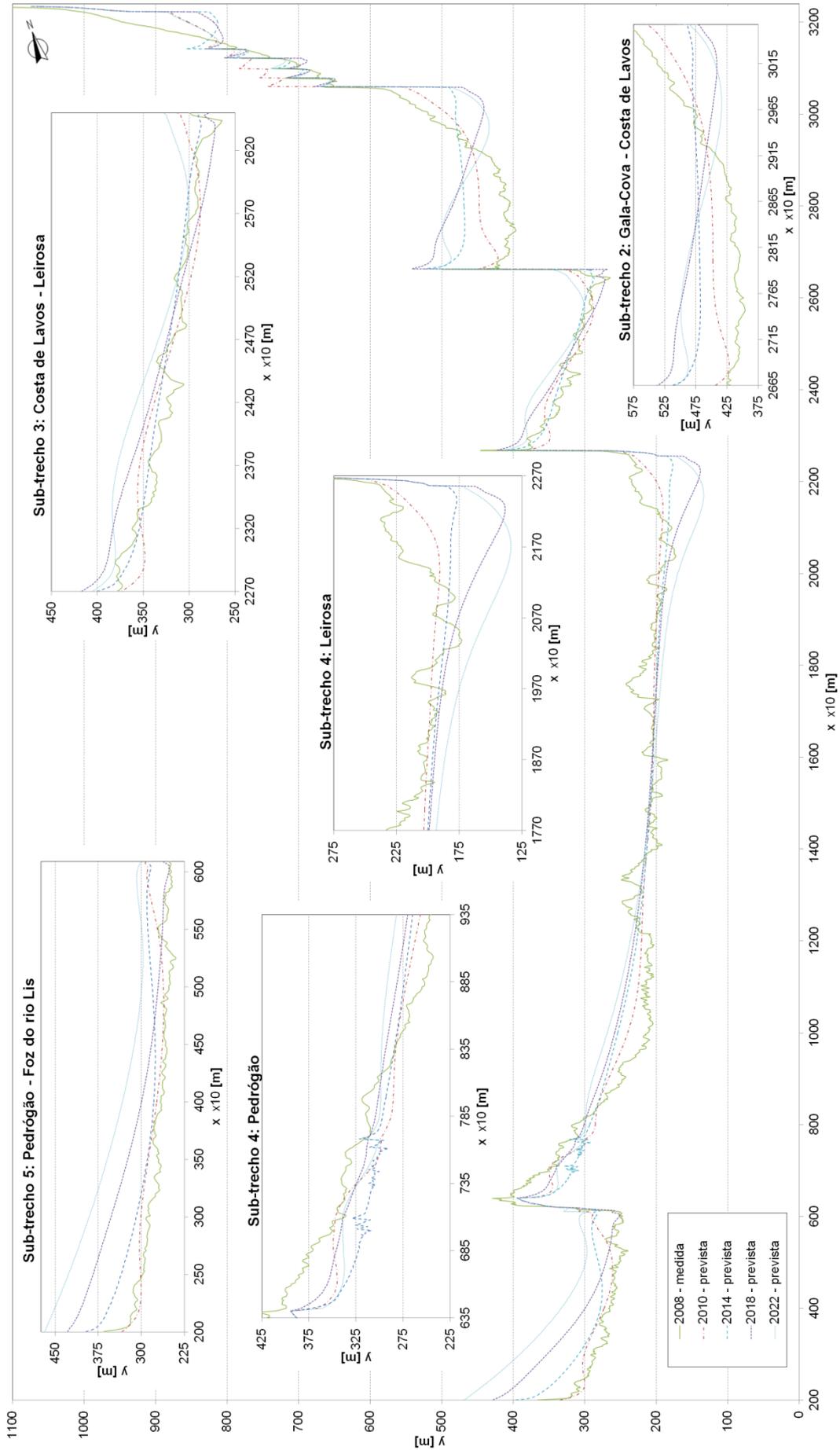


Figura 6.6 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2010, 2014, 2018 e 2022 (1 julho), obtidas para o cenário de prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego.

Os resultados obtidos indicam que os avanços e recuos máximos previstos em cada sub-trecho ao longo dos anos em estudo são mais elevados na primeira metade do período e relevantes novamente no ano 2021-2022. A análise do transporte sedimentar potencial anual para este período não revela um padrão que justifique diretamente este comportamento, concluindo-se que existe um período inicial de ajuste da LC em resposta à carência sedimentar provocada pelas dragagens e retenção de areia na praia da Figueira da Foz após o prolongamento do molhe, sensivelmente até ao ano de 2018, a partir do qual se verificam, nos sub-trechos representativos, menores variações do traçado da LC. No período 2021-2022 iniciam-se alterações à tendência de evolução do traçado da LC prevista até então, decorrentes da já residual retenção causada pelo molhe, que se prevê nula no final deste período. Analisando as variações da posição da LC na **vizinhança das estruturas transversais**, conclui-se o seguinte:

- A **barlamar do ECL** prevê-se um comportamento alternado de erosão e acreção, de maior intensidade, respetivamente, em 2012-2013 e 2010-2011, conforme esperado tendo em conta os resultados do Quadro 5.3. Nos anos seguintes prevê-se uma diminuição da intensidade destas variações, com exceção do ano 2021-2022 em que se prevê um recuo bastante significativo.
- A **sotamar do ECL** prevê-se um comportamento inverso ao anterior para os respetivos anos, prevendo-se elevada acreção em 2022, resultando numa LC avançada, em média, 14 m relativamente à sua posição em 2010.
- A **barlamar do EL**, o comportamento previsto segue a tendência a barlamar do ECL. Em 2022 prevê-se que a LC apresente um avanço médio de 30 m em relação à sua posição em 2010, verificando o comportamento médio de avanço da LC neste local.
- A **sotamar do EL** prevê-se o mesmo comportamento alternado de erosão e acreção analisado a sotamar do ECL, com recuos de maior intensidade e avanços mais reduzidos, o que era de esperar dada a conjugação de dois fatores: ser o extremo norte de um sub-trecho mais longo e a deriva predominante dirigir-se para Sul. Em 2022 prevê-se que a LC apresente um recuo médio de 60 m em relação à sua posição em 2010, verificando o comportamento médio de erosão neste local.
- A **barlamar do promontório de Pedrógão**, o comportamento previsto segue a tendência a barlamar do EL, com recuos bastante inferiores após a construção do molhe, e variações extremas de menor intensidade. Em 2022 prevê-se que a LC apresente um avanço médio de 13 m em relação à sua posição em 2010.
- A **sotamar do promontório de Pedrógão** prevê-se o mesmo comportamento analisado a sotamar das estruturas até 2017, ano após o qual se esperam apenas avanços da LC. Em 2022 prevê-se que a LC apresente um avanço médio de 20 m em relação à sua posição em 2010.

- É evidente uma repetição do comportamento a barlar e sotamar das estruturas transversais para os mesmos períodos, verificando-se novamente a correta resposta morfológica do modelo à sua presença.

**Prevê-se** então um **recoo generalizado da LC**, mais significativo no **sub-trecho 4**, a sotamar da Leirosa, lembrando que o modelo não reproduz as tendências evolutivas reais nos extremos da ZE. Prevê-se uma **diminuição da intensidade** dos avanços e recuos da LC com o **afastamento ao molhe**, bastante notória a norte de Pedrógão. Note-se que a tendência de evolução da LC verificada não se atribui especificamente ao prolongamento do molhe norte, mas sim à **resposta morfológica da unidade fisiográfica no seu todo** à ação da agitação marítima na presença das diversas estruturas incluindo o molhe prolongado. É necessária a análise comparativa com o cenário de evolução sem o prolongamento do molhe, que se descreve na secção seguinte, para avaliar o seu impacte.

#### 6.4.2. Impacte do prolongamento do molhe norte

A avaliação do impacte do prolongamento do molhe norte nas praias adjacentes a sul baseia-se na comparação dos cenários de evolução já descritos, com e sem prolongamento. A análise desse impacte na amplitude da variação anual (janeiro a dezembro) da LC para o período de previsão (2008-2022), mostra que a presença do molhe causa uma menor amplitude de variação da LC nos sub-trechos 1, 2, 4 e 5, reduzindo-a em valores médios de 12, 1, 2 e 4 m, respetivamente. A redução verifica-se nos sub-trechos referidos em 69%, 38%, 62% e 62% dos anos em estudo. No sub-trecho 3, verifica-se um aumento de 1 m na amplitude, em média, registando-se redução em apenas 23% dos anos analisados. Note-se que os valores descritos são relativos, pretendendo ilustrar a ordem de grandeza das variações previstas entre as duas simulações, com e sem prolongamento do molhe.

O Quadro 6.3 apresenta a evolução média relativa da LC (diferença entre a evolução média registada em cada cenário) devida ao prolongamento, entre 1 de julho de cada ano do período em análise, na totalidade da ZE e nos sub-trechos indicados, resultado da comparação direta entre os dois cenários: os valores negativos correspondem a recuos induzidos pelo prolongamento com intensidade representada pela intensidade da cor da célula. Estes resultados confirmam o **efeito generalizado de erosão** causado pelo **prolongamento** do molhe sendo, no entanto, nos sub-trechos em que existe maior confiança nos resultados numéricos onde esta erosão é menor: no sub-trecho 3 apenas em 4 anos não se prevê uma variação negativa da LC, 2010-2011, 2011-2012, 2013-2014 e 2015-2016; e no sub-trecho 4 prevê-se que em 2022 a LC apresente um recoo médio de 0.5 m em relação à sua posição em 2010.

Quadro 6.3 – Evolução média relativa da linha de costa devida ao prolongamento, entre 1 de julho de cada ano do período em análise, na zona de estudo e nos sub-trechos indicados.

| Período          | Evolução média relativa da LC [m] |             |              |             |             |              |
|------------------|-----------------------------------|-------------|--------------|-------------|-------------|--------------|
|                  | Zona de Estudo                    | Sub-trecho  |              |             |             |              |
|                  |                                   | 1           | 2            | 3           | 4           | 5            |
| 2008-2009        | -0.7                              | -4.6        | -1.7         | -0.3        | -0.3        | -0.4         |
| 2009-2010        | -0.5                              | -2.9        | -1.0         | -1.2        | 0.0         | -0.6         |
| 2010-2011        | -0.2                              | 4.1         | -3.1         | 0.0         | 0.0         | 0.0          |
| 2011-2012        | -0.8                              | -11.6       | 1.3          | 0.4         | 0.1         | -3.7         |
| 2012-2013        | -0.6                              | 1.8         | -1.9         | -0.8        | -0.2        | -1.2         |
| 2013-2014        | 0.1                               | 1.9         | -0.4         | 0.0         | 0.1         | 0.0          |
| 2014-2015        | -0.1                              | 2.1         | -1.0         | -0.3        | 0.1         | -0.4         |
| 2015-2016        | -0.7                              | -4.3        | -0.3         | 0.0         | -0.2        | -2.4         |
| 2016-2017        | -0.9                              | -10.0       | 0.4          | -0.3        | -0.2        | -2.4         |
| 2017-2018        | -1.0                              | -7.2        | 0.0          | -0.3        | -0.1        | -4.1         |
| 2018-2019        | -0.8                              | -5.1        | -0.5         | -0.3        | -0.3        | -1.9         |
| 2019-2020        | 0.5                               | 18.9        | -3.2         | -0.3        | 0.2         | 0.4          |
| 2020-2021        | -0.1                              | 9.1         | -4.8         | -0.4        | 0.1         | 1.3          |
| 2021-2022        | -0.3                              | 4.8         | -4.1         | -0.3        | 0.0         | 0.6          |
| <b>2008-2022</b> | <b>-6.1</b>                       | <b>-3.1</b> | <b>-20.4</b> | <b>-4.1</b> | <b>-0.8</b> | <b>-14.6</b> |
| <b>2010-2022</b> | <b>-4.9</b>                       | <b>4.5</b>  | <b>-17.6</b> | <b>-2.6</b> | <b>-0.5</b> | <b>-13.7</b> |

A Figura 6.7 apresenta as LC numéricas referentes aos anos de 2016 e 2022 (1 julho) obtidas para cada cenário, juntamente com a LC medida em 2008. A análise comparativa foi complementada com a avaliação do efeito do prolongamento na evolução média relativa da LC na **vizinhança das estruturas transversais**. Os resultados mostram o seguinte:

- A **barlamar do ECL** o comportamento alternado de erosão e acreção previsto no cenário real foi acentuado devido ao prolongamento: prevê-se uma variação negativa máxima induzida pela sua presença no ano em que se prevê o máximo recuo da LC (2012-2013); e, de forma semelhante, o ano em que se prevê o máximo avanço da LC (2010-2011) coincide com o ano de máximo incremento induzido pelo prolongamento. Nos anos seguintes prevê-se uma diminuição da intensidade do efeito do prolongamento, mas mantém-se a tendência de incremento nos avanços e recuos da LC.
- A **sotamar do ECL** prevê-se, além de um aumento das taxas de variação máximas, uma correspondência entre os máximos recuos e avanços do cenário real e as taxas mínimas e máximas, respetivamente, induzidas pelo prolongamento, destacando-se o seu efeito na taxa de evolução média da LC que, a partir de 2014, se prevê acentuar o seu recuo até 2021. Seria esperada maior acreção neste local na ausência do prolongamento, pois este induz um recuo de 5.4 m na variação da LC de 2022 relativamente a 2010.
- A **barlamar do EL**, prevê-se que o prolongamento induza o mesmo comportamento esperado a barlamar do ECL, com aumento da amplitude das taxas de evolução da LC até 2014, esperando-se para o restante período de previsão menores amplitudes e comportamentos variáveis para os mesmos anos. Em 2022, prevê-se um avanço da LC de 3.1 m, relativamente a 2010, consequência do prolongamento.

- A **sotamar do EL** prevê-se, até 2019, aproximadamente o mesmo efeito causado pelo prolongamento que a sotamar do ECL, com taxas significativamente superiores. A partir de 2019 verifica-se um comportamento de avanço da LC induzido pelo molhe, de intensidade decrescente até ao final do período em estudo. Quando comparando as LC de 2022 e 2010, o comportamento médio de erosão previsto para este local no cenário real (secção anterior) encontra-se acentuado pelo recuo de 7.8 m induzido pelo prolongamento.
- A **barlamar do promontório de Pedrógão** a influência do prolongamento na evolução da LC é semelhante à prevista a barlamar do EL. A acreção prevista neste local é limitada pela existência do prolongamento que resulta numa LC em 2022 recuada de 0.6 m relativamente a 2010.
- A **sotamar do promontório de Pedrógão** a influência do prolongamento é bastante variável de ano para ano, prevendo-se as amplitudes na taxa de evolução média da LC, revelando que, em determinados períodos, a existência do prolongamento reverteu a evolução esperada para a LC. Prevê-se que o avanço médio da LC de 20.0 m esperado para 2022 em relação à posição da LC em 2010, seja limitado pelo prolongamento em 17.2 m.

A análise comparativa de evolução da LC para os cenários sem e com prolongamento do molhe norte revela que o **prolongamento** causa um **recuo generalizado** da LC que afeta toda a ZE, e que esta **erosão** tem maior intensidade a **sotamar das estruturas transversais**. No entanto, quando o recuo causado pelo prolongamento é comparado com a evolução da LC no cenário sem prolongamento do molhe norte, conclui-se que o **fator mais relevante** para a **carência sedimentar** são as **dragagens** realizadas na embocadura do rio Mondego.

Do estudo levado a cabo neste capítulo, surge uma **recomendação** relacionada com a **metodologia** normalmente utilizada na avaliação da evolução da LC por comparação de LC medidas, que são instantâneas. Concluiu-se que em estudos de erosão (processo de longo prazo independente das variações sazonais da LC) a forma mais correta de avaliar a evolução da LC é recorrendo a “linhas de costa” médias: linhas fictícias compostas pela média das posições da LC simulada no período de um ano, considerando duas estações marítimas completas. Ao longo dos anos, os avanços e recuos entre **linhas médias** são independentes das fragilidades inerentes às LC instantâneas. É certo que não se tratam de LC reais, no entanto, a sua tendência evolutiva será mais representativa das **tendências de longo prazo** reais, minimizando as consequências da falta de informação sobre a dinâmica do sistema que se pretende modelar. No decorrer desta dissertação, foram obtidas as LC médias de todos os cenários testados, no entanto, como a sua correta análise e apresentação requerem recursos que excederiam os limites definidos em dissertação de mestrado, deixa-se apenas esta preocupação para possíveis trabalhos futuros.

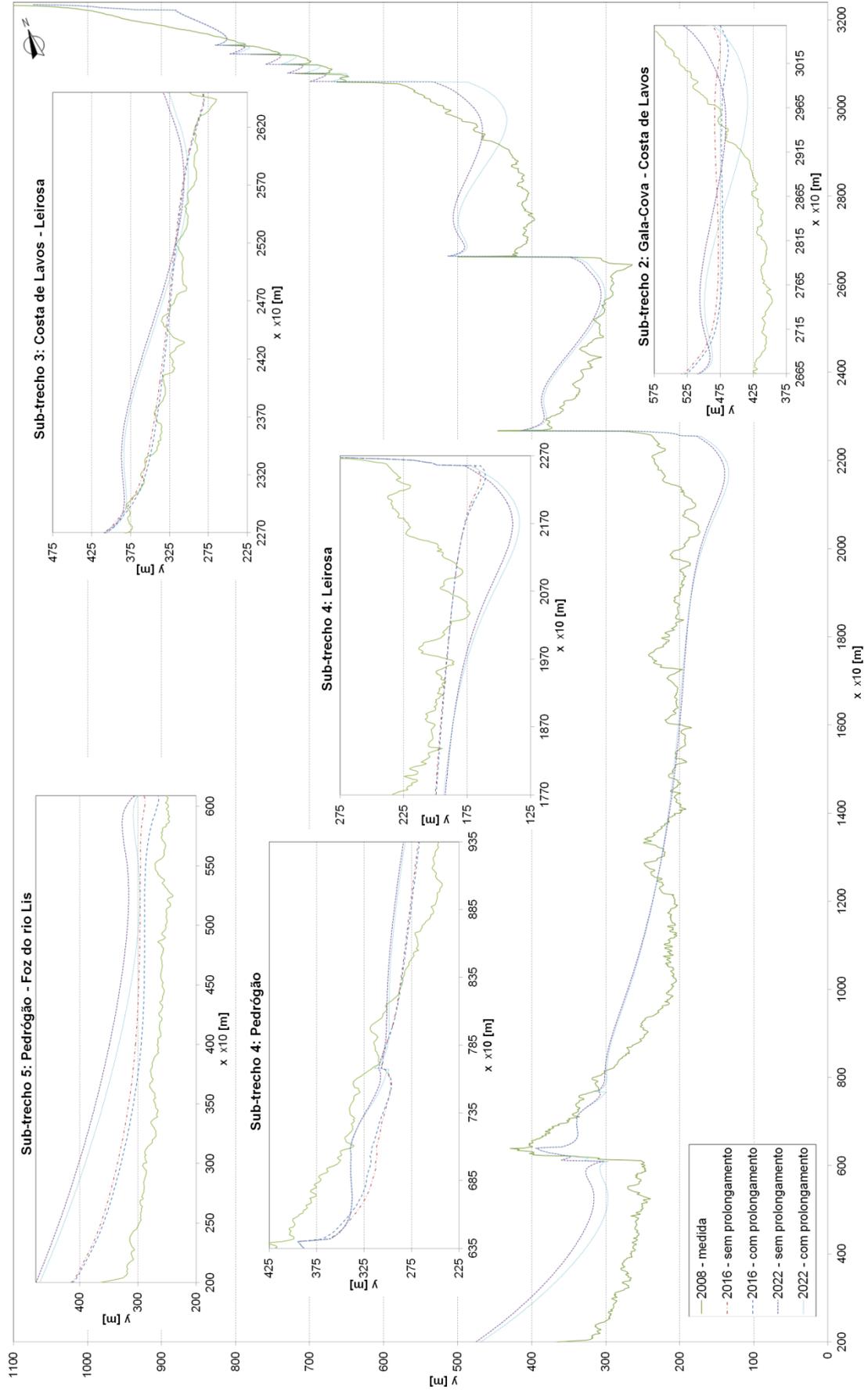


Figura 6.7 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2016 e 2022 (1 julho), obtidas para os cenários com e sem prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego.

## 6.5. Clima de agitação marítima alternativo

Uma vez que a agitação marítima é determinante na evolução da LC, e tratando-se de um fenómeno aleatório, testou-se o efeito de considerar uma série temporal distinta na avaliação do efeito do prolongamento do molhe norte.

Para uma análise baseada na repetição de eventos de onda de um período anual de agitação marítima, considerou-se determinante a ordem de ocorrência dos eventos no sentido de não interromper o comportamento sazonal característico das estações marítimas. Sendo 1994 o ano de em que o transporte sedimentar potencial total médio,  $917\,298\text{ m}^3\cdot\text{ano}^{-1}$ , analisado na Secção 5.2, mais se aproximou da média de Qs Total anual dos 59 anos em estudo, seguido de um ano com Qs Total bastante similar,  $917\,160\text{ m}^3\cdot\text{ano}^{-1}$ , na formação do clima de agitação alternativo adotou-se a repetição da série temporal do período de 1 de outubro de 1994 a 31 de setembro de 1995, considerando-se a transição inverno-verão marítimo a transição sazonal a reter. A **repetição da série anual de agitação marítima com duas estações marítimas completa**, permite preservar a continuidade da tendência sazonal observada na natureza e conseqüentemente as características do efeito gerado, apesar da aleatoriedade que caracteriza estes eventos.

Neste cenário de previsão da evolução da LC com o prolongamento do molhe norte e o clima de agitação marítima alternativo, de acordo com o modelo conceptual adotado e tendo em conta os volumes anuais de dragagens na embocadura ( $350\,000\text{ m}^3$ ) e de retenção na praia da Figueira da Foz (Teixeira, 2006), concluiu-se que o volume sedimentar retirado do sistema anualmente excede a deriva potencial induzida pelo regime de agitação considerado, que se verificou ser  $390\,000\text{ m}^3$ . Assim, na definição da condição de **fronteira norte** para este cenário, considerou-se **fornecimento sedimentar nulo** durante todo o período de previsão.

Apresentam-se na Figura 6.8, juntamente com a LC medida em 2008, as LC numéricas referentes aos anos de 2010, 2014, 2018 e 2022 (1 julho), resultantes da evolução da LC, entre 2008-2022, forçada pelo clima de agitação marítima alternativo. Da análise destes resultados observa-se o seguinte:

- No **sub-trecho 2**, prevê-se acreção a barlamar do ECL e reorientação da LC até 2016, estabilizando e mantendo a sua orientação até ao final do período de previsão;
- No **sub-trecho 3**, a sotamar do ECL prevê-se recuo da LC até 2015, seguido de acreção até 2022, enquanto a barlamar do EL se prevê um avanço da LC, estabilizando em 2015. Espera-se uma reorientação da LC até 2015;
- No **sub-trecho 4**, a sotamar do EL espera-se erosão durante todo o período de previsão, a um ritmo ligeiramente decrescente a partir de 2016, com contínua reorientação da LC. A barlamar de Pedrógão prevê-se um comportamento intercalado de erosão-acreção na costa adjacente, com tendência a estabilizar em 2020, e um avanço crescente da LC mais a norte, até atingir um ritmo constante em 2016;

- A **sotamar do promontório de Pedrógão** prevê-se erosão da LC até 2016, estabilizando na zona adjacente. A acreção verificada a barlamar da embocadura é irrealista devido à dispersão de sedimentos causada pelo caudal líquido proveniente da embocadura do rio Lis, que o modelo não considera.

Estes resultados mostram uma taxa de evolução da LC mais elevada nos primeiros **oito anos**, aproximadamente, à semelhança da previsão da evolução da LC forçada pela agitação marítima de referência. Após este período verifica-se uma **taxa de evolução constante** das zonas mencionadas e uma **estabilização** da LC na restante ZE.

A Figura B.8 do Anexo B apresenta as LC simuladas para os anos de 2016 e 2022 (1 julho) considerando os climas de agitação marítima de referência e alternativo, juntamente com a LC medida em 2008. Os resultados obtidos para os dois cenários ao longo do período em estudo revelam uma **tendência erosiva** a **sotamar** das estruturas bastante **superior** para o **clima de agitação marítima alternativo**, máxima no sub-trecho 4 junto à Leirosa. A **barlamar** das estruturas prevê-se o comportamento oposto, com **acreções** mais **acentuadas** pela incidência do **clima alternativo**, evidentes em toda a ZE, com destaque a norte da Leirosa, no sub-trecho 3. Em suma, é na zona adjacente à **Leirosa** que se verificam as maiores variações devido ao clima de agitação alternativo. Verifica-se ainda que a **zona central** dos **sub-trechos** delimitados por estruturas é mais **estável** em ambos os cenários: constata-se interseção do traçado das LC, cujas diferentes rotações resultam dos balanços sedimentares gerados pelos diferentes climas de agitação marítima.

Desta análise conclui-se também que é a **variabilidade interanual** do clima de agitação marítima, caracterizada na Secção 3.1, que **mitiga** os comportamentos **extremos** gerados pela repetição do mesmo padrão de transporte observados com o clima de agitação marítima alternativo.

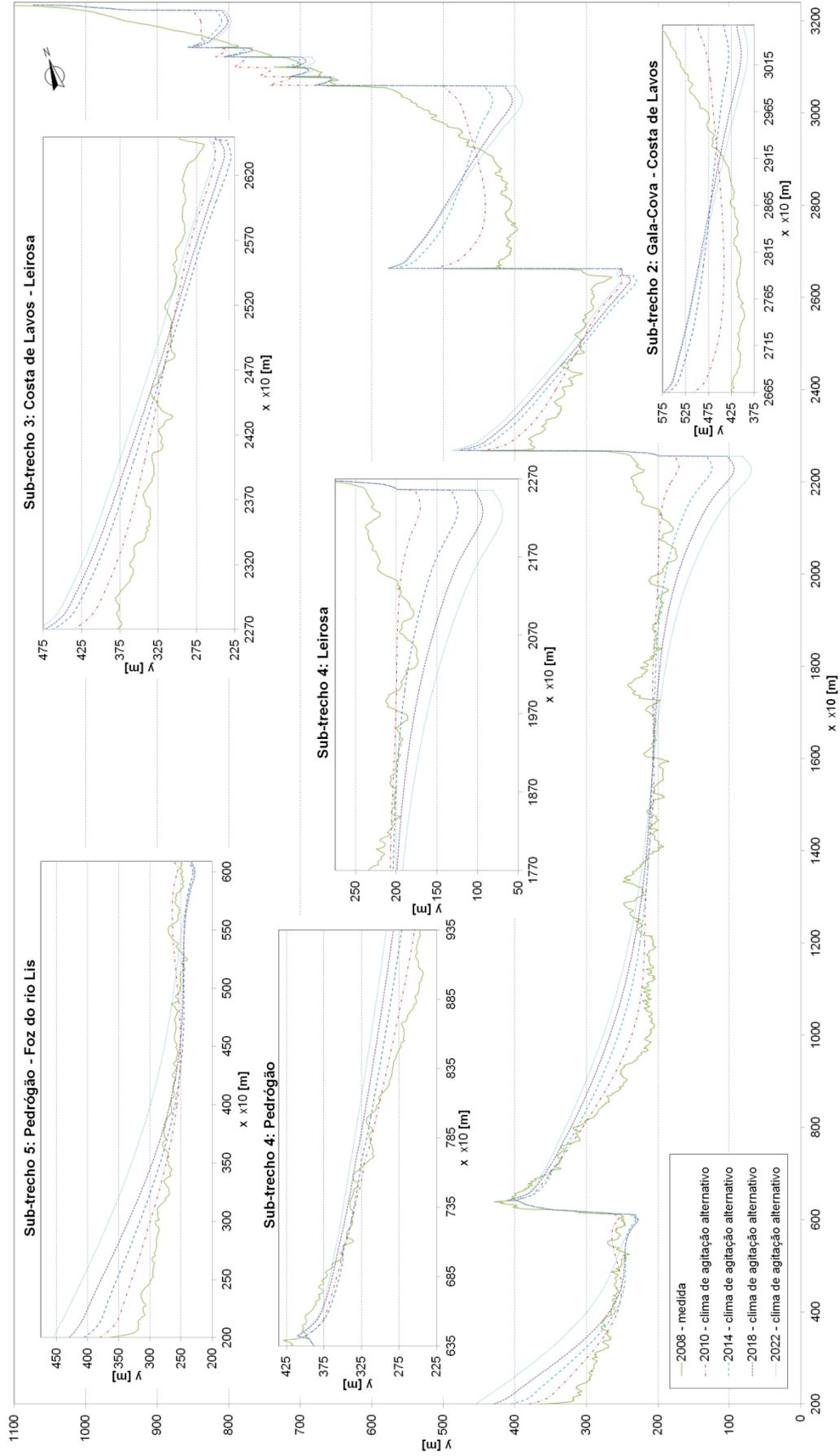


Figura 6.8 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2010, 2014, 2018 e 2022 (1 julho), obtidas para o cenário de prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego e clima de agitação marítima alternativo.

## 7. Considerações finais e recomendações

Esta dissertação, **motivada** pela **erosão** nas praias a sul da embocadura do rio Mondego apontada ao **prolongamento do molhe** norte, cujo impacte se avaliou com recurso a **modelação numérica**, tornou-se também num estudo de avaliação dos fatores que perturbam a dinâmica sedimentar costeira da zona em estudo (ZE) e determinam as suas tendências evolutivas. Sendo o mar (agitação marítima) o principal agente modelador do litoral (geomorfologia), a metodologia adotada para previsão da linha de costa (LC) compreendeu a determinação e análise crítica de parâmetros de caracterização dos processos de dinâmica litoral na ZE e teve em conta o conhecimento já adquirido noutros estudos.

Da **revisão da literatura**, reuniu-se a informação necessária para compreender a dinâmica litoral, incluindo dados geomorfológicos, taxas de recuo da LC e volumes envolvidos em operações de movimentação de areias, fundamentais na definição do modelo conceptual adotado na modelação da evolução da LC.

Da **caracterização da agitação marítima** (1952-2010) concluiu-se que a ZE está sujeita a um regime geral de agitação marítima de **elevada energia** caracterizado por uma **forte sazonalidade**. Com características médias Hs 2.15 m, Dir 299.5°N e Tp 11.6 s, e Hs mais frequente de 1.00-1.50 m associada a Dir 300-310°N e Tp 8-10 s, o regime geral regista eventos máximos com Hs de 13.13 m. Eventos de Hs>5.00 m representaram 3.69% das ocorrências, sendo que Hs>9.50 m ocorreram exclusivamente para Dir 270-290°N e Tp 16-22 s, e os valores médio e máximo de Hs no **inverno/verão** marítimo foram 2.66/1.63 m e 13.13/8.32 m, respetivamente. Da **análise mensal** verificou-se que as médias de Hs e Tp são máximas em janeiro, 3.02 m e 14 s, respetivamente, e mínimas em julho, 1.39 m e 9 s, restringindo-se as médias mensais de Dir a 289-311°N, com as obliquidades extremas, oeste/noroeste (289/311°N), em janeiro/agosto. Da **comparação com outros estudos** concluiu-se que a sazonalidade e anos atípicos influenciam as análises baseadas em períodos restritos e que uma análise baseada numa série temporal de dados de agitação marítima muito longa robustece a representatividade dos parâmetros expostos neste estudo.

Da modelação do **transporte sedimentar longitudinal potencial** concluiu-se sobre a **elevada variabilidade interanual** e **sazonal** desta grandeza e a direção dominante da **deriva** para **sul** (em 46 dos 59 anos em estudo). Obtiveram-se volumes anuais médios de Qs Total e Resultante para sul de 918 e 270 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup> e volumes anuais extremos de Qs Total 578 e 1 500 x10<sup>3</sup> m<sup>3</sup>. Da análise do diagrama de **balanço sedimentar** do ano de Qs Total médio e da **distribuição** de Qs ao longo do **perfil transversal**, concluiu-se que grande parte do volume mobilizado se deve aos eventos com  $H_{rms}$  2.00-5.00 m e Dir 295-305°N e identificaram-se as zonas onde essa mobilização é mais intensa. Da análise à **sazonalidade** concluiu-se que no verão marítimo apenas existe potencial para mobilizar cerca de 60% do volume sedimentar mobilizado no inverno, sendo evidente nas duas estações marítimas a deriva resultante na direção sul. Da análise adicional aos anos de Qs Sul e Qs Norte máximos identificaram-se **extensões da zona ativa** do perfil de praia de 1 500, 2 270 e 1 970 m nos três anos referidos, respetivamente.

Da análise que levou a estas conclusões, **sugere-se** o estudo do transporte longitudinal potencial considerando a granulometria dos sedimentos **variável** ao longo do perfil transversal (sedimento mais grosseiro na face de praia e mais fino na barra submersa), como sugerido nas secções 4.1.1 e 4.1.2, para introduzir uma variação que, embora não existam dados rigorosos na literatura acerca das características dos sedimentos nos locais implicados, aproximará da realidade os resultados obtidos. Recomenda-se também a extensão do estudo da **sazonalidade** do transporte potencial, efetuado para o ano de Qs Total médio, ao período completo dos 59 anos, como referido na Secção 5.2.2.2, para melhor compreensão da evolução da LC junto a estruturas transversais durante a ocorrência de eventos extremos relevantes e a identificação dos fenómenos que os originam (por associação ao regime de agitação marítima).

Na **modelação da evolução da LC**, os procedimentos de **calibração** e **validação** permitiram concluir acerca das limitações do modelo nos extremos da ZE, confirmando a **fragilidade** de um **modelo** deste tipo na previsão da evolução da LC em trechos com alinhamentos desviantes da direção da *baseline* (não retilíneos). Dos resultados de **evolução** obtidos, prevê-se um **efeito erosivo de intensidade variável** que afeta toda a ZE, originando um **recuo generalizado da LC** agravado pelo prolongamento do molhe, que induz posições mais extremas da LC, sendo as zonas mais afetadas pela carência sedimentar a sotamar das estruturas transversais, particularmente a Leirosa. Prevê-se também uma diminuição da intensidade das variações morfológicas da LC com o afastamento ao molhe e conclui-se que os recuos induzidos pelo prolongamento têm uma dimensão inferior aos **recuos** causados pelas **dragagens** realizadas na embocadura do rio Mondego. Da análise ao efeito do clima de agitação marítima alternativo na evolução da LC concluiu-se que a ocorrência de longos períodos com um **padrão regular de agitação marítima** agrava a tendência **erosiva** na ZE.

Estas conclusões apontam para a necessidade de **modelar o impacte das dragagens** realizadas na embocadura do rio Mondego pois sugerem que o seu efeito no **recuo** da LC é bastante **significativo**, independentemente do prolongamento do molhe. Os cenários necessários para avaliar este impacte foram delineados e simulados em parte no decorrer desta dissertação, sendo a sua conclusão e análise uma sugestão de investigação futura. Dada a fragilidade inerente às LC instantâneas, concluiu-se que a análise de **LC médias** é mais adequada na avaliação da **erosão** em estudos de evolução da LC e, por fim, recomenda-se a utilização de uma **série de agitação marítima** baseada em **repetições** do ciclo inverno-verão marítimos em estudos de **proteção costeira**, uma vez que os resultados obtidos demonstram que a sua aplicação causa um comportamento **mais desfavorável** de evolução da LC.

Com este trabalho pretendeu-se **melhorar o conhecimento** da dinâmica litoral na ZE e contribuir para que possam efetuar-se **intervensões** de mitigação da erosão e proteção costeira **mais eficazes**. Constatou-se que para garantir maior robustez à **calibração** de modelos de evolução da LC deste tipo e posteriormente obter **melhores previsões**, para além de ser necessário efetuarem-se mais levantamentos topo-hidrográficos da zona costeira, também há necessidade de avaliar *in situ* o transporte sedimentar através da **monitorização** de parâmetros de hidrodinâmica (e.g. altura de onda, perfil de velocidade na coluna de água) e geomorfologia (e.g. perfil de concentração de sedimentos, formas de fundo) na zona ativa da praia.

## Referências bibliográficas

- Abecasis, F., Castanho, J.P. e Matias, M. F. (1970). *Coastal regime. Carriage of material by swell and currents. Model studies and in situ observations. Influence of port structures. Coastal defence work. Breakwaters*, Memória do LNEC 362, Lisboa, 40 p.
- Abecasis, F., Matias, M.F., Carvalho J.J. e Vera-Cruz, D. (1962). *Methods of determining sand and silt movement along the coast, in estuaries and in maritime rivers*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, *Technical paper* nº186, Lisboa, 25 p.
- Almeida, A.C. (1997). Os efeitos do Inverno de 1995/96 sobre as praias da Figueira da Foz, *IV Encontro sobre riscos naturais urbanos* (Resumos), I.E.G. – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 24 de janeiro de 1997, 1 p.
- Almeida, A.C. e Amaral, V. (1996). A acção do Inverno de 1995/96 sobre as praias da Figueira da Foz, *Cadernos de Geografia*, nº 15, Coimbra, pp 55-60.
- André, J.N. e Cordeiro, M.F.N. (2013). Alteração da linha de costa entre a Figueira da Foz e S. Pedro de Moel após o prolongamento do molhe norte do Mondego, *Actas do VI Congresso Nacional de Geomorfologia*, Coimbra, pp 6-10.
- Bagnold, R.A. (1954). *Experiments on a Gravity-Free Dispersion of Large Solid Spheres in a Newtonian Fluid under Shear*, *Proceedings of the Royal Society (London)*, Ser. A, 225, pp 49-63.
- Bettencourt, P. e Ângelo, C. (1992). Faixa costeira Centro Oeste (Espinho - Nazaré): enquadramento geomorfológico e evolução recente, *Geonovas*, nº especial 1 (A Geologia e o Ambiente), Lisboa, pp 7-30.
- Birkemeier, W.A. (1985). *Field data on seaward limit of profile change*, *Journal of Waterway, Port, Coastal and Ocean Engineering*, Vol. 111, No. 3, pp 598-602.
- Capitão, R.P., Fortes, C.J. e Carvalho, M.M. (1997). Análise da dinâmica costeira do trecho Cabo Mondego – estuário do Mondego, *Erosões em Buarcos*, Estudo de agitação marítima, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Relatório 167/1997 – DHA/NPP, Lisboa, 28 p.
- Carvalho, J.J.R. (1971). Características das ondas na rebentação, (caso de batimetria paralela), Sua aplicação ao transporte sólido litoral, *3<sup>as</sup> Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, pp III-2-1 a III-2-15.
- Carvalho, J.J.R. e Barceló, J. (1966). Agitação marítima na costa Oeste de Portugal Metropolitano – Contribuição para o seu estudo, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Memória nº 290, Lisboa, 34 p.
- Carvalho, J.J.R. e Cordeiro, S. (1961). Ensaios laboratoriais do porto da Figueira da Foz: Estudo dos movimentos aluvionares na costa com o emprego de areias radioactivas, *3º Relatório do Laboratório Nacional de Engenharia Civil*, 2174/61, Lisboa, 35 p.
- CEM (2002). *Coastal Engineer Manual, U.S. Army Corps of Engineers, CEM Part II, Water Wave Mechanics, EM 1110-2-1100*, Washington D.C., EUA, 121 p.
- CERC (1984). *Shore Protection Manual, U.S. Army Corps of Engineers, Coastal Engineering Research Center, U.S. Government Printing Office, Washington D.C., EUA.*

- Cowell, P.J., Hanslow, D.J. e Meleo, J.F. (1999). *The Shoreface. In Handbook of Beach and Shoreface Morphodynamics, John Wiley and Sons, Chichester*, pp 39-71.
- Cunha, P.P. (1999). Erosão no troço costeiro Cabo Mondego - Figueira da Foz: controlos naturais/antrópicos e implicações na gestão o litoral e das adjacentes bacias hidrográficas, *IV Simpósio de Hidráulica e recursos hídricos dos países de língua oficial portuguesa* (Comunicações), Universidade de Coimbra, 22 p.
- Cunha, P.P. e Dinis, J.L. (1998). A erosão nas praias do Cabo Mondego à Figueira da Foz (Portugal centro-oeste), de 1995 a 1998, *Territorium, Revista de Geografia Física aplicada ao ordenamento do território e gestão de riscos naturais*, Editora Minerva, Coimbra, 5, pp 31-50.
- Cunha, P.P., Dinis, J.L. e André, J.N. (1998). Interacção entre as operações de dragagem no Porto da Figueira da Foz e a dinâmica sedimentar no Estuário do Mondego e costa adjacente (Portugal central), *Seminário sobre dragagens, dragados e ambientes costeiros* (Actas), Associação Eurocoast-Portugal (Ed.), Lisboa, pp 27-45.
- Cunha, P.P., Dinis, J.L. e Reis, R.P. (1997). Relatório final do projecto de investigação PEAM/C/GEN/243/93 (Prog. Esp. Ambiente JNICT/DGA), Avaliação das modificações antrópicas actuais nos sub-ambientes sedimentares do Estuário do Mondego, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, (policopiado), 152 p e anexos (151 p e uma carta de sedimentos do estuário).
- Dean, R. G. (1987). *Coastal sediment processes: Toward engineering solutions, Proceedings of Coastal Sediments, American Society of Civil Engineers*, pp 1-24.
- Deigaard, R., Okayasu, A., e Frederiksen, J.H. (1998). *A note on the horizontal momentum exchange in combined waves and current, Coastal Engineering* 34 (3-4), pp 259-275.
- DHI (2014a). *LITDRIFT - Longshore current and littoral drift, User Guide, Danish Hydraulic Institute, Copenhagen, Dinamarca*, 108 p.
- DHI (2014b). *LITLINE - Coastline Evolution, User Guide, Danish Hydraulic Institute, Copenhagen, Dinamarca*, 166 p.
- DHI (2014c). *LITPACK - An integrated modelling system for littoral processes and coastline kinetics, Short introduction and tutorial, Copenhagen, Dinamarca*, 64 p.
- DHI (2014d). *LITSTP - Noncohesive sediment transport in currents and waves, User Guide, Danish Hydraulic Institute, Copenhagen, Dinamarca*, 100 p.
- Dias, J.A., Ferreira, O. e Pereira, A.R. (1994). Estudo sintético de diagnóstico da geomorfologia e da dinâmica sedimentar dos troços costeiros entre Espinho e Nazaré, edição eletrónica (2005): [w3.ualg.pt/~jdias/JAD/ebooks](http://w3.ualg.pt/~jdias/JAD/ebooks).
- Dodet, G., Bertin, X. e Taborda, R. (2010). *Wave climate variability in the North-East Atlantic Ocean over the last six decades, Ocean Modelling*, Vol. 31, pp 120-131.
- Duarte, D.N. e Reis, R.P. (1992). Estudo preliminar da evolução da linha de costa adjacente à embocadura do estuário do Mondego entre 1801 e 1989, Estimações das taxas de acreção e erosão costeiras, *III Congr. Geol. España e VIII Congresso Latinoamericano de Geologia*, 2, pp 146-150, Salamanca.

- Fortunato, A.B., Rodrigues, M., Dias, J.M. e Oliveira, A. (2014). Modelação da inundação costeira na ria de Aveiro, *11º Congresso da água*, Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, Porto, 15 p.
- Fredsøe, J. (1984). *The turbulent boundary layer in combined wavecurrent motion*, *Journal of Hydraulic Engineering, American Society of Civil Engineers*, Vol. 110, No. HY8, pp 103-1120.
- Hallermeier, R.J. (1981). A profile zonation for seasonal sand beaches from wave climate, *Coastal Engineering*, 4, pp 253-277.
- Hedegaard, I.B. e Deigaard, R. (1988). *A Model for Cross-shore Sediment Transport and Coastal Profile Development*, *2nd Symp. on Wave Research and Coastal Engineering*, Hanover, Alemanha.
- Henriques, J.P.V. (2007). *Coastline evolution at the south of the Figueira da Foz Harbor: Application of a mathematical computational model*, Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.
- Horikowa, K. (1988). *Nearshore Dynamics and Coastal Processes: Theory, Measurement, and Predictive Models*, *University of Tokyo Press*, Japão.
- Kamphuis, J.W. (1991). *Alongshore sediment transport rate*. *Journal of Waterways, Port, Coastal and Ocean Engineering, ASCE*, Vol. 117, No. 6, pp 624-641.
- Kamphuis, J.W. (2010). *Introduction to Coastal Engineering and Management, 2nd Edition*, *World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd., Singapore*, ISBN-13 978-981-283-484-3.
- Kamphuis, J.W., Davies, M.H., Nairn, R.B. e Sayao, O.J. (1986). *Calculation of littoral sand transport rate*, *Coastal Engineering*, 10(1), pp 1-21.
- Komar, P.D. e Inman, D.L. (1970). *Longshore sand transport on beaches*, *Journal of Geophysical Research*, 75(30), pp 5514-5527.
- Laranjeiro, S.H.C.D. e Oliveira, F.S.B.F. (2003). *Assessment of the longshore sediment transport at Buarcos beach (West Coast of Portugal) through different formulations*, *Proceedings of CoastGis'03*, Génova, Itália.
- Masselink, G., e Hughes, M.G. (2003). *Introduction to Coastal Processes and Geomorphology*, *Edward Arnold*, Londres, Reino Unido, 354 p.
- Nielsen, P. (1979). *Some Basic Concepts of Wave Sediment Transport*, *Institute of Hydrodynamic and Hydraulic Engineering, Technical University of Denmark, Series Paper 20*.
- Oliveira, F.S.B.F. (2014). Caracterização morfológica do trecho litoral entre as embocaduras dos rios Mondego e Lis, *Laboratório Nacional de Engenharia Civil, DHA/NEC*, Lisboa.
- Oliveira, F.S.B.F. e Brito, F.A. (2015). Evolução da morfologia costeira a sul da embocadura do rio Mondego, de 1975 a 2011, *VIII Congresso sobre Planeamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa*, Universidade de Aveiro, Aveiro, CD-ROM, 15 p.
- Oliveira, I.B.M. (1970). Estudo em modelo reduzido do porto da Figueira da Foz, *5º Relatório do Laboratório Nacional de Engenharia Civil*, 4600/70, Lisboa, 109 p.
- Oliveira, J.N.C., Oliveira, F.S.B.F. e Teixeira, A.A.T. (2016a). Agitação marítima e potencial de transporte sedimentar longitudinal a sul da embocadura do rio Mondego. *Actas das 4ªs Jornadas de Engenharia Hidrográfica*, Instituto Hidrográfico, Lisboa, pp 241-244.

- Oliveira, J.N.C., Oliveira, F.S.B.F. e Teixeira, A.A.T. (2016b). Evolução da linha de costa a sul da embocadura do rio Mondego: modelação do impacte do prolongamento do molhe norte. *Actas das 4<sup>as</sup> Jornadas de Engenharia Hidrográfica*, Instituto Hidrográfico, Lisboa, pp 245-248.
- Oliveira, J.N.C., Oliveira, F.S.B.F., Teixeira, A.A.T. e Bertin, X. (2015). Caracterização da agitação marítima a sul da embocadura do rio Mondego. *3<sup>a</sup> Conferência sobre Morfodinâmica Estuarina e Costeira* (Resumos), Universidade do Algarve, Faro, pp 29-30.
- Raudkivi, A.J. (1988). *The Roughness Height under Waves*, *Journal of Hydraulics Research*, Vol. 26, No. 5.6.
- Rubey, N.W. (1933). *Settling Velocities of Gravel, Sand and Silt Particles*, *Amer. J. of Science*, 5th Series, Vol. 25, No. 148, pp 325-338.
- Santos, F.D., Lopes, A.M., Moniz, G., Ramos, L. e Taborda, R. (2014). Gestão da Zona Costeira – O Desafio da Mudança, Grupo de Trabalho do Litoral, 242 p.
- Simões, J.A.M.P. (1979). Estudo da erosão litoral a sul da embocadura do rio Mondego: Defesa do troço Hospital da Gala-Cova, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Serviço de Hidráulica, Divisão de Portos e Praias, Lisboa, 27 p.
- Simões, J.A.M.P. e Castanho, J.P. (1978). Estudo da erosão litoral a sul da embocadura do rio Mondego, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Serviço de Hidráulica, Divisão de Portos e Praias, Lisboa, 69 p.
- Taborda, R. e Ribeiro, M. (2016). *Shoreline evolution modelling on platform beaches*, *Actas das 4<sup>as</sup> Jornadas de Engenharia Hidrográfica*, Instituto Hidrográfico, Lisboa, pp 265-268.
- Teixeira, A.A.T. (2006). Evolução da Linha Litoral a Sul do Porto da Figueira da Foz – estudos em modelo matemático. Instituto Superior Técnico, CEHIDRO - Grupo de Costas e Portos, Lisboa, 25 p.
- Van Rijn, L.C., Walstra, D.J.R., Grasmeijer, B., Sutherland, J., Pan, S., and Sierra, J.P. (2003). *The predictability of cross-shore bed Evolution of sandy beaches at the time scale of storms and seasons using process-based profile models*, *Coastal Eng.*, 47, pp 295–327.
- Vicente, C. (1990). Evolução Costeira devida a Obras Portuárias: Casos da Praia da Figueira da Foz e da Embocadura da Ria de Aveiro, *1<sup>o</sup> Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz*, Porto, pp 164-177.

Modelação do impacte do prolongamento do molhe norte da  
embocadura do rio Mondego nas praias adjacentes a sul

## Anexo A

*LITPACK* – Sistema de modelos integrados para processos de dinâmica  
litoral



## A. *LITPACK* – Sistema de modelos integrados para processos de dinâmica litoral

O sistema de modelos integrados *LITPACK* é composto por cinco modelos numéricos determinísticos que descrevem os principais processos físicos costeiros (DHI, 2014c). Tem por base um modelo intra-onda, que descreve os processos de transporte não-estacionários ao longo do ciclo da onda, o modelo numérico *Quasi-3D LITSTP*. Integra ainda mais quatro modelos numéricos: um modelo bidimensional no plano vertical (2D-V) para cálculo do transporte sedimentar na componente longitudinal, o modelo *LITDRIFT*; um modelo de evolução da linha de costa baseado no conceito de modelo de 1-linha, o modelo *LITLINE*; um modelo de evolução morfológica do perfil de praia a curto prazo, o modelo *LITPROF*; e um modelo de assoreamento de escavações submersas, o modelo *LITREN*. Com recurso a estes modelos, o sistema é adequado a uma ampla variedade de aplicações no domínio da engenharia costeira.

Todos os modelos, designados por módulos computacionais nos respetivos manuais do utilizador, utilizam uma aproximação determinística que resulta na possibilidade de parametrizar individualmente os processos e assim calibrar adequadamente o modelo para o caso de estudo, ao contrário da maioria dos modelos baseados em formulações empíricas.

Os **módulos computacionais** aplicados neste trabalho foram os seguintes: *LITSTP* – Transporte de sedimentos não-coesivos devido a ondas e correntes; *LITDRIFT* – Correntes longitudinais e deriva litoral; e *LITLINE* – Evolução da linha de costa.

A descrição que se segue para cada módulo computacional é feita com o objetivo de apresentar os principais processos costeiros simulados nas diversas aplicações efetuadas nas várias fases da presente dissertação. Para obter informação mais detalhada relativa ao funcionamento passo-a-passo (*interface do software*) e aos pressupostos científicos (*scientific background*) dos módulos computacionais aplicados, recomenda-se a leitura dos manuais do utilizador intitulados *LITPACK* (DHI, 2014c), *LITSTP* (DHI, 2014d), *LITDRIFT* (DHI, 2014a) e *LITLINE* (DHI, 2014b), disponibilizados juntamente com o *software*.

### A.1. *LITSTP* – *Sediment Transport Module*

O módulo computacional *STP* calcula o transporte de sedimentos não-coesivos sob ação combinada de ondas e correntes. Considera o transporte em duas componentes: o transporte de sedimentos por arrastamento, também denominado por transporte de fundo, e o transporte de sedimentos em suspensão. Apesar de não serem independentes, estas componentes são calculadas separadamente. O caudal total de sedimentos mobilizados e transportados num determinado instante segundo uma direção é então a soma de cada componente nessa direção. Este módulo é integrado em todos os outros módulos do *LITPACK*, constituindo a base para todos os cálculos de transporte sedimentar.

### A.1.1. Formulação científica

Segundo o modelo de camada limite de fundo desenvolvido por Fredsøe (1984), o transporte de sedimentos no fundo, mobilizado pela turbulência e ação das tensões de arrastamento ou atrito, está relacionado com a formação periódica de vórtices nas zonas adjacentes às cristas das rugas. Fora dessa camada limite, a média das velocidades é descrita por um perfil logarítmico, sendo a diminuição da intensidade das correntes médias junto à camada de fundo causada pelo aumento da intensidade da turbulência, efeito expresso através de uma rugosidade aparente  $k_w$ , superior à rugosidade natural do fundo  $k$ .

A base para a descrição do transporte sedimentar por arrastamento é o referido modelo de Fredsøe (1984) para a camada limite de fundo resultante da ação de ondas e correntes, considerando o fenómeno da rebentação. O objetivo do modelo é o cálculo do campo de velocidades instantâneo e das componentes da tensão tangencial instantâneas na base da camada limite. Esta informação permite calcular a distribuição vertical da concentração de sedimentos em suspensão através da equação da dispersão, dependente da viscosidade turbulenta e da velocidade de queda.

#### A.1.1.1. Transporte de fundo

A tensão de corte instantânea junto ao fundo,  $\tau_b(t)$ , também denominada tensão de atrito ou de arrastamento, resultante da ação combinada de ondas e correntes, é responsável pelo transporte sedimentar. Segundo Fredsøe (1984), a sua magnitude e direção instantâneas, ao longo do período de onda  $T$ , resultam da resolução da equação integral da conservação do momento linear segundo a direção da corrente média e a sua direção normal, direções  $x$  e  $y$ , respetivamente, apresentadas nas Equações A.1 e A.2,

$$\int_{z_0}^{\delta_{wc}+z_0} \rho \frac{d}{dt} (u(t) \cos \phi(t) - u_{\infty}(t) \cos \gamma(t)) dz = -\tau_b(t) \cos \phi(t) + \tau_{wc}(t) \quad (\text{Eq. A.1})$$

$$\int_{z_0}^{\delta_{wc}+z_0} \rho \frac{d}{dt} (u(t) \sin \phi(t) - u_{\infty}(t) \sin \gamma(t)) dz = -\tau_b(t) \sin \phi(t) \quad (\text{Eq. A.2})$$

em que os parâmetros intervenientes têm o seguinte significado:  $\delta_{wc}$  - espessura da camada limite ao longo do período da onda;  $z_0$  - parâmetro de rugosidade de fundo;  $\rho$  - massa volúmica da água;  $t$  - instante de tempo;  $u(t)$  - velocidade instantânea do escoamento combinado no interior da camada limite;  $\phi(t)$  - ângulo entre o escoamento instantâneo dentro da camada limite e a corrente média;  $u_{\infty}(t) = u_{bm} \sin(\omega t)$  - velocidade instantânea do escoamento oscilatório puro, em que  $u_{bm}$  corresponde à velocidade orbital máxima fora da camada limite e  $\omega = 2\pi/T$  à frequência angular com período da onda  $T$ ;  $\gamma(t)$  - ângulo entre a direção instantânea das ondas e a direção da corrente permanente;  $z$  - altura em relação ao fundo marinho; e  $\tau_{wc}$  - tensão de corte instantânea associada à corrente fora da camada limite.

O início do transporte sólido por arrastamento tem como critério a curva de Shields, que traduz os resultados experimentais para o conceito de tensão crítica por ele introduzido. O parâmetro de Shields pode ser calculado pela Equação A.3,

$$\theta' = \frac{U_f^2}{(s-1)gd_{50}} \quad (\text{Eq. A.3})$$

onde  $s = \rho_s/\rho$  representa a densidade relativa dos sedimentos, em que  $\rho_s$  é a massa volúmica dos sedimentos,  $\rho$  a massa volúmica da água,  $g$  representa a aceleração da gravidade,  $d_{50}$  o diâmetro mediano dos sedimentos e a velocidade de arrastamento,  $U_f$ , pode ser dada em função da tensão de corte efetiva máxima,  $\tau'_{bm} = \max|\tau'_b(t)|$ , pela Equação A.4.

$$U_f = \sqrt{\tau'_{bm}/\rho} \quad (\text{Eq. A.4})$$

As componentes do transporte médio por arrastamento nas direções x e y, são quantidades médias no tempo,  $\Phi_{b,x}$  e  $\Phi_{b,y}$ , calculadas respetivamente através das Equações A.5 e A.6,

$$\Phi_{b,x} = \frac{1}{T} \int_0^T \Phi_b(\tau'_b(t) \cos \phi(t)) dt \quad (\text{Eq. A.5})$$

$$\Phi_{b,y} = \frac{1}{T} \int_0^T \Phi_b(\tau'_b(t) \sin \phi(t)) dt \quad (\text{Eq. A.6})$$

em que  $\phi(t)$  representa a direção instantânea do movimento fluido,  $\tau'_b$  a tensão de corte efetiva junto ao fundo e  $\Phi_b$  a taxa de transporte de fundo adimensional, dada pela Equação A.7,

$$\Phi_b = \frac{30}{\pi \tan(\phi_m)} (\theta' - \theta_c)(\sqrt{\theta'} - 0.7\sqrt{\theta_c}) \quad (\text{Eq. A.7})$$

onde  $\phi_m$  representa o ângulo de atrito interno,  $\theta'$  o parâmetro de Shields em função da tensão de corte efetiva máxima e  $\theta_c$  o parâmetro de Shields crítico.

Assim, as taxas volumétricas de transporte de fundo segundo as direções x e y,  $q_{b,x}$  e  $q_{b,y}$  respetivamente, são obtidas através das Equações A.8 e A.9.

$$q_{b,x} = \Phi_{b,x} \sqrt{(s-1)gd_{50}^3} \quad (\text{Eq. A.8})$$

$$q_{b,y} = \Phi_{b,y} \sqrt{(s-1)gd_{50}^3} \quad (\text{Eq. A.9})$$

#### A.1.1.2. Transporte em suspensão

O caudal sólido representativo do transporte médio de sedimentos em suspensão,  $q_s$ , é obtido com base na integração do produto da concentração dos sedimentos,  $C$ , pela velocidade média do escoamento nessa direção,  $U$ , como apresentado na Equação A.10 (Hedegaard e Deigaard, 1988),

$$q_s = \frac{1}{T} \int_0^T \int_{2d_{50}}^D CU dy dt \quad (\text{Eq. A.10})$$

sendo o perfil vertical da concentração de sedimentos determinado através da equação vertical de dispersão, Equação A.11,

$$\frac{\partial C}{\partial t} = \frac{\partial}{\partial z} \left[ \varepsilon_s \frac{\partial C}{\partial z} \right] + w_s \frac{\partial C}{\partial z} \quad (\text{Eq. A.11})$$

em que se toma para o coeficiente de difusão turbulenta dos sedimentos,  $\varepsilon_s$ , o valor do coeficiente de viscosidade turbulenta do escoamento, e onde  $w_s$  representa a velocidade de queda dos sedimentos, obtida pela Equação A.12 (Rubey, 1933), válida para qualquer fração de sedimentos com diâmetro representativo  $d_i$ ,

$$w_s = \sqrt{g(s-1)d_i} \left[ \left( \frac{2}{3} + \frac{36\nu^2}{g(s-1)d_i^3} \right)^{\frac{1}{2}} - \left( \frac{36\nu^2}{g(s-1)d_i^3} \right)^{\frac{1}{2}} \right] \quad (\text{Eq. A.12})$$

onde  $\nu$  é a viscosidade cinemática dada pela Equação A.13, considerando a temperatura  $T$  em graus celsius.

$$\nu = (1.78 - 0.0570812T + 0.0570812T^2 - 8.27141 \times 10^{-6}T^3) \times 10^{-6} \quad (\text{Eq. A.13})$$

A condição de fronteira para a concentração de sedimentos em suspensão na base da camada limite,  $C_b$ , é imposta no nível de referência  $Z = 2d_{50}$ . Os valores de  $C_b$  são determinados em função de  $\theta'$ , utilizando as considerações dinâmicas de Bagnold (1954), que supõe necessária uma determinada concentração de sedimentos na vizinhança do fundo para, através da interação grão-a-grão, possibilitar a transferência das tensões de arrastamento para o fundo.

A concentração  $C_b$  só é válida para o caso de fundos planos, i.e., sem rugas, o que ocorre para valores de  $\theta'$  ligeiramente superiores a 0.8. Para valores de  $\theta'$  inferiores, verifica-se a existência de formas de fundo irregulares que levaram à necessidade de efetuar modificações ao nível da dispersão, da concentração de fundo e da rugosidade de fundo, para que o modelo de transporte de sedimentos tenha em conta o efeito das rugas. Os valores de  $C_b$  e de  $\varepsilon_s$  são baseados directamente em medições de laboratório levadas a cabo por Nielsen (1979), enquanto a rugosidade é expressa por Raudkivi (1988) através das dimensões das rugas. O modelo de transporte de sedimentos converge gradualmente para uma descrição de fundo plano com aumento das tensões de arrastamento ou da velocidade média do escoamento.

As equações são resolvidas através de métodos de interpolação e de diferenças finitas utilizando variáveis temporais definidas numa malha intercalada no período da onda e variáveis espaciais definidas numa malha vertical não-equidistante.

O *LITSTP* também possibilita a resolução da equação vertical da dispersão para ondas assimétricas, incluindo os efeitos do fluxo Lagrangiano, correntes de circulação junto à camada limite e correntes induzidas por diferenças de densidades.

## A.2. *LITDRIFT – The Longshore Current and Littoral Drift Module*

O módulo computacional *LITDRIFT* combina o *LITSTP* com um modelo hidrodinâmico para obter uma descrição detalhada da distribuição do transporte sedimentar longitudinal ao longo de um perfil de praia. É uma ferramenta de grande utilidade para a análise do balanço sedimentar em estudos de evolução morfológica baseados nos processos costeiros.

Este módulo computacional considera ondas regulares ou irregulares, o efeito da dispersão direcional e a reformulação das ondas já rebentadas, podendo ser aplicado em perfis de praia complexos com barras longitudinais. Sendo um modelo 2D-V, assume que as condições são uniformes ao longo da linha de costa (LC). Tem ainda em conta o nível do mar, correntes de maré, tensões de atrito devidas ao vento, refração e empolamento das ondas e a distribuição granulométrica dos sedimentos de fundo.

O *LITDRIFT* possibilita, também, a transferência de um clima de agitação do largo para um determinado ponto do perfil mais próximo da costa, através do módulo *Transfer Wave Climate*, gerando como *output* um ficheiro de *annual wave climate* que pode ser utilizada como *input* no próprio *LITDRIFT* ou no *LITSTP*.

### A.2.1. Formulação científica

O módulo computacional *LITDRIFT* inclui, no seu modelo hidrodinâmico, uma descrição de propagação, empolamento e rebentação de ondas, com cálculo das forças geradoras de correntes devidas aos gradientes das tensões de radiação, e equilíbrio de momento para as direções longitudinal e transversal, resultando na sobrelevação do nível do mar induzida pela rebentação das ondas e nas velocidades de correntes longitudinais.

A Equação A.14, para o equilíbrio de momento na direção paralela à costa, determina o perfil de velocidades das correntes longitudinais, sendo a relação entre a velocidade de correntes longitudinais,  $u$ , e a tensão de arrastamento devida às correntes longitudinais,  $\tau_b$ , a estabelecida pelo modelo de Fredsøe (1984).

$$\tau_b - \frac{d}{dy} \left[ \rho E D \frac{du}{dy} \right] = - \frac{ds_{xy}}{dy} + \tau_w + \tau_{cur} \quad (\text{Eq. A.14})$$

Em que  $E$  representa o coeficiente de transferência de momento,  $D$  a profundidade,  $y$  a coordenada na direção normal à LC,  $s_{xy}$  a componente tangencial das tensões de radiação, e  $\tau_w$  e  $\tau_{cur}$  as forças geradoras devidas ao vento e às correntes, respetivamente.

As equações são resolvidas através de métodos de diferenças finitas utilizando variáveis espaciais definidas numa malha intercalada horizontal equidistante.

Após a computação das correntes longitudinais, os cálculos de transporte sedimentar são realizados automaticamente pelo módulo computacional *LITSTP* ao longo do perfil, de forma a refletir as condições locais de dissipação de energia, a percentagem de ondas que não rebentam e as alturas quadráticas médias das ondas (Deigaard *et al.*, 1998). Os resultados do transporte longitudinal total em cada ponto são subsequentemente integrados na direção do perfil, obtendo-se uma estimativa do transporte longitudinal no período de estudo em toda a extensão da zona ativa do perfil de praia considerado.

### A.2.2. Input e output

Como *input*, o *LITDRIFT* requer: i) em cada ponto da malha: profundidade, rugosidade do fundo e parâmetros de caracterização sedimentológica (dimensão, densidade, velocidade de queda e distribuição geométrica das partículas de sedimento); ii) à entrada do perfil: nível do mar; velocidade da corrente e parâmetros de caracterização das ondas: altura, período e direção da onda incidente; e iii) definição dos parâmetros de cálculo.

Para a modelação do transporte sedimentar efetuada no Capítulo 5 desta dissertação, a vertente de análise da deriva anual (*annual sediment drift*) do modelo *LITDRIFT* requer a inserção dos vários

parâmetros de representação do clima de agitação marítima e das condições geomorfológicas e topo-hidrográficas características da zona de estudo (ZE), descritos nos respetivos capítulos. Estes parâmetros são inseridos no modelo através dos ficheiros *annual wave climate* e *cross-shore profile*, a definir na Secção A.4. O processo de criação do *setup* para qualquer simulação requer a indicação da direção normal à orientação da LC, 289.5°N, e de parâmetros adicionais relativos às condições de ondas e sedimentos: para a descrição espectral das ondas utilizou-se a distribuição de Rayleigh, com o parâmetro adicional de número de ondas de 50, incluindo o cálculo do *wave setup* e parâmetros de rebentação implícitos, com fator de dissipação 1; na descrição sedimentológica considerou-se uma distribuição uniforme do grão e a existência de rugas de fundo com os parâmetros de descrição C1=0.1, C2=2, C3=16 e C4=3; relativamente aos parâmetros de transporte de sedimentos, consideraram-se os valores de 2.65, 0.045 e 0.4, respetivamente, para a densidade relativa dos sedimentos, o valor crítico do parâmetro de Shields e a porosidade dos sedimentos; para os parâmetros de cálculo dos sedimentos, considerou-se a teoria de onda de Stokes de 1ª ordem, com 140 passos de cálculo por período, num máximo de 1000 períodos e com uma tolerância de 0.001, incluindo-se os termos convectivos e uma descrição da concentração de fundo determinística; e não se considerou nas simulações a existência de correntes adicionais paralelas à LC nem a ação do vento. Consideraram-se os valores padrão recomendados na ausência de informação relativa à ZE, uma vez que estes valores pré-definidos resultam de testes efetuados pelos modeladores com os vários parâmetros para uma alargada gama de condições de ambiente costeiro.

Como *output*, através do *LITDRIFT* obtém-se a distribuição no perfil transversal das séries temporais dos parâmetros nível do mar, corrente longitudinal, altura e direção de onda, transporte sedimentar de fundo e em suspensão, transporte total e transporte total acumulado.

Os ficheiros que resultam da análise da deriva anual são dois: um ficheiro de balanço sedimentar do transporte anual ao longo do perfil e um ficheiro de série temporal com os principais parâmetros utilizados como *input* e as taxas transporte obtidas para cada evento na série temporal de *input*.

O ficheiro de balanço sedimentar do transporte anual ao longo do perfil é composto pelos seguintes 7 itens: 0) Batimetria [m]; 1) Deriva sedimentar líquida ou resultante (*net sediment drift*) [ $\text{m}^3/\text{ano}/\text{m}$ ]; 2) Deriva sedimentar bruta ou total (*gross sediment drift*) [ $\text{m}^3/\text{ano}/\text{m}$ ]; 3) Deriva sedimentar na direção norte (positiva), +ve [ $\text{m}^3/\text{ano}/\text{m}$ ]; 4) Deriva sedimentar na direção sul (negativa), -ve [ $\text{m}^3/\text{ano}/\text{m}$ ]; 5) Deriva sedimentar líquida acumulada (*accumulated net drift*) [ $\text{m}^3/\text{ano}$ ]; e 6) Deriva sedimentar bruta acumulada (*accumulated gross drift*) [ $\text{m}^3/\text{ano}$ ].

Note-se que a duração dos eventos é expressa em % de um ano porque o período de simulação é, por omissão, um ano. O termo [ $\text{m}^3/\text{ano}/\text{m}$ ] deve na realidade ser interpretado como [ $\text{m}^3/\text{período de simulação}/\text{m}$ ]. É também apresentada alguma terminologia relevante em inglês para um melhor entendimento das figuras que resultam da aplicação dos módulos computacionais, integralmente em inglês.

A série temporal que constitui o segundo ficheiro de *output* é composta pelos seguintes itens: 1) Duração do evento de onda [% do ano]; 2) Altura de onda,  $H_{rms}$  [m]; 3) Direção de onda [°N];

4) Nível do mar [m]; 5) Velocidade da corrente [m/s]; 6) Deriva sedimentar (*sediment drift*)  $Q_s$  [m<sup>3</sup>/s]; e 7) Deriva sedimentar normalizada (*normalized*  $Q_s$ ) [m<sup>3</sup>]; e 8) Deriva sedimentar acumulada (*Accumulated*  $Q_s$ ) [m<sup>3</sup>].

É também possível obter um output mais extenso, incluindo um ficheiro denominado *sediment budget rose*, uma pseudo-série temporal que tem como finalidade o traçado de gráfico de tipo histograma circular (*rose*), o diagrama de balanço sedimentar, ilustrativo da taxa de transporte sedimentar anual. Este ficheiro consiste nos seguintes itens: 1) Altura de onda,  $H_{rms}$  [m]; 2) Direção de onda [°N]; 3) Período de onda,  $T_z$  [s]; 4) Nível do mar [m]; 5) Velocidade da corrente [m/s].

O esquema apresentado na Figura A.1 ilustra os principais processos e parâmetros do módulo computacional *LITDRIFT*.

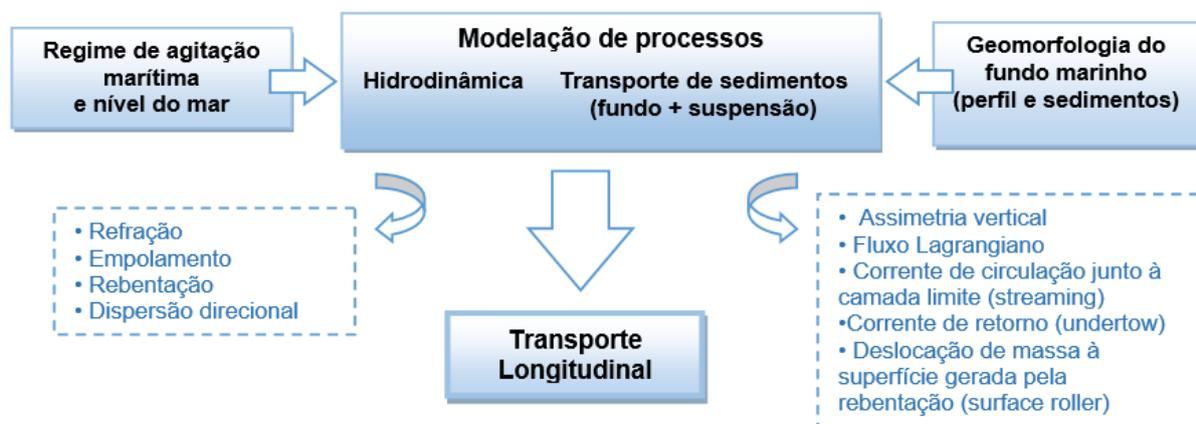


Figura A.1 – Representação do algoritmo do módulo computacional *LITDRIFT*.

### A.3. *LITLINE – The Coastline Evolution Module*

O módulo computacional *LITLINE* é uma ferramenta de grande utilidade para projetos de engenharia costeira em que se pretende analisar e prever a evolução da linha de costa.

Com base nos resultados do módulo computacional *LITDRIFT*, o *LITLINE* simula a resposta da LC aos gradientes de transporte sedimentar longitudinal provocados por características naturais do local de estudo, tais como a variabilidade longitudinal do regime de agitação marítima, estruturas costeiras transversais e longitudinais e fontes e sumidouros de sedimentos.

Este módulo permite considerar as seguintes estruturas: esporões, molhes, defesas costeiras aderentes e quebra-mares destacados. No caso de molhes e quebra-mares destacados o efeito da difração das ondas na evolução da LC é considerado através da parametrização dos efeitos do fenómeno.

### A.3.1. Formulação científica

A formulação base do *LITLINE* assenta na equação da continuidade aplicada ao volume sedimentar, Equação A.15,

$$\frac{\partial y_c}{\partial t} = -\frac{1}{h_{act}} \frac{\partial Q}{\partial x} + \frac{Q_{sou}}{h_{act} \Delta x} \quad (\text{Eq. A.15})$$

em que  $y_c$  representa a distância da linha de base à LC,  $h_{act}$  a altura activa do perfil transversal de praia (apresentada na Secção 6.2.2: Parametrização do modelo *LITLINE*),  $Q$  o transporte sedimentar longitudinal expresso em volume,  $x$  a posição longitudinal,  $\Delta x$  o passo de discretização longitudinal e  $Q_{sou}$  o termo de fontes/sumidouros expresso em volume/ $\Delta x$ .

Nos modelos numéricos de evolução de LC, a equação governante (Equação A.15) é convertida na forma de diferenças finitas (Equações A.16 e A.17), utilizando a representação típica em malha intercalada, ilustrada na Figura A.2, onde  $i$  denota o número da célula. Na Equação A.16,  $\Delta t$  representa o passo temporal e  $\lambda$  ( $0 \leq \lambda \leq 1$ ) um parâmetro seleccionado para o esquema numérico implícito (Kamphuis, 2010). No modelo *LITLINE* é utilizada uma formulação explícita, portanto do tipo da Equação A.17, onde  $q$  identifica o termo de fontes/sumidouros referido acima.

$$\frac{y'_i - y_i}{\Delta t} = \lambda \left( \frac{\partial y}{\partial t} \right)_i + (1 - \lambda) \left( \frac{\partial y}{\partial t} \right)_i \quad (\text{Eq. A.16})$$

$$\left( \frac{\partial y}{\partial t} \right)_i = -\frac{1}{h_{act}} \left( \frac{Q_{i+1} - Q_i}{\Delta x} - q_i \right) \quad (\text{Eq. A.17})$$

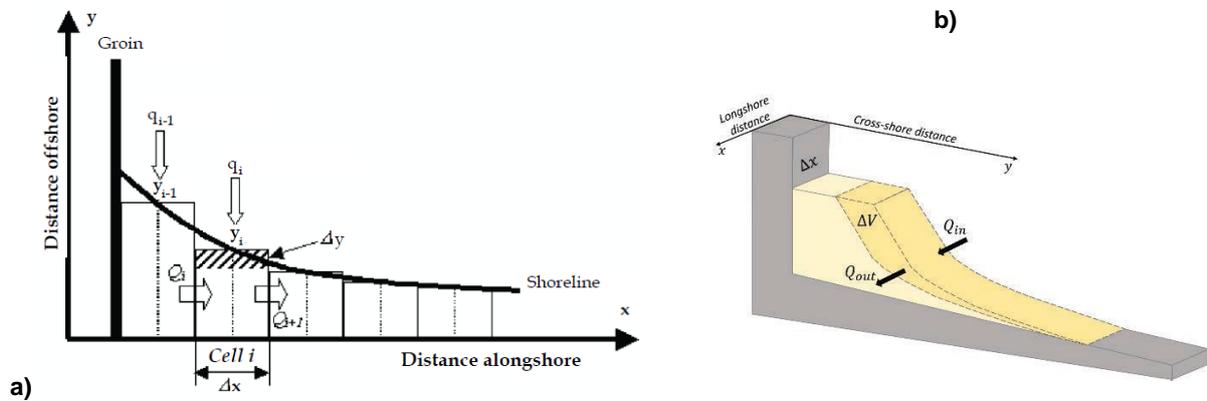


Figura A.2 – Definição da conservação de volume sedimentar para evolução da linha de costa numa secção de controlo, retirado de: a) Horikowa (1988), b) Taborda e Ribeiro (2016).

As alterações causadas no transporte sedimentar por estruturas costeiras são modeladas através da introdução das condições de fronteira internas apropriadas. Além de constituírem um bloqueio ao transporte, as estruturas de dimensões consideráveis alteram a formulação do transporte na sua vizinhança devido ao efeito de protecção criado, automaticamente incluído através da introdução de relações de transporte modificadas nas proximidades da estrutura. Como referido acima, a influência dos fenómenos de difração das ondas na presença de molhes e quebra-mares é também incluída.

### A.3.2. *Input e output*

Como *input* de base, o *LITLINE* requer: i) alinhamento longitudinal relativo da LC juntamente com propriedades dunares, descrição do perfil, profundidade local e declive de fundo em cada ponto da malha; ii) batimetria do perfil transversal de praia e parâmetros de caracterização da geomorfologia do fundo marinho; iii) base de dados com os parâmetros de caracterização das ondas (altura, período e direção da onda incidente), correntes e níveis do mar; iv) posição e dimensões das estruturas existentes; v) posição e magnitude das fontes/sumidouros; vi) base de dados das taxas de transporte (tabelas previamente geradas com recurso à ferramenta *LINTABL*); e vii) definição dos parâmetros de cálculo.

Como principal *output*, os resultados da simulação levada a cabo pelo *LITLINE* são a posição da LC, as taxas de transporte sedimentar longitudinal e também a profundidade adjacente às defesas longilitorais, caso existam. Também é fornecido o volume acumulado de material depositado e transferido por *bypass*.

O esquema apresentado na Figura A.3 ilustra os principais processos e parâmetros do módulo computacional *LITLINE*.

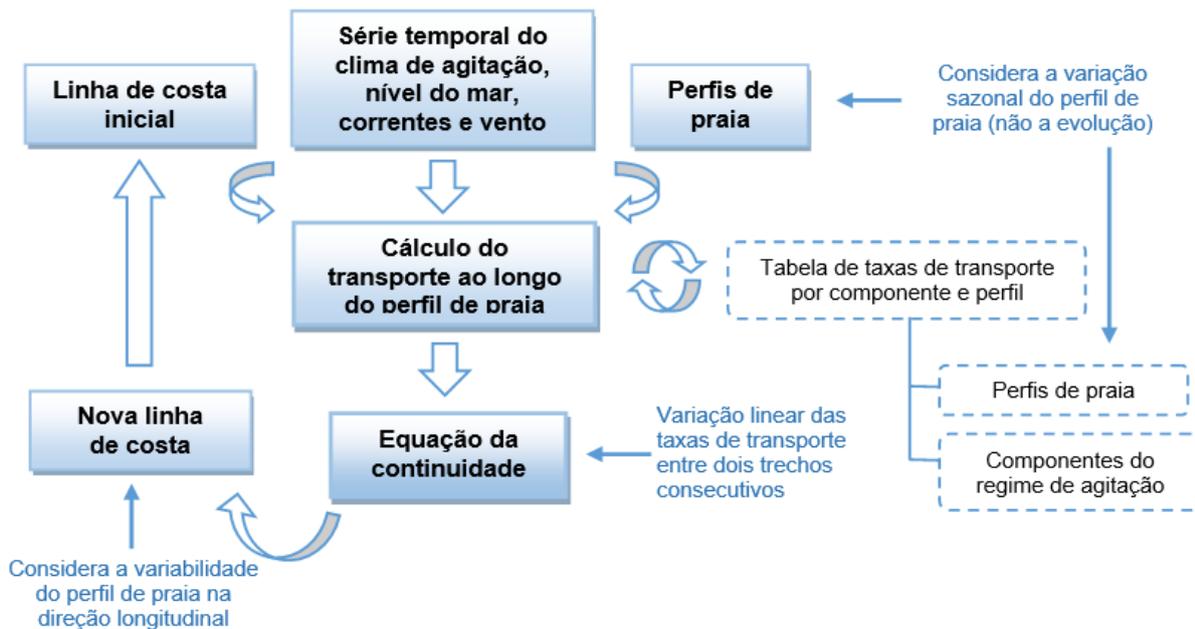


Figura A.3 – Representação do algoritmo do módulo computacional *LITLINE*.

## A.4. Conversão dos principais dados coligidos em ficheiros de *input*

### A.4.1. *Cross-shore Profile*

O ficheiro que fornece a informação geomorfológica ao longo do perfil transversal de praia considerado como representativo do trecho de costa em estudo para os módulos *LITPACK* é denominado por ficheiro *cross-shore profile*.

O perfil transversal de praia tem a sua origem à profundidade em que se dispõe do clima de agitação marítima e deve estar contido num transepto perpendicular à LC. O ficheiro *cross-shore profile* é composto por um conjunto de 5 itens:

- 1) Topo-hidrografia [m]; 2) Rugosidade de fundo [m]; 3) Diâmetro mediano do grão,  $d_{50}$  [mm];
- 4) Velocidade de queda,  $w_s$  [m/s]; 5) Dispersão geométrica ( $\sqrt{d_{84}/d_{16}}$ ).

A topo-hidrografia é a correspondente ao perfil representativo do trecho de costa em estudo, apresentado na Secção 4.1, onde se apresenta também o diâmetro médio do grão,  $d_{50}=0.3$  mm. O valor da rugosidade de fundo utilizado é o valor padrão recomendado pelos modeladores,  $k=0.004$  m, pois trata-se de um parâmetro que será definido através da calibração do modelo de evolução da LC ao qual se faz referência na Secção 6.3. A velocidade de queda,  $w_s=0.3856$  m/s, obteve-se através da calculadora integrada no módulo computacional *LITSTP*, a partir dos valores de  $d_{50}=0.3$  mm, da temperatura anual média da água,  $T = 15^\circ\text{C}$ , e da densidade relativa dos sedimentos, i.e. a densidade dos sedimentos relativamente à água, de valor 2.65, correspondendo à areia de quartzo. O valor de 1.3 considerado para a dispersão geométrica é também o valor padrão recomendado, pois a experiência mostra que valores de dispersão arbitrados, quando não se dispõe de informação ou de medições de amostras de campo quanto ao  $d_{16}$  e ao  $d_{84}$ , podem resultar em valores muito irrealistas no cálculo do valor da capacidade de transporte sedimentar. No entanto, com base nos valores de diâmetros representativos ilustrados anteriormente na Secção 4.1, constata-se que, para os valores de  $d_{16}=0.30$  mm e  $d_{84}=0.65$  mm, o valor da dispersão geométrica resultante não difere muito do valor adotado, sendo  $\sqrt{d_{84}/d_{16}}=1.47$ .

#### A.4.2. *Annual Wave Climate*

Os parâmetros de caracterização das ondas, correntes e vento, atuantes durante o período de tempo em análise, são descritos no ficheiro denominado *annual wave climate*, constituindo o *input* de condições de hidrodinâmica indispensável aos módulos computacionais *LITDRIFT* e *LITLINE*.

A série temporal de condições de hidrodinâmica é descrita neste ficheiro através de 15 itens:

- 1) Duração do evento de onda [% do ano]; 2) Altura de onda,  $H_{rms}$  [m]; 3) Direção de onda [°N]; 4) Número do perfil; 5) Período de onda,  $T_z$  [s]; 6) Profundidade de referência para a altura de onda [m]; 7) Profundidade de referência para a direção de onda [m]; 8) Nível médio do mar [m]; 9) Descrição espectral das ondas; 10) Fator de dispersão; 11) Velocidade da corrente [m/s]; 12) Ponto de referência para a corrente; 13) Velocidade do vento [m/s]; 14) Direção do vento [°N]; 15) Coeficiente de atrito do vento.

Como dados de base para a construção do ficheiro tipo *annual wave climate*, utilizaram-se os parâmetros descritos anteriormente na caracterização da agitação marítima, na Secção 3.1.

Dispondo-se de leituras a cada 6 horas, o passo temporal que o modelo utiliza é definido para cada evento através a duração anual a colocar na primeira coluna, que tem o valor  $6/8760 \times 100 = 0.0684932$  [% h/ano], sempre especificada em termos de percentagem anual.

Na coluna referente à altura de onda, foi inserida a série de altura média quadrática,  $H_{rms}$ . Considerou-se a seguinte relação com o parâmetro altura significativa (Equação A.18) (CEM, 2002).

$$H_{rms} = \frac{H_s}{\sqrt{2}} \quad (\text{Eq. A.18})$$

Para a direção de onda utilizaram-se os valores de direção média incidente, após a correção dos dados limitando a obliquidade das ondas ao intervalo ]200, 19[°N. Fez-se a transferência do clima de agitação marítima do largo para a batimétrica -14 m ZH, com recurso ao módulo *Transfer Wave Climate* presente no *LITDRIFT*.

O número do perfil identifica o ficheiro *cross-shore profile* que contém o perfil representativo selecionado de acordo com a análise efetuada na Secção 4.1.

O parâmetro período de onda, representado no modelo pelo período médio de zero ascendente  $T_z$ , obteve-se a partir do período de pico  $T_p$ , pela relação apresentada na Equação A.19, utilizada tipicamente apesar de existir uma grande variabilidade para o fator que relaciona  $T_z$  e  $T_p$ , dependendo do espectro de onda considerado, e.g. Pierson-Moskowitz utiliza o fator 1.41 e JONSWAP (com parâmetro de elevação do pico:  $\gamma=3.3$ ) utiliza 1.286.

$$T_p = 1.408 T_z \quad (\text{Eq. A.19})$$

As profundidades de referência para todos os parâmetros correspondem à profundidade à qual se inicia o perfil e para a qual se transferiu o clima de agitação, a batimétrica -14 m ZH.

A série de valores para o nível do mar obteve-se como explicado na Secção 3.2.

A descrição espectral das ondas adotada é do tipo 2: ondas irregulares com distribuição de Rayleigh, em que as ondas são descritas como uma série de grupos de ondas regulares, cada um caracterizado pela sua altura de onda e frequência de ocorrência. O facto de o período utilizado ser  $T_z$  deriva da escolha da distribuição espectral de Rayleigh.

Para o fator de dispersão, que representa o decréscimo nas tensões de radiação devido à dispersão direcional das ondas, utilizou-se o valor de 0.5 aconselhado pelos manuais do *LITPACK* (DHI, 2014c), sendo que 0.8 representa um mar unidirecional e 0.35 representa um mar direccionalmente complexo.

Não se considerou a ação do vento ou outras correntes marítimas, que não as induzidas pelas ondas na rebentação. No entanto, é interessante constatar que no *annual wave climate file* transferido para -14 m ZH já se encontram valores não nulos na coluna referente à velocidade da corrente, pois de -37 m ZH até esta profundidade verifica-se a rebentação de algumas ondas de altura mais elevada e as correntes por ela induzidas.



# Modelação do impacte do prolongamento do molhe norte da embocadura do rio Mondego nas praias adjacentes a sul

## Anexo B

### Elementos Adicionais

- Agitação marítima (Secção 3.1)
- Perfil de praia e sedimentos (Secção 4.1)
- Análise de sensibilidade (Secção 5.1)
- Clima de agitação alternativo (Secção 6.5)



## B. Elementos adicionais

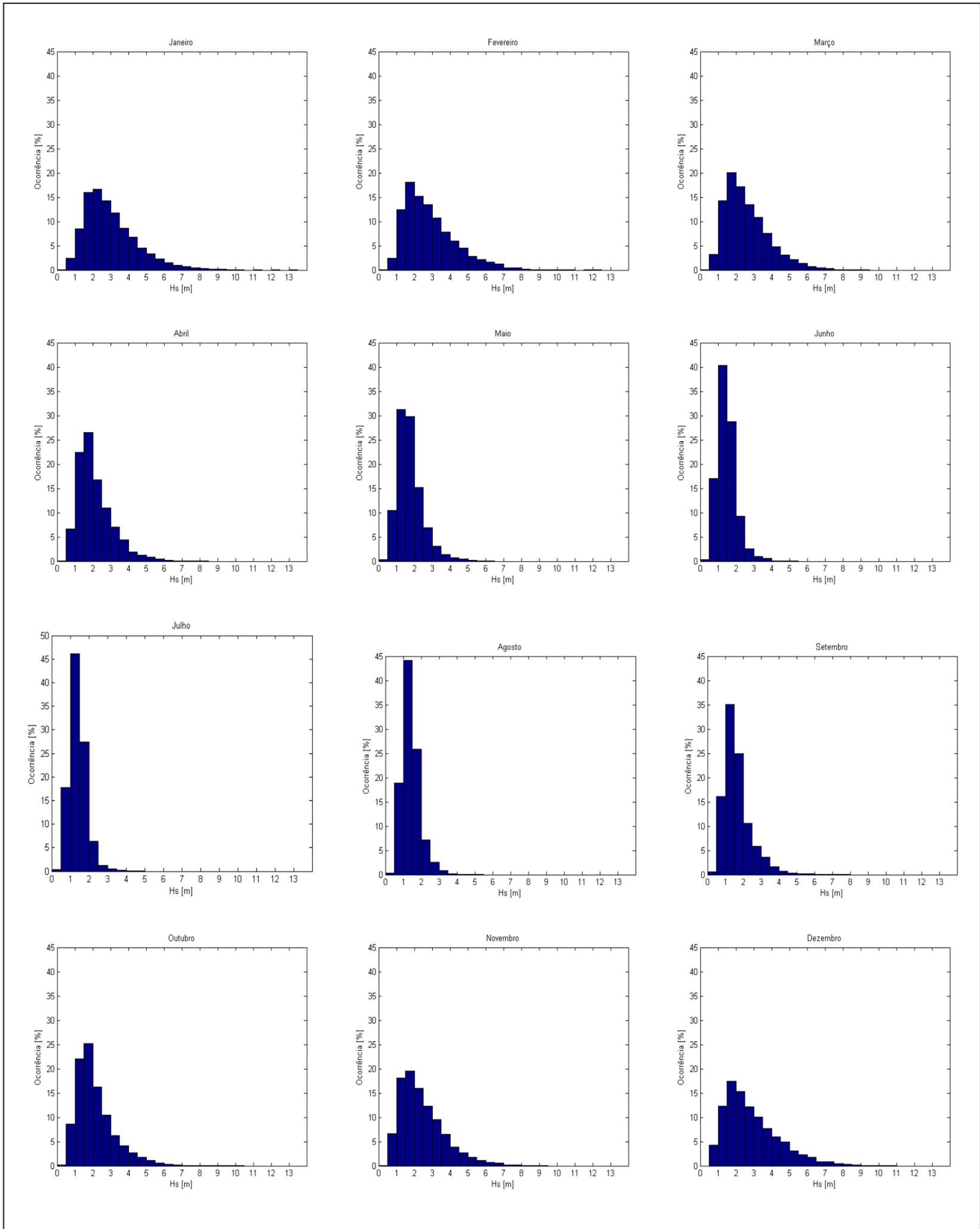


Figura B.1 – Histogramas mensais de Hs relativos ao clima de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

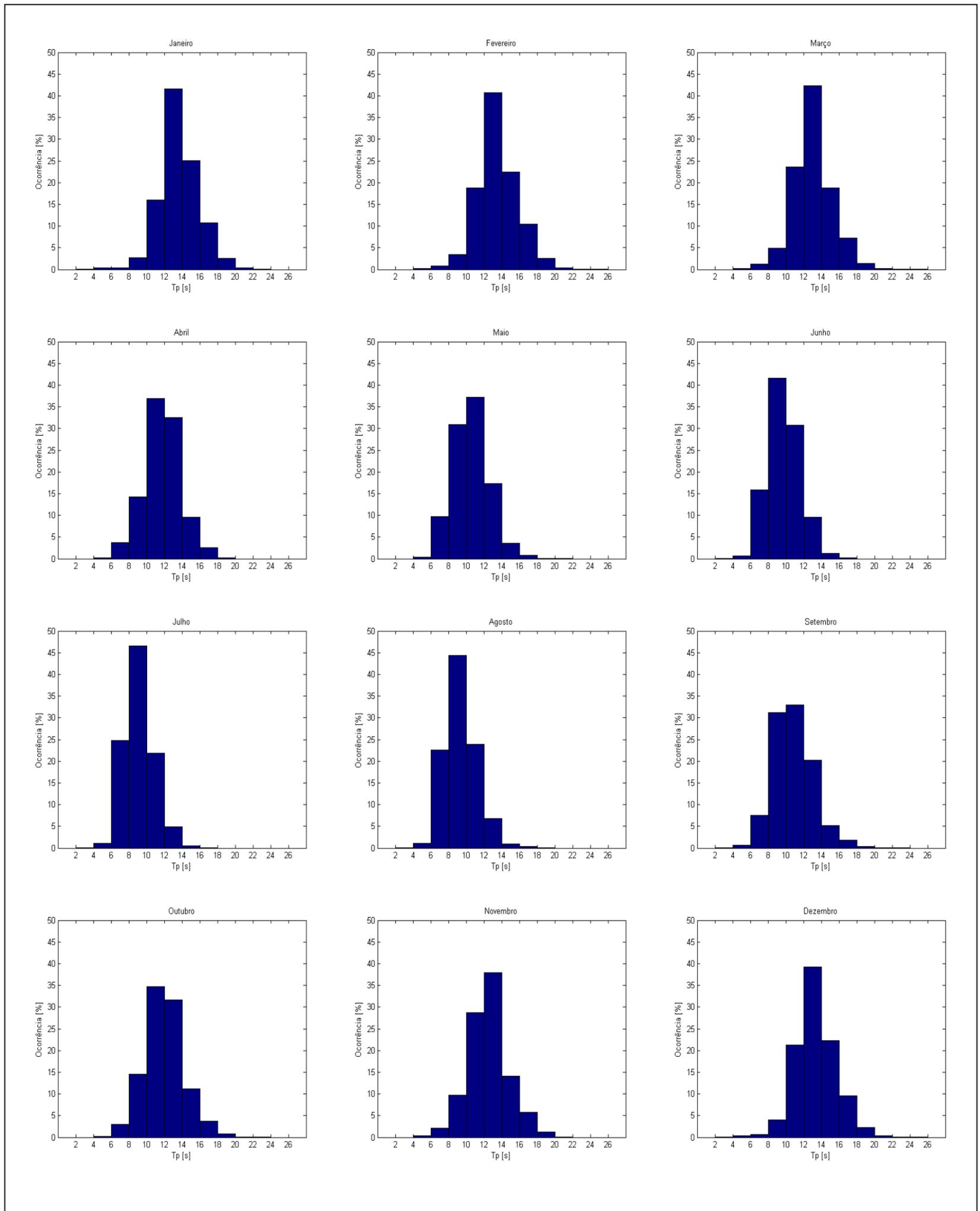


Figura B.2 – Histogramas mensais de Tp relativos ao clima de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.

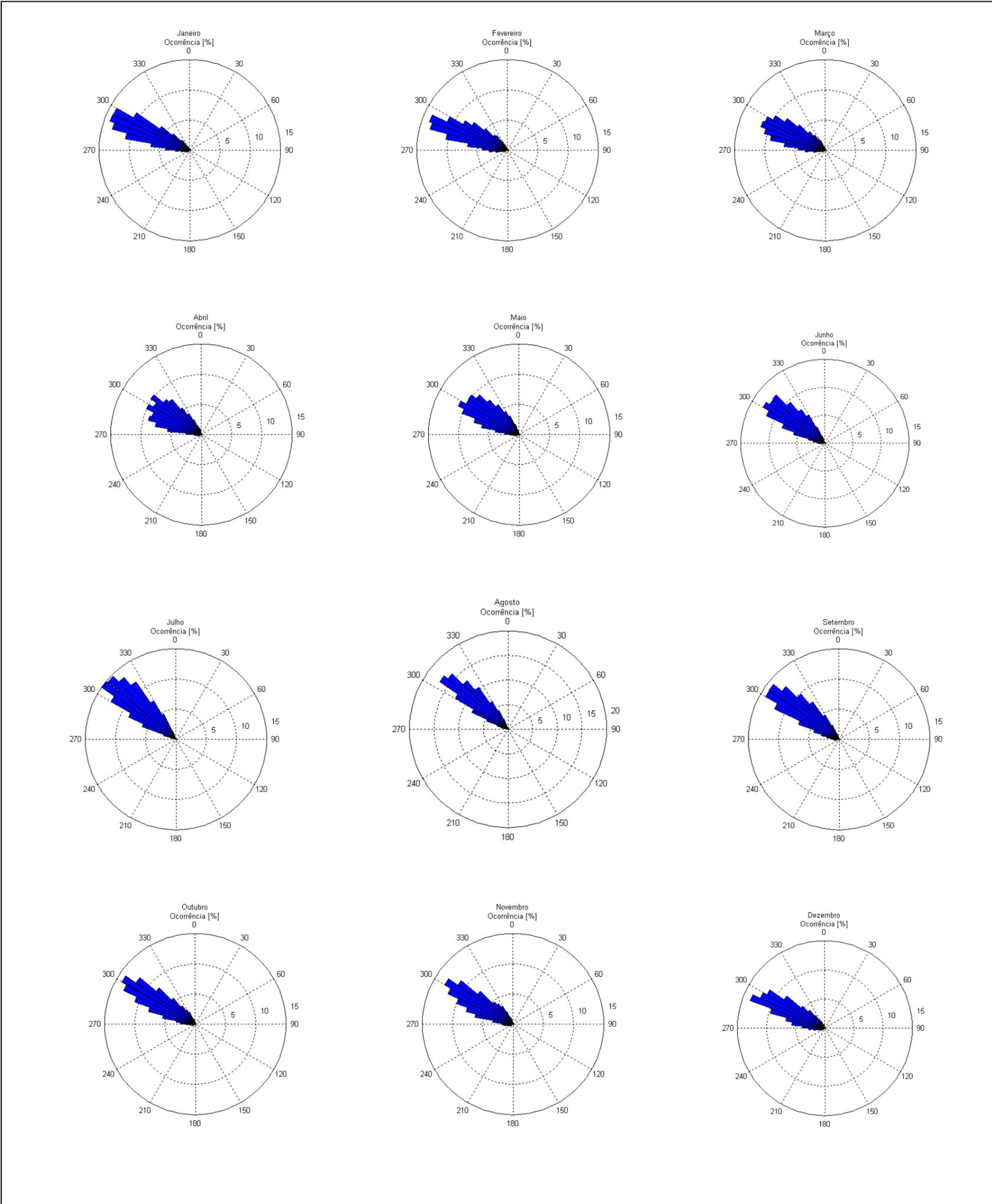


Figura B.3 – Histogramas polares de Dir, em classes de 5°, relativos ao clima de agitação marítima na zona de estudo, de 1952 a 2010.





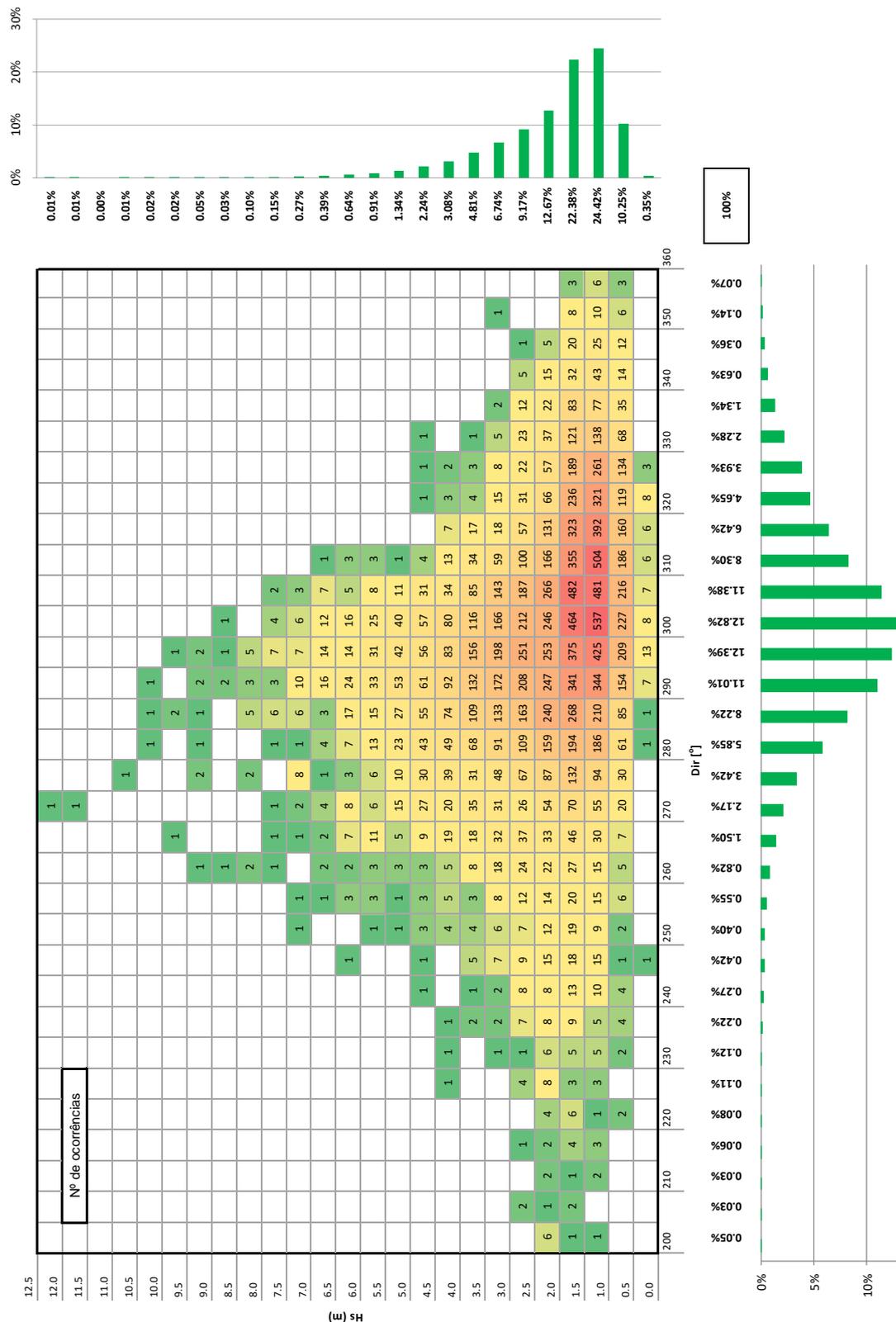


Figura B.5 – Histograma conjunto Dir-Hs, complementado com histogramas marginais de cada parâmetro, relativo ao regime de agitação marítima do presente estudo no período de 1984 a 1996.

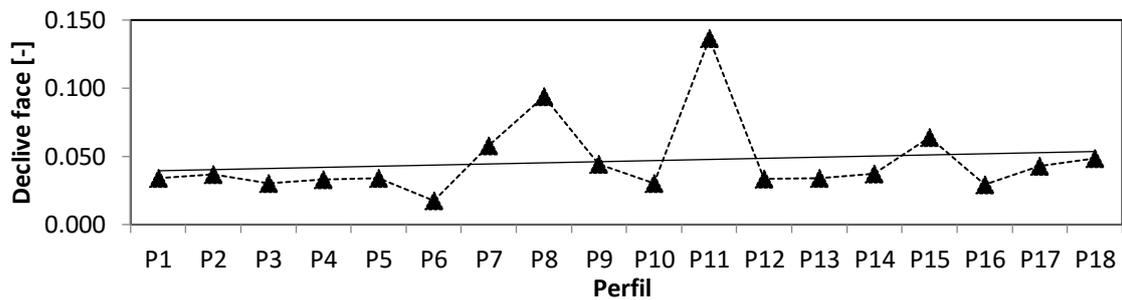


Figura B.6 – Declive da face de praia dos perfis P1 a P18, localizados na zona costeira delimitada pelas embocaduras dos rios Lis e Mondego, zona de estudo, adaptado de Oliveira (2014).

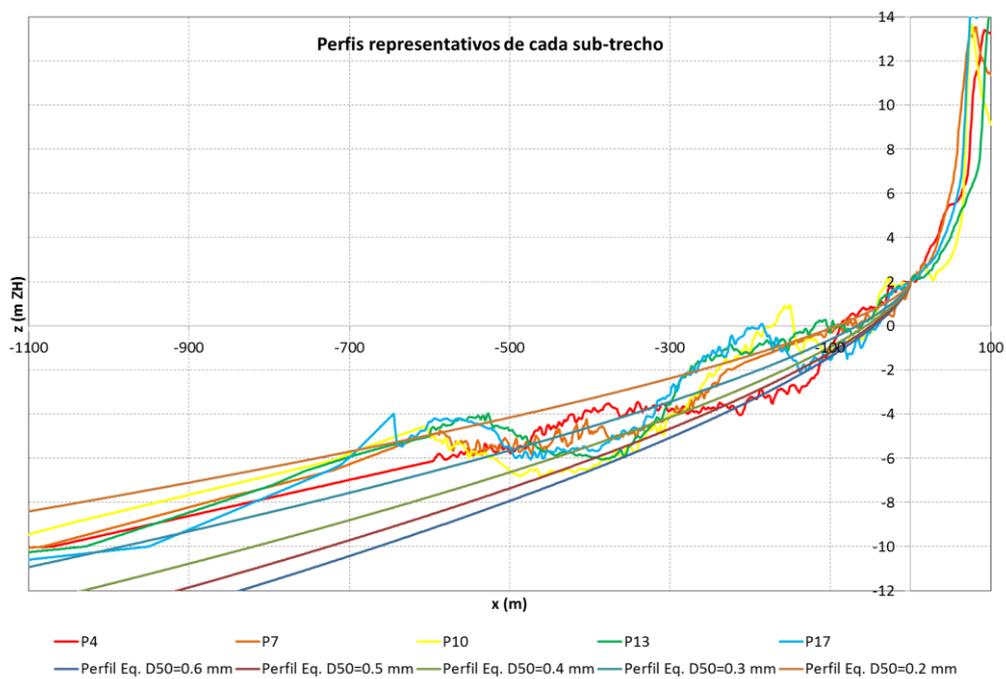


Figura B.7 – Perfis de praia representativos de cada sub-trecho da zona de estudo e perfis de equilíbrio para vários  $d_{50}$ , adaptado de Oliveira (2014).

Quadro B.1 – Parâmetros de caracterização dos casos em estudo para análise de sensibilidade ao transporte sedimentar induzido por eventos com duração de 6h.

| Parâmetro testado  | Caso       | H <sub>rms</sub> [m] | Dir [°N] | T <sub>z</sub> [s] | k x10 <sup>-3</sup> [m] | d <sub>50</sub> [mm] | Perfil | Qs [m <sup>3</sup> ] |
|--|------------|----------------------|----------|--------------------|-------------------------|----------------------|--------|----------------------|
| -  | Referência | 1.5                  | 299      | 9                  | 4.00                    | 0.3                  | P7     | - 1 168              |
| Altura de onda   | H05        | 0.5                  | 299      | 9                  | 4.00                    | 0.3                  | P7     | - 154                |
|  | H1         | 1                    |          |                    |                         |                      |        | - 522                |
|  | REF        | 1.5                  |          |                    |                         |                      |        | -1 168               |
|  | H2         | 2                    |          |                    |                         |                      |        | - 2 262              |
|  | H3         | 3                    |          |                    |                         |                      |        | - 6 542              |
|  | H4         | 4                    |          |                    |                         |                      |        | - 13 634             |
|  | H5         | 5                    |          |                    |                         |                      |        | - 23 481             |
|  | H6         | 6                    |          |                    |                         |                      |        | - 35 093             |
| Direção - obliquidade em relação à normal à LC (α <sub>0</sub> ) | D1         | 1.5                  | 0.5      | 9                  | 4.00                    | 0.3                  | P7     | - 142                |
|  | D2         |                      | 5        |                    |                         |                      |        | - 650                |
|  | D3         |                      | 10       |                    |                         |                      |        | - 1 235              |
|  | D4         |                      | 15       |                    |                         |                      |        | - 1 920              |
|  | D5         |                      | 20       |                    |                         |                      |        | - 2 576              |
|  | D6         |                      | 25       |                    |                         |                      |        | - 3 283              |
|  | D7         |                      | 30       |                    |                         |                      |        | - 3 948              |
|  | D8         |                      | 40       |                    |                         |                      |        | - 4 860              |
|  | D9         |                      | 50       |                    |                         |                      |        | - 5 174              |
|  | D10        |                      | 60       |                    |                         |                      |        | - 4 764              |
| Período de onda  | T5         | 1.5                  | 299      | 5                  | 4.00                    | 0.3                  | P7     | - 707                |
|  | T7         |                      |          | 7                  |                         |                      |        | - 976                |
|  | REF        |                      |          | 9                  |                         |                      |        | -1 168               |
|  | T11        |                      |          | 11                 |                         |                      |        | - 1 529              |
|  | T13        |                      |          | 13                 |                         |                      |        | - 1 449              |
|  | T15        |                      |          | 15                 |                         |                      |        | - 1 168              |
| Rugosidade de fundo  | R1         | 1.5                  | 299      | 9                  | 0.50                    | 0.3                  | P7     | - 1 887              |
|  | R2         |                      |          |                    | 0.75                    |                      |        | - 1 740              |
|  | R3         |                      |          |                    | 1.00                    |                      |        | - 1 634              |
|  | R4         |                      |          |                    | 1.50                    |                      |        | - 1 479              |
|  | REF        |                      |          |                    | 4.00                    |                      |        | -1 168               |
|  | R5         |                      |          |                    | 5.00                    |                      |        | - 1 116              |
|  | R6         |                      |          |                    | 10.00                   |                      |        | - 944                |
|  | R7         |                      |          |                    | 15.00                   |                      |        | - 846                |
| Diâmetro mediano dos sedimentos                                  | D02        | 1.5                  | 299      | 9                  | 4.00                    | 0.2                  | P7     | - 765                |
|  | REF        |                      |          |                    |                         | 0.3                  |        | -1 168               |
|  | D04        |                      |          |                    |                         | 0.4                  |        | - 1 525              |
|  | D05        |                      |          |                    |                         | 0.5                  |        | - 2 010              |
|  | D06        |                      |          |                    |                         | 0.6                  |        | - 2 304              |
| Morfologia - Perfil transversal                                  | P4         | 1.5                  | 299      | 9                  | 4.00                    | 0.3                  | P4     | - 1 233              |
|  | REF        |                      |          |                    |                         |                      | P7     | -1 168               |
|  | P10        |                      |          |                    |                         |                      | P10    | - 1 352              |
|  | P13        |                      |          |                    |                         |                      | P13    | - 1 121              |
|  | P17        |                      |          |                    |                         |                      | P17    | - 1 209              |

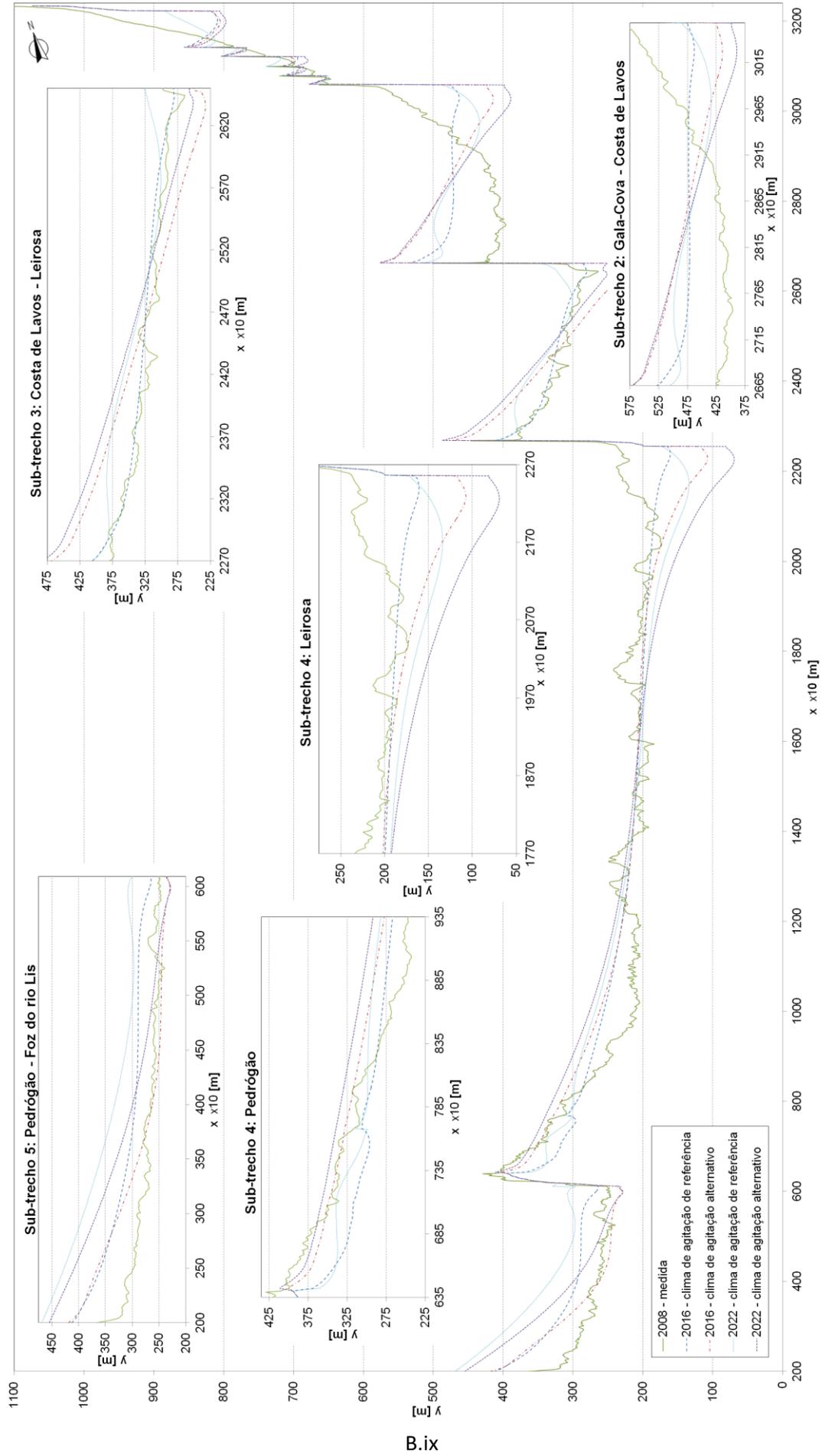


Figura B.8 – Resultados da previsão: linha de costa medida em 2008 e linhas de costa numéricas referentes a 2016 e 2022 (1 julho), obtidas para os cenários de clima de agitação marítima de referência e alternativo.

